

DEPOIS DA
MORTE

CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS

D459d Denis, Léon. 1846-1927.

Depois da Morte: explicação da doutrina dos espíritos: solução científica e racional dos problemas da vida e da morte; Natureza e destino do ser humano; as vidas sucessivas/ Léon Denis; Tradução de Maria Lucia Alcantara de Carvalho. — 3. ed. — Rio de Janeiro: CELD, 2011.

420 p.; 14 x 21cm.

ISBN 978 85 7297 373-1

Tradução de: *Après la Mort: (nouvelle édition revue et augmentée)*

1. Espiritismo. 2. Reencarnação. 3. Vida eterna.

I. Título.

99-1640.

CDD 133.9

CDU 133.7



DEPOIS DA MORTE

EXPLICAÇÃO DA
DOCTRINA DOS ESPÍRITOS

SOLUÇÃO CIENTÍFICA E RACIONAL
DOS PROBLEMAS DA VIDA E DA MORTE.
NATUREZA E DESTINO DO SER HUMANO.
AS VIDAS SUCESSIVAS.

SEMPER ASCENDENS
(SEMPRE PARA O ALTO)

*Tradução de
Maria Lucia Alcantara de Carvalho*

3ª Edição

CELD
Rio de Janeiro, 2011

DEPOIS DA MORTE

Léon Denis

Titulo do original francês:

APRÈS LA MORT

(NOUVELLE ÉDITION REVUE ET AUGMENTÉE)

3ª Edição: setembro de 2011;
1ª tiragem, do 6ª ao 7ª milheiro.

L 1661199

Tradução e revisão de originais:
Maria Lucia Alcantara de Carvalho

Revisão:
Teresa Cunha, Elizabeth Paiva e Barbara Santos

Capa:
Rogério Mota

Diagramação:
Luiz de Almeida Jr.

Composição e arte-final:
Márcio de Almeida e Luiz de Almeida Jr.

Para pedidos de livros, dirija-se ao
Centro Espírita Léon Denis
(Distribuidora)
Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210
Telefax (21) 2452-7700
E-mail: grafica@leondenis.com.br
Site: leondenis.com.br

Centro Espírita Léon Denis
Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290
CNPJ 27.291.931/0001-89
IE 82.209.980
Tel. (21) 2452-1846
E-mail: editora@celd.org.br
Site: www.celd.org.br

Remessa via Correios e transportadora.



Aos nobres e grandes espíritos que me revelaram o mistério augusto do destino, a lei de progresso na imortalidade, cujos ensinamentos reforçaram em mim o sentimento da justiça, o amor à sabedoria, o culto do dever; cujas vozes dissiparam minhas dúvidas, apaziguaram minhas inquietações; às almas generosas que me sustentaram na luta, consolaram na prova, que elevaram meu pensamento até as alturas luminosas onde reside a verdade, dedico estas páginas.

LÉON DENIS

APRÈS LA MORT

EXPOSÉ DE LA DOCTRINE DES ESPRITS

VALIDATION SCIENTIFIQUE ET RATIONNELLE DES PROBLÈMES
DE LA VIE ET DE LA MORT
NATURE ET DESTINÉE DE L'ÊTRE HUMAIN
LES VIES SUCCESSIVES

Deuxième édition.

TRENTE-DEUXIÈME MILLE

NOUVELLE ÉDITION REVUE ET AUGMENTÉE

PARIS

LIBRAIRIE DES SCIENCES PSYCHIQUES

43, RUE SAINT-JACQUES, 43

LÉON DENIS

DEPOIS DA MORTE

EXPLICAÇÃO DA DOCTRINA DOS ESPÍRITOS

SOLUÇÃO CIENTÍFICA E RACIONAL DOS PROBLEMAS
DA VIDA E DA MORTE
NATUREZA E DESTINO DO SER HUMANO
AS VIDAS SUCESSIVAS.

Sempre para o Alto.

TRIGÉSIMO-SEGUNDO MILHEIRO

NOVA EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA

PARIS

LIVRARIA DAS CIÊNCIAS PSÍQUICAS

RUA SAINT-JACQUES, 42

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Primeira Parte	
CRENÇAS E NEGAÇÕES	
I – A Doutrina Secreta. As Religiões	19
II – A Índia.....	29
III – O Egito	43
IV – A Grécia	51
V – A Gália	63
VI – O Cristianismo.....	73
VII – Materialismo e Positivismo	95
VIII – A Crise Moral	107
Segunda Parte	
OS GRANDES PROBLEMAS	
IX – O Universo e Deus.....	121
X – A Alma Imortal.....	141
XI – A Pluralidade das Existências.....	147
XII – O Objetivo da Vida	153
XIII – As Provas e a Morte.....	159
XIV – Objeções.....	165
Terceira Parte	
O MUNDO INVISÍVEL	
XV – A Natureza e a Ciência.....	173
XVI – Matéria e Força. Princípio Único das Coisas	177
XVII – Os Fluidos. O Magnetismo.....	181
XVIII – Fenômenos Espíritas	187
XIX – Testemunhos Científicos	191
XX – O Espiritismo na França.....	205
XXI – O Perispírito ou Corpo Fluídico	213
XXII – Os Médiuns.....	219
XXIII – A Evolução Anímica e Perispiritual.....	225
XXIV – Consequências Filosóficas e Morais.....	229
XXV – O Espiritismo e a Ciência.....	233
XXVI – Perigos do Espiritismo	237
XXVII – Charlatanismo e Venalidade	241
XXVIII – Utilidade dos Estudos Psicológicos	245

Quarta Parte

O ALÉM

XXIX – O Homem, Ser Psíquico.....	251
XXX – A Hora Derradeira.....	255
XXXI – O Julgamento.....	259
XXXII – A Vontade e os Fluidos.....	263
XXXIII– A Vida no Espaço.....	271
XXXIV– A Erraticidade.....	275
XXXV – A Vida Superior.....	279
XXXVI– Os Espíritos Inferiores.....	291
XXXVII– O Inferno e os Demônios.....	297
XXXVIII– Ação do Homem sobre os Espíritos Infelizes.....	301
XXXIX– Justiça, Solidariedade, Responsabilidade.....	305
XL – Livre-arbítrio e Providência.....	311
XLI – Reencarnação.....	315

Quinta Parte

O CAMINHO RETO

XLII – A Vida Moral.....	323
XLIII – O Dever.....	327
XLIV – Fé, Esperança, Consolações.....	333
XLV – O Orgulho, Riqueza e Pobreza.....	339
XLVI – O Egoísmo.....	347
XLVII – A Caridade.....	353
XLVIII – Paciência e Bondade.....	361
XLIX – O Amor.....	365
L – Resignação na Adversidade.....	369
LI – A Prece.....	379
LII – Trabalho, Sobriedade, Continência.....	387
LIII – O Estudo.....	393
LIV – A Educação.....	397
LV – Questões Sociais.....	401
LVI – A Lei Moral.....	407
Resumo.....	409
Conclusão.....	413

INTRODUÇÃO

Vi, deitadas nos seus sudários de pedra ou de areia, as cidades famosas da Antiguidade, Cartago, com brancos promontórios, as cidades gregas da Sicília, o campo de Roma, com seus aquedutos trincados e túmulos abertos, as necrópoles que dormem seu sono de vinte séculos sob a cinza do Vesúvio. Vi os últimos vestígios das cidades antigas, outrora formigueiros humanos, hoje, ruínas desertas que o sol do Oriente calcina com suas ardentes carícias.

Evoquei as multidões que se agitaram e viveram nesses lugares; vi-as desfilar diante do meu pensamento, com as paixões que as consumiram, seus ódios, seus amores, suas ambições desfalecidas, seus triunfos e seus reveses, fumaças levadas pelo sopro dos tempos. E disse a mim mesmo: eis no que se transformam os grandes povos, as capitais gigantes: algumas pedras amontoadas, montes desolados, sepulturas ensombreadas por raquíticos vegetais, nos ramos dos quais, o vento da tarde lança seu lamento. A História gravou as

DEPOIS DA MORTE

vicissitudes da sua existência, suas grandiosidades passageiras, sua queda final, mas a terra tudo encobriu. Quantas outras, cujos nomes são até desconhecidos; quantas cidades, raças, civilizações jazem para sempre sob o lençol profundo das águas, na superfície dos continentes tragados!

E me perguntava: por que essa agitação dos povos da Terra, por que estas gerações que se sucedem como camadas de areia trazidas, incessantemente, pela vaga para recobrir as camadas que as precederam; por que esses trabalhos, essas lutas, esses sofrimentos, se tudo deve conduzir ao túmulo? Os séculos, esses minutos da eternidade, viram passar nações e reinos e nada ficou de pé. A esfinge tudo devorou.

Na sua correria, para onde vai, então, o homem? Para o nada ou para uma luz desconhecida? A Natureza sorridente, eterna, enquadra nos seus esplendores os tristes restos dos impérios. Nela, nada morre, senão para renascer. Leis profundas, uma ordem imutável preside suas evoluções. O homem, com suas obras, é o único destinado ao nada, ao esquecimento?

A impressão produzida pelo espetáculo das cidades mortas, encontrei-a, mais pungente, diante do frio despojo de meus próximos, daqueles que partilharam da minha vida.

Um daqueles que você ama vai morrer. Debruçado sobre ele, o coração apertado, você vê estender-se, lentamente, sobre seus traços a sombra do Além. O fogo interior lança apenas pálidas e trêmulas luzes; e eis que se enfraquece ainda mais, depois se apaga. E agora, tudo o que, nesse ser, atestava a vida, esse olho que brilhava, essa boca que emitia sons, esses membros que se agitavam, tudo está velado, silencioso, inerte. Sobre esse leito fúnebre, há somente um cadáver! Que homem não se perguntou sobre a explicação desse mistério e, durante o velório, nesse colóquio solene com a morte, pôde

INTRODUÇÃO

não pensar no que o aguarda a si próprio? Este problema nos interessa a todos, pois todos nos submeteremos à lei. Importa-nos saber se, a essa hora, tudo está terminado, se a morte é apenas um melancólico repouso no aniquilamento ou, ao contrário, a entrada numa outra esfera de sensações.

Mas, em toda parte, problemas se levantam. Em toda parte, no vasto teatro do mundo, dizem certos pensadores, o sofrimento reina soberano, em toda parte, o agulhão da necessidade e da dor estimula a roda sem freio, a oscilação terrível da vida e da morte. De toda parte, eleva-se o grito de angústia do ser que se precipita no caminho que conduz ao desconhecido. Para ele, a existência parece apenas um perpétuo combate; a glória, a riqueza, a beleza, o talento, reinados de um dia. A morte passa, abate essas flores brilhantes e deixa somente hastes sem frescor. A morte é o ponto de interrogação colocado, constantemente diante de nós, a primeira das perguntas inumeráveis, cujo exame preocupou, causou o desespero das idades, a razão de ser de uma multidão de sistemas filosóficos.

Apesar desses esforços do pensamento, a obscuridade pesa ainda sobre nós. Nossa época se agita entre as sombras e o vazio, e procura, sem encontrar, um remédio para seus males. Os progressos materiais são imensos, mas, no seio das riquezas acumuladas pela civilização, pode-se ainda morrer de privação e de miséria. O homem não é nem mais feliz, nem melhor. No meio de seus rudes labores, nenhum ideal elevado, nenhuma noção clara do destino o sustenta mais; daí, suas quedas morais, seus excessos, suas revoltas. A fé do passado extinguiu-se; o ceticismo, o materialismo substituíram-na, e, sob seus sopros, o fogo das paixões, dos apetites, dos desejos, crescem. Convulsões sociais ameaçam-nos.

DEPOIS DA MORTE

Às vezes, atormentado pelo espetáculo do mundo e as incertezas do futuro, o homem ergue seu olhar para o céu e pergunta-lhe a verdade. Interroga, silenciosamente, a Natureza e seu próprio espírito. Reclama da Ciência seus segredos, da religião seus entusiasmos. Mas a Natureza parece-lhe muda e as respostas do sábio e do religioso não satisfazem sua razão e seu coração. Entretanto, há uma solução para os seus problemas, uma solução maior, mais racional, mais consoladora que todas aquelas oferecidas pelas doutrinas e as filosofias atuais, e esta solução repousa sobre as bases mais sólidas que se pode conceber: o testemunho dos sentidos e a experiência da razão.

No mesmo instante em que o materialismo atingiu seu apogeu e espalhou por toda parte a ideia do nada, uma Ciência, uma crença nova, apoiada sobre os fatos, aparece. Ela oferece ao pensamento um refúgio onde encontra, afinal, o conhecimento das leis eternas de progresso e de justiça. Uma florada de ideias que se acreditavam mortas, e que apenas adormeciam, produz-se e anuncia uma renovação intelectual e moral. Doutrinas, que foram a alma das civilizações passadas, renascem sob uma forma engrandecida, e numerosos fenômenos, durante longo tempo desdenhados, mas que alguns sábios entreveem, afinal, a importância, vêm oferecer-lhes uma base de demonstração e de certeza. As práticas do magnetismo, do hipnotismo, da sugestão; mais ainda, os estudos de Crookes, Russel Wallace, Lodge, Aksakof, Paul Gibier, de Rochas, Myers, Lombroso, etc., sobre fatos de ordem física, fornecem novos dados para a solução do grande problema. Abrem-se perspectivas, formas de existência se revelam nos meios onde não se supunha mais observá-las. E destas pesquisas, desses estudos, dessas descobertas saem uma concepção do mundo e da vida; um

INTRODUÇÃO

conhecimento das leis superiores, uma afirmação da justiça e da ordem universais, bem feitas para despertar no coração do homem, com uma fé mais firme e mais esclarecida no futuro, um sentimento profundo dos seus deveres e um real interesse pelos seus semelhantes.

É essa doutrina, capaz de transformar a face das sociedades, que oferecemos aos pesquisadores de todas as ordens e de todas as fileiras. Ela já foi divulgada em numerosos volumes. Acreditamos dever resumi-la nessas páginas, sob uma forma diferente, dirigindo àqueles que estão cansados de viver como cegos, ignorando a si mesmos, àqueles a quem não satisfazem mais as obras de uma civilização material, toda superficial, e que aspiram a uma ordem de coisas mais elevada. É sobretudo para vocês, filhos e filhas do povo, trabalhadores cuja estrada é áspera, a existência difícil, para quem o céu é mais escuro, mais frio o vento da adversidade; é para vocês que este livro foi escrito. Ele não lhes traz toda a ciência, — o cérebro humano não saberia contê-la, — mas pode ser um degrau a mais na direção da verdadeira luz. Provando-lhes que a vida não é uma ironia da sorte, nem o resultado de um estúpido acaso, mas a consequência de uma lei justa e equitativa; abrindo-lhes as perspectivas riosas do futuro, ele fornecerá um móvel mais nobre às suas ações, fará brilhar um raio de esperança na noite das suas incertezas, aliviará o fardo das suas provas e lhes ensinará a não tremer diante da morte. Abram-no com confiança, leiam-no com atenção, pois ele emana de um homem que, acima de tudo, quer o seu bem.

Entre vocês, muitos, talvez, rejeitarão nossas conclusões; apenas um pequeno número aceitá-las-ão. Que importa? Não procuramos o sucesso. Um único móvel nos inspira: o respeito, o amor da verdade. Uma única ambição nos anima:

DEPOIS DA MORTE

gostaríamos de, quando nosso envoltório usado retornar à terra, que nosso espírito imortal possa dizer: “Minha passagem neste mundo não terá sido estéril se contribuí para acalmar uma dor, esclarecer uma inteligência em busca do verdadeiro, reconfortar uma única alma vacilante e entristecida”.



PRIMEIRA PARTE

CRENÇAS E NEGAÇÕES

I

A DOCTRINA SECRETA . AS RELIGIÕES

Quando se lança um olhar abrangente sobre o passado, quando se evoca a lembrança das religiões desaparecidas, crenças extintas, se é tomado por uma espécie de vertigem no aspecto das vias sinuosas percorridas pelo pensamento humano. Lenta é a sua marcha. Parece, primeiramente, comprazer-se nas criptas escuras da Índia, nos templos subterrâneos do Egipto, nas catacumbas de Roma, na luz fraca das catedrais; parece preferir os lugares soturnos, a atmosfera pesada das escolas, o silêncio dos claustros à luz do céu, aos espaços livres, em uma palavra, ao estudo da Natureza.

Um primeiro exame, uma comparação superficial das crenças e das superstições do passado conduz, inevitavelmente, à dúvida. Mas, se se afasta o véu exterior e brilhante que escondia da multidão os grandes mistérios, se se penetra no santuário da ideia religiosa, encontramos-nos na presença de um fato de envergadura considerável. As formas materiais,

DEPOIS DA MORTE

as cerimônias dos cultos tinham como objetivo chocar a imaginação do povo. Atrás desses véus, as religiões antigas apareciam sob um outro aspecto; revestiam um caráter grave, elevado, ao mesmo tempo científico e filosófico.

Seu ensino era duplo: exterior e público, de um lado, interior e secreto, de outro, e, neste caso, reservado, unicamente, aos iniciados. Este pôde ser reconstituído, recentemente, nas suas grandes linhas, através da sequência de pacientes estudos e de numerosas descobertas epigráficas.¹ Desde então, a obscuridade e a confusão que reinavam nas questões religiosas dissiparam-se, a harmonia se fez com a luz. Adquiriu-se a prova de que todos os ensinos do passado se religam, que uma única e mesma doutrina encontra-se na sua base, doutrina transmitida de idade em idade a uma longa sequência de sábios e pensadores.

Todas as grandes religiões tiveram duas faces, uma aparente, a outra, secreta. Nessa é o espírito; naquela, a forma ou a letra. Sob o símbolo material, o sentido profundo dissimula-se. O bramanismo na Índia, o hermetismo no Egito, o politeísmo grego, o próprio Cristianismo, em sua origem, apresenta esse duplo aspecto. Julgá-las pelo seu lado exterior e vulgar é julgar o valor moral de um homem pelas suas vestimentas. Para conhecê-las, é necessário penetrar no pensamento íntimo que as inspira e faz sua razão de ser; do seio dos mitos e dos dogmas, é necessário separar o princípio gerador que lhes comunica a força e a vida. Então, descobre-se a doutrina única, superior, imutável, da qual as religiões humanas são apenas adaptações imperfeitas e transitórias, proporcionadas às necessidades dos tempos e dos meios.

¹ Ver Max Müller, *Ensaio sobre a História das Religiões*; Saint-Yves d'Alveydres, *A Missão dos Judeus*; Ed. Schuré, *Os Grandes Iniciados*. (Nota do Autor; suas notas seguintes conterão apenas as iniciais N.A.)

A DOCTRINA SECRETA. AS RELIGIÕES

Tem-se, na nossa época, uma concepção do Universo absolutamente exterior e material. A Ciência moderna, nas suas investigações, limitou-se a acumular o maior número de fatos, para daí retirar as leis. Obteve, assim, maravilhosos resultados; mas, nesse caso, o conhecimento dos princípios, das causas primeiras e da verdade permanecerá para ela para sempre inacessível. As causas segundas, elas próprias, escapam-lhe. O domínio invisível da vida é mais vasto do que aquele que é abrangido pelos nossos sentidos; ali, reinam essas causas das quais vemos apenas os efeitos.

A Antiguidade tinha uma outra maneira de ver e de proceder. Os sábios do Oriente e da Grécia não desprezavam observar a natureza exterior, mas é sobretudo no estudo da alma, das suas potências íntimas, que descobriam os princípios eternos. A alma era para eles como um livro, onde se inscreviam em caracteres misteriosos todas as realidades e todas as leis. Pela concentração das faculdades, pelo estudo meditativo e profundo de si mesmo, elevavam até a Causa sem causa, até o Princípio de onde derivam os seres e as coisas. As leis inatas da inteligência explicavam-lhes a ordem e a harmonia da Natureza, como o estudo da alma dava-lhes a chave dos problemas da vida.

A alma, criam eles, colocada entre dois mundos, o visível e o oculto, o material e o espiritual, observando-os, penetrando em todos dois, é o instrumento supremo do conhecimento. Segundo seu grau de avanço e de pureza, ela reflete, com mais ou menos intensidade, os raios do foco divino. A razão e a consciência não guiam apenas nossos julgamentos e nossos atos; são, também, os meios mais seguros para conquistar e possuir a verdade.

A vida inteira dos iniciados era consagrada a essas pesquisas. Não se limitava, como nos nossos dias, a preparar a

DEPOIS DA MORTE

juventude através dos estudos prematuros, insuficientes, mal dirigidos, às lutas e aos deveres da existência. Os adeptos eram escolhidos, preparados desde a infância à carreira que deviam servir, depois, arrastados gradualmente na direção dos cumes intelectuais de onde se pode dominar e julgar a vida. Os princípios da ciência secreta lhes eram passados numa medida proporcional ao desenvolvimento da sua inteligência e das suas qualidades morais. A iniciação era uma reforma completa do caráter, um despertar das faculdades adormecidas. O adepto só participava dos grandes mistérios, quer dizer, da revelação das leis superiores quando tivesse sabido apagar em si mesmo o fogo das paixões, comprimir os desejos impuros, orientar os impulsos de seu ser em direção ao Bem e ao Belo. Entrava, então, na posse de certos poderes sobre a Natureza e comunicava-se com as potências ocultas do Universo.

Os testemunhos da História que se referem a Apolônio de Tiana e Simão, o Mago, os fatos, tidos como miraculosos, efetuados por Moisés e o Cristo, não deixam subsistir nenhuma dúvida sobre esse ponto. Os iniciados conheciam o segredo das forças fluídicas e magnéticas. Os fenômenos do sonambulismo e do psiquismo, no meio dos quais se debatem os sábios dos nossos dias, na sua impotência para explicá-los ou para conciliá-los com teorias preconcebidas,² este domínio, a ciência oriental dos santuários tinham-no explorado e tinham todas as chaves. Encontrava, ali, meios de ação, tornados incompreensíveis para o vulgo, mas cujos fenômenos do Espiritismo, nos forneceria, facilmente, a explicação.

² Ver Ochorowitz, *A Sugestão Mental*. (N.A.)

A DOCTRINA SECRETA. AS RELIGIÕES

Nessas experiências fisiológicas, a ciência contemporânea chegou à soleira desse mundo oculto, conhecido dos antigos. Até aqui, não ousou aí penetrar francamente, mas está próximo o dia em que a força das coisas e o exemplo dos audaciosos para lá a constrangerão. Então, reconhecerá que não há, nesses fatos que regem leis rigorosas, nada de sobrenatural, mas, ao contrário, um lado ignorado da Natureza, uma manifestação das forças sutis, um aspecto novo da vida que enche o Infinito.

Se do domínio dos fatos passamos ao dos princípios, teremos, primeiramente, que traçar novamente as grandes linhas da doutrina secreta. Segundo ela, a vida é apenas a evolução do espírito, no tempo e no espaço, única realidade permanente. A matéria é sua expressão inferior, sua forma mutante. O Ser por excelência, fonte de todos os seres, é Deus, ao mesmo tempo triplo e um, substância, essência e vida, em quem se resume todo o Universo. Daí, o deísmo trinitário que, da Índia e do Egito, passou, disfarçado, para a doutrina cristã: esta, dos três elementos do ser, fez pessoas. A alma humana, parcela da grande alma, é imortal. Progride e retorna na direção do seu autor, através das existências numerosas, alternadamente terrestres e espirituais, e através de um aperfeiçoamento contínuo. Nas encarnações corporais, ela constitui o homem, cuja natureza tríplice, corpo, perispírito e alma, torna-se um microcosmo ou um pequeno mundo, imagem reduzida do macrocosmo ou do Todo. É por esse motivo que podemos encontrar Deus, no mais profundo do nosso ser, perguntando-nos na solidão, estudando e desenvolvendo nossas faculdades latentes, nossa razão e nossa consciência. A vida universal tem duas faces: a involução, ou a descida do espírito na matéria pela criação individual; e a evolução, ou ascensão gradual pela cadeia das existências, em direção à Unidade Divina.

DEPOIS DA MORTE

A essa filosofia agrupava-se todo um feixe de ciências: a ciência dos números ou matemáticas sagradas, a teogonia, a cosmogonia, a psicologia e a física. Nelas, o método indutivo e o método experimental combinavam-se e controlavam-se de maneira a formar um conjunto imponente e harmônico.

Este ensino abria ao pensamento perspectivas capazes de provocar vertigem nos espíritos mal preparados. Reservava-se, por isso, para os fortes. Se a vista do Infinito perturba e enlouquece as almas débeis, fortifica e engrandece os valentes. No conhecimento das leis superiores, haurem a fé esclarecida, a confiança no futuro, a consolação na infelicidade. Esse conhecimento auxilia os fracos, e todos aqueles que se agitam ainda nos círculos inferiores da existência, vítimas das paixões e da ignorância. Inspira a tolerância para com todas as crenças. O iniciado sabia unir-se a todos e orar com todos. Honrava Brahma na Índia, Osiris em Memfis, Júpiter em Olímpia, como imagens enfraquecidas do Poder Supremo, diretor das almas e dos mundos. Assim, a verdadeira religião eleva-se acima de todas as crenças e não proscree nenhuma.

O ensino dos santuários produziu homens verdadeiramente prestigiosos pela elevação das ideias e o poder das obras realizadas, uma elite de pensadores e de homens de ação, cujos nomes encontram-se em todas as páginas da História. Daí saíram os grandes reformadores, os fundadores das religiões, os ardentes semeadores de ideias: Krishna, Zoroastro, Hermes, Pitágoras, Platão, Jesus e todos aqueles que quiseram colocar ao alcance da multidão as verdades sublimes que faziam sua superioridade. Lançaram aos ventos a semente que fecunda as almas, promulgaram a lei moral, imutável, em toda parte e sempre semelhante a si mesma.

Mas os discípulos não souberam guardar intacta a herança dos mestres. Estando mortos aqueles, seu ensino

A DOCTRINA SECRETA. AS RELIGIÕES

foi desnaturado, tornando-se irreconhecível pelas alterações sucessivas. A média dos homens não estava apta para perceber as coisas do espírito e as religiões perderam depressa sua simplicidade e sua pureza primitivas. As verdades que traziam foram afogadas sob os detalhes de uma interpretação grosseira e material. Abusou-se dos símbolos para chocar a imaginação dos crentes, e logo, sob o símbolo, a ideia mãe foi sepultada e esquecida.

A verdade é comparável a essas gotas de chuva que tremem na extremidade de um galho. Enquanto permanecem ali suspensas, brilham como puros diamantes sob o clarão do dia, logo que tocam o solo, misturam-se a todas as impurezas. Tudo o que vem do alto suja-se ao contato terrestre. Até no seio dos templos, o homem levou suas paixões, suas cobiças, suas misérias morais. Além disso, em cada religião, o erro, esse bem da Terra, mistura-se à verdade, esse bem do Céu.

*
* *

Pergunta-se, às vezes, se a religião é necessária. A religião,³ bem compreendida, deveria ser um laço unindo os homens entre si e unindo-os através de um mesmo pensamento ao princípio superior das coisas.

Há na alma um sentimento natural que a leva em direção a um ideal de perfeição no qual se identifica o Bem e a Justiça. Se ela fosse esclarecida pela Ciência, fortificada pela razão, apoiada na liberdade de consciência, esse sentimento, o mais nobre que se pode experimentar, tornar-se-ia o móvel de grandes e generosas ações; mas embaciado, falseado, materializado, tornou-se muito frequentemente um instrumento de dominação egoísta, pelos cuidados da teocracia.

³ Do latim *religare*, religar, unir. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

A religião é necessária e indestrutível, pois ela haure sua razão de ser na própria natureza do ser humano, da qual resume e exprime as aspirações elevadas. Ela é, também, a expressão das leis eternas, e, nesse ponto de vista, deve se confundir com a Filosofia, que faz passar do domínio da teoria ao da execução, e torna-se viva e operante.

Mas, para exercer uma influência salutar, para voltar a ser um móvel de elevação e de progresso, a religião deve despojar-se dos disfarces de que se revestiu através dos séculos. O que deve desaparecer, não é o seu princípio, são, com os mitos obscuros, as formas exteriores e materiais. É preciso ter o cuidado de não confundir coisas tão dissemelhantes.

A verdadeira religião não é uma manifestação exterior, é um sentimento, e é no coração humano que está o verdadeiro templo do Eterno. A verdadeira religião não poderia ser limitada a regras, nem ritos acanhados. Não tem necessidade nem de fórmulas nem de imagens; ela pouco se importa com os simulacros e formas de adoração, e só julga os dogmas pela sua influência sobre o aperfeiçoamento das sociedades. A verdadeira religião abrange todos os cultos, todos os sacerdócios, eleva-se acima deles e lhes diz: A verdade é mais alta!

Deve-se compreender, entretanto, que todos os homens não estão no estado de atingir esses cumes intelectuais. É por isso que a tolerância e a benevolência se impõem. Se o dever nos convida a desligar os bons espíritos dos aspectos vulgares da religião, é preciso abster-nos de lançar pedras às almas sofredoras, banhadas em lágrimas, incapazes de assimilar noções abstratas, e que encontram na sua fê inocente sustento e reconforto.

Todavia, pode-se constatar que o número dos crentes sinceros diminui dia a dia. A ideia de Deus, antes simples e grande nas almas, foi desnaturada pelo medo do inferno;

A DOCTRINA SECRETA. AS RELIGIÕES

perdeu seu poder. Na impossibilidade de elevar-se até o absoluto, certos homens acreditaram ser necessário adaptar à sua forma e à sua medida tudo o que queriam conceber. É assim que rebaixaram Deus ao seu próprio nível, emprestando-lhe suas paixões e suas fraquezas, diminuindo a Natureza e o Universo, e, sob o prisma de sua ignorância, decompondo em cores diversas o puro raio da verdade.

As claras noções da religião natural foram obscurecidas pelo prazer. A ficção e a fantasia engendraram o erro, e este, congelado no dogma, levantou-se como um obstáculo no caminho dos povos. A luz foi velada por aqueles que se acreditavam os depositários, e as trevas em que queriam envolver os outros, fizeram-se neles e em torno deles. Os dogmas perverteram o sentido religioso, e o interesse de casta falseou o senso moral. Daí, um amontoado de superstições, de abusos, de práticas idólatras, cujo espetáculo projetou tantos homens na negação.

A reação, entretanto, se anuncia. As religiões imobilizadas nos seus dogmas como múmias sob suas bandagens, enquanto tudo caminha e evolui em torno delas, enfraquecem-se a cada dia. Perderam quase toda influência sobre os costumes e a vida social e estão destinadas a morrer; mas como todas as coisas, as religiões morrem apenas para renascer. A ideia que os homens fazem da verdade se modifica e se amplia com os tempos. É por isso que as religiões, que são manifestações temporárias, vistas parciais da eterna verdade, devem transformar-se, já que fizeram sua obra e não respondem mais aos progressos e às necessidades da Humanidade. À medida que esta avança no seu caminho, é-lhe necessário novas concepções, um ideal mais elevado, e ela as encontra nas descobertas da Ciência e nas intuições engrandecedoras do pensamento.

DEPOIS DA MORTE

Chegamos a um momento da História em que as religiões envelhecidas abatem-se nas suas bases, em que uma renovação filosófica e social se prepara. O progresso material e intelectual chama o progresso moral. Um mundo de inspirações agita-se nas profundezas das almas, esforça-se para tomar forma e nascer na vida. O sentimento e a razão, essas duas grandes forças, imperecíveis como o espírito humano, do qual elas são os atributos, forças até aqui hostis e que perturbaram a sociedade nos seus conflitos, tendem, afinal, a se aproximar. A religião deve perder seu caráter dogmático e sacerdotal para tornar-se científica; a Ciência desligar-se-á dos baixios materialistas para esclarecer-se com um raio divino. Uma doutrina vai surgir, idealista nas suas tendências, positiva e experimental no seu método, apoiada nos fatos indeléveis. Sistemas opostos na aparência, filosofias contraditórias e inimigas, o espiritualismo e o naturalismo, por exemplo, nela encontrarão um terreno de reconciliação. Síntese poderosa, ela abraçará e religará todas as concepções variadas do mundo e da vida, raios rompidos, faces diversas da verdade.

Isso será a ressurreição, sob a forma mais completa, tornada acessível a todos, da doutrina secreta que conheceu o passado, o advento da religião natural, que renascerá simples e pura. A religião passará pelos atos, pelo desejo ardente do bem; o holocausto será o sacrifício das nossas paixões, o aperfeiçoamento do espírito humano. Assim será a religião superior, definitiva, universal, no seio da qual se fundirão, como rios no oceano, todas as religiões passageiras, contraditórias, causas muito frequentes de divisão e de discórdias para a Humanidade.



II

A ÍNDIA

Dissemos que a doutrina secreta encontrava-se no fundo de todas as grandes religiões e nos livros sagrados de todos os povos. De onde veio ela? Qual a sua fonte? Quais os primeiros homens que a conceberam, e depois a transcreveram? As mais antigas Escrituras são aquelas que resplandecem nos céus.⁴ Esses mundos estelares que, através das noites silenciosas, deixam cair suas serenas claridades, constituem as Escrituras eternas e divinas das quais fala Dupuis na sua obra sobre a origem dos cultos. Os homens, sem dúvida, consultaram-nas antes de escrever, mas os primeiros livros nos quais encontra-se exposta a grande doutrina são os *Vedas*. É nos *Vedas*, cuja idade não pôde ser estabelecida, que se formou a religião primitiva da Índia, religião inteiramente patriarcal, simples como a existência do homem despojado de paixões, vivendo uma vida serena e forte, em contato com a Natureza esplêndida do Oriente.

⁴ Os signos do Zodíaco. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Os hinos védicos igualam-se em grandeza, em elevação moral, a tudo o que o sentimento poético engendrou de mais belo na sucessão dos tempos. Celebram Agni, o fogo, símbolo do Eterno Masculino ou Espírito Criador; Sômâ, o licor do sacrifício, símbolo do Eterno Feminino, Alma do Mundo, substância etérea. Na sua união perfeita, estes dois princípios essenciais do Universo constituem o Ser Supremo, Zyaus ou Deus.

O Ser Supremo imola-se a si próprio e divide-se para produzir a vida universal. Assim, o mundo e os seres, saídos de Deus, retornam a Deus através de uma evolução constante. Daí, a teoria da queda e a reascensão das almas, que se encontra no Ocidente.

O sacrifício do fogo resume o culto védico. Ao alvorecer, o chefe da família, ao mesmo tempo pai e sacerdote, acendia a chama sagrada sobre o altar de terra, e, com ela, subia alegre para o céu azul, a prece, a invocação de todos à força única e viva que o véu transparente da Natureza recobre.

Enquanto efetua-se o sacrifício, dizem os *Vedas*, os Assouras, ou espíritos superiores e os Pitris, almas dos ancestrais, envolvem os assistentes e associam-se às suas preces.

Assim, a crença nos espíritos remonta às primeiras idades do mundo.

Os *Vedas* afirmavam a imortalidade da alma e a reencarnação.

“Há uma parte imortal do homem, é ela, oh! Agni, que é preciso aquecer com teus raios, inflamar com tuas luzes. — De onde nasceram as almas? Umas vêm até nós e daqui retornam; as outras se vão e tornam a voltar.”

Os *Vedas* são monoteístas; as alegorias que aí se encontram a cada página apenas dissimulam a imagem da grande causa primária, cujo nome, cercado de um santo respeito,

A ÍNDIA

não podia ser pronunciado sob pena de morte. Quanto às divindades secundárias ou *devas*, personificam os auxiliares inferiores do ser divino, as forças da Natureza e as qualidades morais. Do ensino dos *Vedas* decorria toda a organização da sociedade primitiva, o respeito à mulher, o culto dos antepassados, o poder eletivo e patriarcal.

Na época védica, na solidão dos bosques, à margem dos rios e dos lagos, anacoretas ou *rishis* passavam seus dias no retiro. Intérpretes da ciência oculta, da doutrina secreta dos *Vedas*, já possuíam estes misteriosos poderes, transmitidos de um século a outro, e dos quais ainda desfrutavam os *faquires* e os *iogues*. Dessa confraria de solitários saiu o pensamento criador, a impulsão primeira que fez do brahmanismo a mais colossal das teocracias.

Krishna, educado pelos ascetas no seio das florestas de cedros que dominavam os cumes nevados do Himalaia, foi o inspirador das crenças hindus. Esta grande figura aparece na História como a do primeiro dos reformadores religiosos, dos missionários divinos. Ele renovou as doutrinas védicas, apoiando-as na ideia da Trindade, na da alma imortal e seus renascimentos sucessivos. Depois de ter selado sua obra com seu próprio sangue, partiu da Terra, deixando à Índia esta concepção do Universo e da vida, este ideal superior sob cujo signo tem vivido há milhares de anos.

Sob nomes diversos, esta doutrina expandiu-se pelo mundo através de todas as migrações de homens, da qual a alta região da Índia foi a fonte. Essa terra sagrada não é somente a mãe dos povos e das civilizações; ela é, também, o foco das mais altas inspirações religiosas.

Krishna, cercado por um grupo de discípulos, ia de cidade em cidade espalhar seu ensinamento:

DEPOIS DA MORTE

“O corpo, dizia ele,⁵ envoltório da alma que aí faz sua morada, é uma coisa finita, mas a alma que o habita é invisível, imponderável e eterna.”

“A sorte da alma depois da morte constitui o mistério dos renascimentos. Como as profundezas do céu abrem-se aos raios das estrelas, assim, as profundezas da vida clareiam-se à luz dessa verdade.”

“Quando o corpo está dissolvido, quando a sabedoria é que o domina, a alma eleva-se para as regiões desses seres puros que têm o conhecimento do Altíssimo. Quando é a paixão que o domina, a alma vem novamente habitar entre aqueles que estão presos às coisas da Terra. Assim também a alma, obscurecida pela matéria e pela ignorância, é atraída de novo para o corpo dos seres irracionais.”

“Todo renascimento, feliz ou infeliz, é a consequência das obras praticadas nas vidas anteriores.”

“Mas há um mistério maior ainda. Para alcançar a perfeição, é preciso conquistar a ciência da Unidade, que está acima da sabedoria; é preciso elevar-se ao ser divino, que está acima da alma e da inteligência. Este ser divino está, também, em cada um de nós:

Carregas contigo um amigo sublime que não conheces, pois Deus reside no interior de todo homem, mas poucos sabem encontrá-lo. O homem faz o sacrifício de dominar seus impulsos e oferece suas obras ao Ser de onde procedem os princípios de todas as coisas e por quem o Universo foi formado, obtém pelo seu sacrifício a perfeição, pois aquele que encontra em si mesmo sua felicidade, sua alegria, sua própria luz, está com Deus. Ora, saibam-no, a alma que

⁵ *Baghavadgita*, trad.: de Émile Burnouf, C. Schlegel e Wilkins. (N.A.)

A ÍNDIA

encontrou Deus está livre do renascimento e da morte, da velhice e da dor, bebe a água da imortalidade.

Krishna falava da sua própria natureza e da sua missão nos termos em que é bom meditar. Dirigindo-se aos seus discípulos:

Vocês e eu, dizia ele, tivemos várias encarnações. As minhas apenas eu conheço, mas vocês não conhecem as suas. Já que não estou mais, pela minha natureza, sujeito a nascer ou morrer, todas as vezes que a virtude declina no mundo, e que o vício e a injustiça o arrastam, então, torno-me visível, e assim, mostro-me de idade em idade, para a salvação do justo, o castigo do mau e o restabelecimento da virtude.

Revelei-lhes os grandes segredos. Digam apenas àqueles que podem compreender. Vocês são meus eleitos, vocês veem o objetivo, a multidão vê apenas um trecho do caminho.⁶

Por essas palavras, estava fundada a doutrina secreta. Apesar das alterações sucessivas que terá que sofrer, permanecerá como a fonte de vida, onde, na obscuridade e no silêncio, beberão todos os grandes pensadores da Antiguidade.

A moral de Krishna não era menos pura:

Os males que infligimos ao nosso próximo nos perseguem, assim como nossa sombra segue nosso corpo. — As obras inspiradas pelo amor aos nossos semelhantes são aquelas que mais pesarão na balança celeste. — Se caminhas com os bons, teus exemplos serão inúteis; não temas viver entre os maus para reconduzi-los ao bem. — O homem virtuoso é semelhante à árvore gigantesca cuja sombra benfeitora dá às plantas que a cercam o frescor e a vida.

⁶ *Baghavadgita.* (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Sua linguagem elevava-se até o sublime quando falava da abnegação e do sacrifício:

“O homem honesto deve tombar sob os golpes dos maus como o sândalo que, quando é abatido, perfuma o machado que o golpeou.”

Quando os sofistas pediram-lhe que lhes explicasse a natureza de Deus, ele respondeu:

“Apenas o Infinito e o Espaço podem compreender o Infinito. Só Deus pode compreender Deus.”

Dizia ainda:

“Nada daquilo que É pode perecer, pois tudo o que É está contido em Deus. Assim, os sábios não lamentam nem os vivos nem os mortos. Pois, nunca deixarei de ser, nem tu, nem homem algum, e nunca deixaremos de existir, nós todos, além da vida presente”.⁷

Sobre a comunicação com os espíritos:

“Muito tempo antes de se despojarem de seu envoltório mortal, as almas que só o bem praticaram, adquirem a faculdade de conversar com as almas que as precederam na vida espiritual (*swarga*).”⁸

É o que afirmam ainda os brâmanes dos nossos dias através da doutrina de Pitris. Em todos os tempos, a evocação dos mortos foi uma das formas de sua liturgia.

Tais são os principais pontos do ensino de Krishna, que se encontram nos livros sagrados, no fundo dos santuários do Sul do Indústão.

No princípio, a organização social da Índia foi calçada pelos brâmanes sobre suas concepções religiosas. Eles dividiram a sociedade em três classes, segundo o sistema ternário; mas pouco a pouco, esta organização degenerou

⁷ *Mahabarata*, trad. H. Fauche. (N.A.)

⁸ *Baghavadgita*. (N.A.)

A ÍNDIA

em privilégios sacerdotais e aristocráticos. A hereditariedade impôs seus limites estreitos e rígidos às aspirações de todos. A mulher, livre e honrada nos tempos védicos, tornou-se escrava. A sociedade fixou-se numa forma inflexível, e a decadência da Índia foi consequência inevitável disso. Petrificada nas suas castas e nos seus dogmas, adormeceu nesse sono letárgico, imagem da morte, que o tumulto das invasões estrangeiras nem ao menos perturbou. Nunca despertará ela? Só o futuro poderá dizê-lo.

Os brâmanes, depois de terem estabelecido a ordem e organizado a sociedade, perderam a Índia pelo excesso de compressão. Da mesma forma, tiraram toda a autoridade moral da doutrina de Krishna, envolvendo-a com formas grosseiras e materiais. Se apenas se considera o lado exterior e vulgar do brahmanismo, suas prescrições pueris, seu cerimonial pomposo, seus ritos complicados, as fábulas e as imagens das quais é tão pródigo, se é levado a nele ver apenas um amontoado de superstições. Mas seria uma falha julgá-lo apenas pelas aparências exteriores. No brahmanismo, como em todas as religiões antigas, é preciso dividi-las em duas partes. Uma é a do culto e do ensino vulgar, preenchido por ficções que cativam o povo e ajudam a conduzi-lo nas vias da servidão. Nessa ordem de ideias, prende-se ao dogma da metempsicose, ou renascimento das almas culpadas nos corpos dos animais, de insetos ou das plantas, aterrorizante destino para apavorar os fracos, sistema hábil que imitou o Catolicismo na sua concepção dos mitos de Satã, do inferno e das penas eternas.

Outra coisa é o ensino secreto, a grande tradição esotérica, que forneceu sobre a alma, sobre seus destinos, sobre a causa universal, as especulações mais elevadas e as mais puras. Para recolhê-las, é preciso penetrar no mistério dos

DEPOIS DA MORTE

pagodes, explorar os manuscritos que encerram, interrogar os brâmanes sábios.

*

* *

Mais ou menos seiscentos anos antes de era cristã, um filho de rei, Çakya-Mouni ou o Bouddha, foi abatido por uma profunda tristeza, por uma imensa piedade, em vista dos sofrimentos dos homens. A corrupção invadira a Índia, em consequência da alteração das tradições religiosas e dos abusos de uma teocracia ávida de dominação. Renunciando às grandezas, à vida de fausto, o Bouddha deixou seu palácio e embrenhou-se na floresta silenciosa. Depois de longos anos de meditação, reaparece, trazendo ao mundo asiático, senão uma crença nova, pelo menos, uma nova expressão da Lei.

Segundo o budismo,⁹ a causa do mal, da dor, da morte e do renascimento, é o desejo. É ele, é a paixão que nos prende às formas materiais e desperta em nós mil necessidades que renascem sem parar, jamais saciadas, que se tornam, igualmente, tiranas. O objetivo elevado da vida é o de arrancar a alma das tramas do desejo. Chega-se a isso pela reflexão, austeridade, pelo desprendimento de todas as coisas terrestres, pelo sacrificio do *eu*, pela libertação de todas as servidões da personalidade e do egoísmo. A ignorância é o mal soberano, donde decorrem o sofrimento e a miséria; e o principal meio para se melhorar a vida presente e o futuro é adquirir o conhecimento.

O conhecimento compreende a ciência da Natureza visível e invisível, o estudo do homem e o do princípio das coisas. Estes são absolutos e eternos. O mundo, saído da sua

⁹ Léon de Rosny, *Le Bouddhisme*; Burnouf, *La Science des Religions*. (N.A.)

A ÍNDIA

própria atividade de um estado uniforme, está em evolução contínua. Os seres, herdeiros do Todo, a fim de resolverem o problema da perfeição, inseparável do estado de liberdade, estão em vias de retornar ao bem perfeito. Não penetram no mundo da forma senão para trabalhar no cumprimento da sua obra de aperfeiçoamento e de elevação. Podem realizá-lo pela Ciência, diz um *Upanishads*, podem cumpri-lo pelo amor, diz um *Purana*.

A Ciência e o amor são os dois fatores essenciais do Universo. Enquanto o ser não tiver adquirido o amor, permanece condenado a perseguir a sequência das reencarnações terrestres.

Sob a influência de uma tal doutrina, o instinto egoísta vê estreitar-se, pouco a pouco, seu círculo de ação. O ser aprende a envolver no mesmo amor tudo o que vive e respira. E isso é apenas uma etapa ainda da sua evolução. Esta deve conduzi-lo a só amar o eterno princípio de onde emana todo o amor e para onde deve, necessariamente, retornar. Este estado é o de Nirvana.

Essa expressão, diversamente comentada, causou muitos mal-entendidos. Segundo a doutrina secreta do budismo,¹⁰ o Nirvana não é, como o ensino da Igreja do Sul e o grande sacerdote do Ceilão, a perda da individualidade, o desfalecimento do ser no nada; é a conquista, pela alma, da perfeição, a libertação definitiva das transmigrações e dos renascimentos no seio das humanidades.

Cada qual faz o seu destino. A vida presente, com suas alegrias e suas dores, é apenas a consequência das boas ou más ações executadas livremente pelo ser nas suas existências

¹⁰ Sinnet, *O Budismo Esotérico*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

anteriores. O presente explica-se pelo passado, não apenas para o mundo tomado no seu conjunto, mas para cada um dos seres que o compõem. Chama-se *Karma*, a soma dos méritos ou dos deméritos adquiridos pelo ser. Esse *Karma* é para ele, em todos os instantes da sua evolução, o ponto de partida para o futuro, a causa de toda justiça distributiva:

Eu, Buda,¹¹ que chorei com todos os meus irmãos, cujo coração foi partido pela dor de todo o mundo, sorrio e estou contente, pois a liberdade existe. Oh! Vós que sofreis, sabei. Eu vos mostro a verdade. Tudo o que somos é o resultado do que pensamos. Tudo é fundamentado nos nossos pensamentos; tudo é obra dos nossos pensamentos. Se um homem fala e age, segundo um pensamento puro, a felicidade segue-o como uma sombra. O ódio nunca foi apaziguado pelo ódio. O ódio só é vencido pelo amor. Como a chuva passa através de uma casa mal coberta, a paixão atinge o homem pouco refletido. Pela reflexão, pela moderação, pelo domínio de si mesmo, o homem faz de si uma ilha que nenhuma tempestade pode destruir. O homem volta para recolher aquilo que semeou. Esta é a doutrina do Karma.

A maioria das religiões recomenda-nos o bem com vistas a uma recompensa celeste. Há aí um móvel egoísta e mercenário que não se encontra no mesmo grau no budismo. É preciso praticar o bem, diz Léon de Rosny,¹² porque o bem é o objetivo supremo da Natureza. É conformando-se com as exigências dessa lei que se adquire a única satisfação verdadeira, a mais bela que pode experimentar o ser desembaraçado dos entraves da forma e das atrações do desejo, causas contínuas de decepção e de sofrimento.

¹¹ *Dhammapada*. (N.A.)

¹² *A Moral do Budismo*. (N.A.)

A ÍNDIA

A compaixão do budismo, sua caridade, estende-se a todos os seres. Todos, aos seus olhos, estão destinados ao Nirvana. E, por seres, é preciso compreender os animais, os vegetais e até os corpos inorgânicos. Todas as formas de vida encadeiam-se, segundo a lei grandiosa da evolução e da transformação. Em parte alguma a vida está ausente no Universo. A morte é apenas uma ilusão, um dos agentes que permitem uma renovação incessante e incessantes transformações. O inferno — para os iniciados na doutrina esotérica — é apenas o remorso e a ausência do amor. O purgatório está em toda parte onde se encontra a forma e onde evolui a matéria. Está em nosso globo tanto quanto nas profundezas do firmamento estrelado.

O Buda e seus discípulos praticavam o Dhyâna ou a contemplação, o êxtase. O espírito, nesse estado de exaltação, comunica-se com as almas que partiram da Terra.¹³

O budismo esotérico ou vulgar, reprimido por volta do século VI nas duas extremidades da Índia, depois de lutas sangrentas provocadas pelos brâmanes, sofreu vicissitudes diversas e numerosas transformações. Um dos seus ramos ou igrejas, a do Sul, numa de suas interpretações, parece inclinar-se para o ateísmo e o materialismo. A do Tibet permaneceu deísta e espiritualista. O budismo tornou-se, além disso, a religião do mais vasto império do mundo, a China. Seus fiéis compõem, hoje, a terça parte da população do mundo. Mas, em todos os lugares por onde se espalhou, dos Urais ao Japão, suas tradições primitivas foram veladas, alteradas. Ali, como em qualquer lugar, as formas materiais do culto abafaram as altas aspirações do pensamento, os ritos, as cerimônias supersticiosas, as fórmulas vãs, as oferendas, os

¹³ Eug. Bonnemère, *A Alma e suas Manifestações*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

barris e os moinhos de pedra substituíram o ensino moral e a prática das virtudes.¹⁴

Entretanto, os principais ensinamentos de Buda foram conservados nos Soutras.¹⁵ Sábios, herdeiros da ciência e dos poderes dos antigos ascetas, possuem também, digamos,¹⁶ a secreta doutrina na sua íntegra. Eles fixaram sua morada longe das multidões humanas, nos planaltos elevados de onde surge a planície da Índia, vaga e distante, como num sonho. É na atmosfera pura e no silêncio das solidões que habitariam os Mahatmas. Detentores dos segredos que permitem desafiar a dor e a morte, passavam seus dias em meditação, esperando a hora problemática em que o estado moral da Humanidade tornaria possível a divulgação de seus arcanos. Infelizmente, nenhum fato bem autêntico veio até agora confirmar essas afirmações. A prova da existência dos *Mahatmas* ainda está para ser feita.

Há vinte anos, grandes esforços foram tentados para difundir a doutrina budista no Ocidente. Nossa raça, ávida de movimento, de luz e de liberdade, parece pouco disposta a assimilar essa religião de renúncia, da qual os povos orientais fizeram uma doutrina de aniquilamento voluntário e de enfraquecimento intelectual. O budismo permaneceu na nossa Europa no domínio de alguns letrados. O esoterismo tibetano é honrado entre eles. Sobre certos pontos, este abre ao espírito humano perspectivas estranhas. A teoria dos dias e das noites de Brahma, *Manvantara* e *Prataya*, renovada das antigas religiões da Índia, parece um pouco em contradição com a ideia do Nirvana.

¹⁴ G. Bousquet, *Revista dos Dois Mundos*, 15 de março de 1870. (N.A.)

¹⁵ O *Lalita Vistara*, trad. Foucaux; *O Lotus da Boa Lei*, trad. Eug. Bournouf. (N.A.)

¹⁶ Sinnet, *O Budismo Esotérico*. (N.A.)

A ÍNDIA

Em todo caso, esses períodos imensos de difusão e de concentração, no fim dos quais a grande Causa primária absorve todos os seres e permanece só, imóvel, adormecida sobre os mundos inferiores, lançam o pensamento numa espécie de vertigem. A teoria dos sete planetas,¹⁷ sobre os quais desenrola-se a roda da vida num movimento ascensional, constituem, também, visões originais e sujeitas a exame.

Uma coisa domina esse ensino. A lei de caridade proclamada pelo Buda é um dos mais poderosos apelos ao bem que foram feitos nesse mundo; mas segundo a expressão de Léon de Rosny,¹⁸ “esta Lei calma, esta Lei vazia, porque nada tem como apoio, tornou-se ininteligível para a maioria dos homens, aos quais revolta os apetites, aos quais não promete o gênero de salário que querem receber.”

O budismo, apesar das suas manchas e sombras, não deixa de ser uma das maiores concepções religiosas que apareceram nesse mundo, uma doutrina toda de amor e de igualdade, uma reação poderosa contra a distinção das castas estabelecida pelos brâmanes. Ele oferece, sobre certos pontos, analogias surpreendentes com o Evangelho de Jesus de Nazaré.



¹⁷ Ao invés dos sete, conhecidos apenas dos antigos, contam-se oito principais no nosso sistema solar. A existência de um nono e de outros ainda foi suspeitada além de Netuno, em consequência das perturbações sofridas por esse planeta. (N.A.)

¹⁸ Léon de Rosny, *A Moral do Budismo*. (N.A.)

III

O EGITO

As portas do deserto, os templos, as colunas, as pirâmides erguem-se, floresta de pedras, sob um céu de fogo. As esfinges contemplam as planícies, acoradas e sonhadoras, e as necrópoles, talhadas na rocha, abrem suas soleiras profanadas à margem do rio silencioso. É o Egito, terra estranha, livro venerável, no qual o homem moderno mal começa a soletrar o mistério das idades, dos povos e das religiões.¹⁹

A Índia, diz a maioria dos orientistas, comunicou ao Egito sua civilização e sua fé; outros, não menos eruditos, afirmam que numa época recuada, a terra de Ísis já possuía suas tradições próprias. Estas eram a herança de uma raça extinta, a raça vermelha, vinda do Oeste,²⁰ que quase foi

¹⁹ Ver os trabalhos de François Lenormant e de Maspéro. (N.A.)

²⁰ Ver Ed. Schuré, *Os Grandes Iniciados* (p. 116) as descobertas de Leplongeon e H. Saville na América Central, e aos trabalhos de Roisel e de Arbois de Jubainville sobre os atlantes. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

aniquilada por causa das lutas formidáveis contra os brancos e dos cataclismos geológicos. O templo e a Esfinge de Gisé, anteriores em vários milhares de anos²¹ à grande pirâmide, erguidos pelos vermelhos na parte em que o Nilo junta-se ao mar.²² São dois dos raros monumentos que esses tempos longínquos nos legaram.

A leitura das colunas herméticas, a dos papiros recolhidos nos túmulos, permitem reconstituir a História do Egito, ao mesmo tempo que essa antiga doutrina do Verbo-Luz, divindade com tríplice natureza, ao mesmo tempo inteligência, força e matéria; espírito, alma e corpo, que oferece uma analogia perfeita com a filosofia da Índia. Aqui como lá, encontra-se, sob a ganga grosseira dos cultos, o mesmo pensamento oculto. A alma do Egito, o segredo da sua vitalidade, do seu papel histórico, é a doutrina oculta dos seus sacerdotes, velada cuidadosamente, sob os mistérios de Ísis e Osíris, e estudada, no interior dos templos, pelos iniciados de todas as classes e de todos os países.

Os livros sagrados de Hermes exprimiam, sob formas austeras, os princípios dessa doutrina. Formavam uma vasta enciclopédia. Encontravam-se ali classificados todos os conhecimentos humanos. Nem todos chegaram até nós. A ciência religiosa do Egito foi restituída pela leitura dos hieróglifos. Os templos, eles também, são livros, e pode-se dizer que na terra dos faraós, as pedras têm uma voz.

O primeiro dos sábios modernos, Champollion, descobriu três espécies de escrita nos manuscritos e sobre os

²¹ Uma inscrição do tempo da 4ª dinastia (4.000 a.C.) narra que se encontrou nessa época, perto da grande esfinge, um templo enterrado sob as areias e “cuja origem se perdia na noite dos tempos”. (Fr. Lenormant, *História do Oriente*, tomo II, p. 55.) (N.A.)

²² O delta atual é formado pelos aluviões sucessivos depositados pelo Nilo. (N.A.)

O EGITO

monumentos egípcios.²³ Através disso foi confirmada a opinião dos antigos de que os sacerdotes de Ísis empregavam três ordens de caracteres; os primeiros, demóticos, eram simples e claros; os segundos, hieráticos, tinham um sentido simbólico ou figurado; os outros eram hieróglifos. É o que Heráclito exprimia através dos termos de *falante*, de *significante* e de *ocultante*.

Os hieróglifos tinham um triplo sentido e não podiam ser decifrados sem chave. Aplicava-se a esses signos (sinais) a lei de analogia que rege os três mundos, natural, humano e divino, e permite exprimir os três aspectos de todas as coisas por combinações de números e de figuras que reproduzem a simetria harmoniosa e a unidade do Universo. Assim, num mesmo sinal (signo), o adepto lia, ao mesmo tempo, os princípios, as causas e os efeitos, e essa linguagem tinha para ele um poder extraordinário.

O sacerdote, proveniente de todas as classes da sociedade, mesmo das mais ínfimas, era o verdadeiro senhor do Egito, os reis, escolhidos e iniciados por ele, governavam a nação a título apenas de mandatários. Com visões elevadas, com uma profunda sabedoria presidiam os destinos desse país. No meio do mundo bárbaro, entre a Assíria feroz e a África selvagem, a terra dos faraós era como uma ilha açoitada pelas ondas, onde se conservavam as puras doutrinas, toda a ciência secreta do mundo antigo. Os sábios, os pensadores, os condutores de povos, gregos, hebreus, fenícios, etruscos, aí vinham instruir-se.

²³ Champollion, *O Egito sob os Faraós*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Através deles, o pensamento religioso difundia-se dos santuários de Ísis sobre todas as praias do Mediterrâneo, fazendo eclodir civilizações diversas, dessemelhantes mesmo, que seguiam o caráter dos povos que a recebiam, tornando-se monoteísta, na Judeia, com Moisés, politeísta, na Grécia, com Orfeu, mas sempre uniforme no seu princípio oculto.

O culto popular de Ísis e Osíris era apenas uma brilhante miragem oferecida à multidão. Sob a pompa dos espetáculos e das cerimônias públicas ocultava-se o verdadeiro ensino dado nos pequenos e grandes mistérios. A iniciação era cercada de numerosos obstáculos e de reais perigos. As provas físicas e morais eram longas e multiplicadas. Exigia-se o voto de silêncio, e a menor indiscrição era punida com a morte. Essa disciplina terrível dava à religião secreta e à iniciação uma força, uma autoridade incomparáveis. À medida que o adepto avançava nesse caminho, os véus afastavam-se, a luz fazia-se mais brilhante, os símbolos tornavam-se vivos e falantes.

A esfinge, cabeça de mulher sobre um corpo de touro, com garras de leão e asas de águia, era a imagem do ser humano, que emergia das profundezas da animalidade para atingir sua nova condição. O grande enigma era o homem, trazendo em si os traços sensíveis de sua origem, que resumia todos os elementos e todas as forças da natureza inferior.

Os deuses bizarros, com cabeças de pássaros, mamíferos e serpentes eram outros símbolos da vida, nas suas múltiplas manifestações. Osíris, o deus solar, e Ísis, a grande natureza, eram cultuados em toda parte; mas, acima deles, havia um Deus sem-nome, do qual falava-se apenas em voz baixa e com temor.

O neófito devia aprender, antes de tudo, a conhecer-se. O hierofante falava-lhe assim:

O EGITO

“Oh! Alma cega, arma-te com o estandarte dos mistérios e, na noite terrestre, descobrirás teu duplo luminoso, tua alma celeste. Segue este guia divino e que ele seja teu gênio, pois ele tem a chave das tuas existências passadas e futuras!”²⁴

No final de suas provas, alquebrado pelas emoções, tendo tocado a morte umas dez vezes, o iniciado via aproximar-se dele uma imagem de mulher que trazia um rolo de papiros.

“Eu sou tua irmã invisível, dizia ela, sou tua alma divina, e este é o livro da tua vida. Ele encerra as páginas repletas das tuas existências passadas e as páginas brancas das tuas vidas futuras. Um dia, eu as descortinarei diante de ti. Tu me conheces agora. Chama-me e eu virei!”

Enfim, no terraço do templo, sob o céu estrelado, diante de Mênfis ou Tebas adormecidas, o sacerdote contava ao adepto a visão de Hermes, transmitida, oralmente, de pontífice a pontífice e gravada em sinais hieróglifos nas cúpulas das criptas subterrâneas.

Um dia, Hermes viveu no Espaço e nos mundos, e a vida desabrochou por toda a parte. A voz da luz que enchia o infinito revelou-lhe o divino mistério:

“A luz que viste é a inteligência divina que contém todas as coisas em gérmen e encerra os modelos de todos os seres. As sombras, são o mundo material onde vivem os homens da Terra. Mas o fogo que jorra das profundezas, é o Verbo Divino; Deus é o Pai, o Verbo é o Filho, sua união, é a Vida.”

“Quanto ao espírito do homem, seu destino tem duas faces: prisão na matéria, ascensão na luz. As almas são filhas do céu, e sua viagem é uma prova. Na encarnação, elas

²⁴ Apelo aos iniciados, segundo o *Livro dos Mortos*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

perdem a lembrança da sua origem celeste. Prisioneiras da matéria, embriagadas pela vida, precipitam-se como uma chuva de fogo, com as agitações da volúpia, através das regiões do sofrimento, do amor e da morte, até na prisão terrestre, onde tu mesmo gemes e onde a vida divina aparece-te como um sonho vão.”

“As almas mesquinhas e más ficam acorrentadas à Terra através de múltiplos renascimentos, mas as almas virtuosas elevam-se com o bater das asas para as esferas superiores, onde recobram a vista com as coisas divinas. Impregnam-se com a lucidez da consciência esclarecida pela dor, a energia da vontade adquirida na luta. Tornam-se luminosas, pois possuem em si mesmas o divino e irradiam-no nos seus atos. Fortalece, então, teu coração, oh! Hermes, e tranquiliza teu espírito obscurecido, contemplando esses voos d’alma, que subindo a escala das esferas que conduz ao Pai, lá onde tudo termina, onde tudo começa, eternamente. E as sete esferas disseram conjuntamente: Sabedoria! Amor! Justiça! Beleza! Esplendor! Ciência! Imortalidade!”²⁵

O pontífice acrescentava:

“Medita nessa visão. Ela encerra o segredo de todas as coisas. Quanto mais aprenderes a compreender, mais verás estenderem-se os limites, pois a mesma lei orgânica governa todos os mundos.

Mas o véu do mistério recobre a grande verdade. O conhecimento total só pode ser revelado àqueles que atravessaram as mesmas provas que nós. É preciso medir a verdade de acordo com as inteligências; velá-la aos fracos,

²⁵ Ver o *Pimander*, o mais autêntico dos livros de Hermes Trismegisto. (N.A.)

O EGITO

porque os tornaria loucos; escondê-la dos maus, que fariam dela uma arma de destruição. Guardá-la no coração e que ela fale através da tua obra. A ciência será a tua força; a lei, o teu poder, e o silêncio, teu escudo.”

O conhecimento dos sacerdotes do Egito ultrapassava em muitos pontos a Ciência atual. Conheciam o magnetismo, o sonambulismo, curavam através do sono provocado e praticavam, largamente, a sugestão. É o que chamavam de magia.²⁶

A conquista desses poderes era o maior objetivo do iniciado, cujo emblema era a coroa dos magos.

“Sabe, dizia-lhe, o que significa esta coroa? Toda vontade que se une a Deus para manifestar a verdade e operar a justiça, entrar em comunhão, desde esta vida com o poder divino sobre os seres e sobre as coisas, recompensa eterna dos espíritos livres.”

O gênio do Egito submergiu pela onda das invasões. A escola de Alexandria recolheu disso algumas parcelas que transmitiu ao Cristianismo nascente. Mas, antes dela, os iniciados gregos tinham feito penetrar na Hélade as doutrinas herméticas. É lá que vamos encontrá-las.



²⁶ Diodoro de Sicília e Estrabão contam que os sacerdotes do antigo Egito sabiam provocar a clarividência, com o objetivo terapêutico. Galeno faz menção a um templo, perto de Mênfis, célebre por suas curas hipnóticas. (N.A.)

IV

A GRÉCIA

Entre os povos iniciadores, não há nenhum outro cuja missão se manifeste com maior brilho do que a dos povos da Hélade. A Grécia iniciou a Europa em todos os esplendores do Belo. É da sua mão aberta que saiu a civilização e seu gênio, há vinte séculos de distância, irradia ainda sobre nosso país. Por isso, apesar das suas dilacerações, suas lutas intestinas, apesar da sua queda final, permaneceu como objeto de admiração para todas as idades.

A Grécia soube traduzir em linguagem clara as belezas obscuras da sabedoria oriental. Primeiramente, exprimiu-as com a ajuda dessas duas harmonias celestes que humanizou: a música e a poesia. Orfeu e Homero, os primeiros, fizeram ouvir os sotaques à terra encantadora.

Mais tarde, esse ritmo, essa harmonia que o gênio nascente da Grécia introduzira na palavra e no canto, Pitágoras, o iniciado dos templos egípcios, reconheceu-os em toda parte

DEPOIS DA MORTE

no Universo, na marcha dos globos que se movem, futuras moradias da Humanidade, no seio dos Espaços; na relação dos três mundos, natural, humano e divino, que se sustentam, se equilibram e se completam, para produzir a vida. Dessa visão formidável gotejava para ele a ideia de uma tríplice iniciação, pela qual o homem, instruído nos princípios eternos, aprendia, depurando-se, para libertar-se dos males terrestres e para elevar-se à perfeição. Daí, todo um sistema de educação e de reforma, no qual Pitágoras deixou seu nome e que produziu tantos sábios e grandes homens.

Enfim, Sócrates e Platão, popularizando os mesmos princípios, estendendo-os num círculo mais vasto inauguraram o reino da ciência aberta, vindo a substituir o ensino secreto.

Assim foi o papel da Grécia na história do desenvolvimento do pensamento. Em todas as épocas, a iniciação exerceu uma influência capital sobre os destinos desse país. Não é nas flutuações políticas que agitaram essa raça móvel e impressionável, que é preciso procurar as mais altas manifestações do gênio helênico. Esse não tinha seu foco nem na sombria e brutal Esparta, nem na brilhante e frívola Atenas, mas muito mais em Delfos, em Olímpia, em Elêusis, refúgios sagrados da pura doutrina. Ele aí se revelava em todo seu poder pela celebração dos mistérios. Ali, pensadores, poetas e artistas vinham recolher o ensino oculto, que traduziam, em seguida, à multidão em imagens vivas e em versos inflamados. Acima das cidades turbulentas, sempre prontas a se dilacerarem, acima das forças mutantes da política, passando, alternadamente, da aristocracia à democracia e ao reino dos tiranos, um poder supremo dominava a Grécia, o tribunal dos *Amfictions*, que se situava em Delfos e se compunha dos iniciados de grau superior. Só ele salvou a Hélade nas

A GRÉCIA

horas de perigo, impondo silêncio às rivalidades de Esparta e de Atenas.

Já no tempo de Orfeu, os templos possuíam a ciência secreta:

“Ouve, dizia o senhor ao neófito,²⁷ ouve as verdades que é preciso calar à multidão e que fazem a força dos santuários. *Deus* é um e sempre semelhante a si mesmo. Mas os *deuses* são inumeráveis e diversos; pois a Divindade é eterna e infinita. As maiores são as almas dos astros, etc.”

“Tu entraste com o coração puro no seio dos mistérios. A hora solene chegou em que vou fazer-te penetrar nas fontes da vida e da luz. Aqueles que não levantaram o véu denso, que esconde aos olhos dos homens as maravilhas invisíveis, não se tornaram filhos dos deuses.”

Aos místicos e aos iniciados:

“Vinde regozijar-vos, vós que sofrestes; vinde repou-sar, vós que lutastes pelos vossos sofrimentos passados, pelo esforço que vos conduz, vós vencereis, e, se acreditardes nas divinas palavras, vós já tereis vencido. Pois, após o longo circuito das existências tenebrosas, saireis, enfim, do círculo doloroso das gerações e vos encontrareis todos como uma só alma na luz de Dionísio.²⁸

“Amai, pois tudo ama. Porém amai a luz e não as trevas. Lembrai-vos do objetivo durante a viagem. Quando as almas retornam para a luz, trazem, como manchas hediondas sobre seu corpo etéreo, todas as falhas de sua vida... E, para apagá-las, é preciso que expiem e retornem à Terra... Os puros, porém, os fortes se vão para o sol de Dionísio.”

²⁷ *Hinos Órficos. (N.A.)*

²⁸ Segundo a expressão de Pitágoras, Apolo e Dionísio são duas revelações do Verbo de Deus, que se manifestam eternamente no mundo. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

*
* *

Uma imponente figura domina o grupo dos filósofos gregos. É Pitágoras, aquele filho de Iônia que primeiro soube coordenar, esclarecer as doutrinas secretas do Oriente, fazer delas uma vasta síntese que abarcava, simultaneamente, a moral, a Ciência e a religião. Sua academia de Crotona foi uma escola admirável de iniciação laica, e sua obra, o prelúdio desse grande movimento de ideias que, com Platão e Jesus, ia abalar as camadas profundas da sociedade antiga e levar suas ondas até as extremidades do continente.

Pitágoras havia estudado durante trinta anos no Egito. Aos vastos conhecimentos juntava essa intuição maravilhosa, sem a qual a observação e o raciocínio nem sempre são suficientes para descobrir a verdade. Graças a essas qualidades pôde elevar o magnífico monumento da ciência esotérica, da qual não podemos dispensar-nos de retrazar, aqui, as linhas essenciais:

A essência em si escapa ao homem, dizia a doutrina pitagórica.²⁹ O homem conhece apenas as coisas desse mundo, onde o finito combina-se com o infinito. Como pode conhecê-los? Porque há entre ele e as coisas uma harmonia, uma relação, um princípio comum, e esse princípio lhes é dado pelo *Único*, que lhes fornece com sua essência o equilíbrio e a intelegibilidade.

Vosso ser vos pertence, vossa alma é um pequeno universo, mas está cheia de tempestades e de discórdias. Trata-se de nela realizar a unidade na harmonia. Só então, lentamente, Deus descera à vossa consciência e participareis, então, do

²⁹ Ed. Schuré, *Os Grandes Iniciados, Pitágoras*, p. 329. (N.A.)

A GRÉCIA

seu poder e fareis da vossa vontade a pedra da lareira, o altar de Hestia, o trono de Júpiter.

Os pitagóricos chamavam de espírito ou de inteligência a parte ativa e imortal do ser humano. A alma era para eles o espírito revestido de seu corpo fluídico, etéreo. O destino da Psiquê, a alma humana, sua descida e sua prisão na carne, seus sofrimentos e suas lutas, sua reascensão gradual, seu triunfo sobre as paixões e seu retorno final à luz, tudo isso constituía o drama da vida, representado nos mistérios de Elêusis, como o ensino por excelência.

Segundo Pitágoras,³⁰ a evolução material dos mundos e a evolução espiritual das almas são paralelas, concordantes e se explicam uma pela outra. A grande alma, espalhada na Natureza, anima a substância que vibra sob sua impulsão e produz todas as formas e todos os seres. Os seres conscientes, através de longos esforços, desprendem-se da matéria, que dominam e governam, por sua vez, libertam-se e se aperfeiçoam através de suas existências inumeráveis. Assim, o invisível explica o visível e o desenvolvimento das criações materiais é a manifestação do Espírito Divino.

Se se pesquisa nos tratados de Física dos antigos, seu pensamento sobre a estrutura do Universo, encontramos na presença de dados grosseiros e ultrapassados; mas são apenas alegorias. O ensino secreto dava sobre as leis do Universo noções de outro modo elevadas. Aristóteles nos diz que os pitagóricos conheciam o movimento da Terra em torno do Sol. A ideia da rotação terrestre veio a Copérnico através de uma passagem de Cícero que Hycétas, discípulo de Pitágoras, falara do movimento diurno do globo. No terceiro grau da iniciação, ensinava-se o duplo movimento da Terra.

³⁰ Ver *Versos Dourados, de Pitágoras*, tradução de Fabre d'Olivet; *Pitágoras e a Filosofia Pitagórica*, por Chaignet. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Como os sacerdotes do Egito, seus mestres, Pitágoras sabia que os planetas nasceram do Sol e que giravam em torno dele, que cada estrela é um sol que ilumina outros mundos e compõe, com seu cortejo de esferas, tantos sistemas siderais, quantos universos regidos pelas mesmas leis que o nosso. Mas essas noções nunca eram confiadas à escritura. Constituíam o ensino oral, comunicado em segredo. O vulgo não as teria compreendido; tê-las-ia considerado como contrárias à mitologia, por conseguinte, sacrílegas.³¹

A ciência secreta ensinava, também, que um fluido imponderável estende-se sobre tudo, penetra em tudo. Agente sutil, sob a ação da vontade, modifica-se e se transforma, purifica-se e se condensa, segundo o poder e a elevação das almas, que dele se servem e tecem sua vestimenta astral na sua substância. É o traço de união entre o espírito e a matéria, e tudo, os pensamentos, os acontecimentos, nele se gravam, aí se refletem como imagens num espelho. Através das propriedades desse fluido, através da ação que exerce sobre ele a vontade, explicam-se os fenômenos da sugestão e da transmissão dos pensamentos. Os antigos o chamavam, por alegoria, o véu misterioso de Ísis ou o manto de Cibele que envolve tudo o que vive. Esse mesmo fluido serve como meio de comunicação entre o visível e o invisível, entre os homens e as almas desencarnadas.

A ciência do oculto formava um dos ramos mais importantes do ensino secreto. Ela soube retirar do conjunto dos fenômenos a lei das relações que unem o mundo terrestre ao mundo dos espíritos. Ela desenvolvia, com método, as faculdades transcendentais da alma humana e lhe tornava a leitura do pensamento e a vista a distância possíveis. Os fatos

³¹ Ver Ed. Schuré, *Os Grandes Iniciados*. (N.A.)

A GRÉCIA

de clarividência e de adivinhação produzidos pelos oráculos dos templos gregos, as sibilas e as pitonisas são comprovados pela História. Muitos espíritos fortes os consideraram como apócrifos. Sem dúvida, é preciso retirar a parte do exagero e da lenda, mas as descobertas recentes da psicologia experimental nos mostraram que havia nesse domínio alguma coisa a mais do que uma vã superstição. Elas nos convidam a estudar, com mais atenção, um conjunto de fatos que, na Antiguidade, repousava sobre princípios fixos e era objeto de uma ciência profunda e extensa.

Essas faculdades se encontram, em geral, apenas nos seres de uma pureza e de uma elevação de sentimentos extraordinários; elas exigem uma preparação longa e minuciosa. Delfos conheceu tais assuntos. Os oráculos contados por Heródoto, a propósito de Cresus e da batalha de Salamina, provam-no. Mais tarde, abusos misturaram-se a essas práticas. A raridade dos assuntos tornou menos escrupulosos os sacerdotes na sua escolha. A ciência adivinhatória corrompeu-se e caiu em desuso. Segundo Plutarco, seu desaparecimento foi considerado por toda a sociedade antiga como uma grande infelicidade.

Toda a Grécia acreditava na intervenção dos espíritos nas coisas humanas. Sócrates tinha seu *daïmon* ou gênio familiar. Quando, em Maratona e em Salamina, os gregos armados rechassavam a medonha invasão dos persas, eram exaltados pela convicção de que as potências invisíveis sustentavam seus esforços. Em Maratona, os atenienses acreditaram ter visto dois guerreiros, brilhantes de luz, combater nas suas fileiras. Dez anos mais tarde, a Pytia, sob a inspiração do espírito, indicou a Temístocles, do alto do seu tripé, os meios de salvar a Grécia.

DEPOIS DA MORTE

Xérxes, vencedor, era a Ásia bárbara espalhando-se sobre a Hélade, abafando seu gênio criador, recuando dois mil anos, talvez, a eclosão do pensamento no seu ideal de beleza. Os gregos, um punhado de homens, desafiaram o imenso exército dos asiáticos, e, conscientes do socorro oculto que os assistia, é a Pallas Atenas, divindade tutelar, símbolo do poder espiritual, que endereçavam suas homenagens, sobre o rochedo da Acrópole que emolduram o mar reluzente e as linhas grandiosas do Pentélico e de Hymette.

A participação nos mistérios contribuiu muito na difusão dessas ideias. Desenvolvia nos iniciados o sentimento do invisível, que, dali, sob formas alteradas, espalhava-se entre o povo. Pois, por toda a parte, na Grécia como no Egito e na Índia, os mistérios consistiam numa única coisa: o conhecimento do segredo da morte, a revelação das vidas sucessivas e a comunicação com o mundo oculto. Esses ensinamentos e essas práticas produziam nas almas impressões profundas. Davam-lhes uma paz, uma serenidade, uma força moral incomparáveis.

Sófocles chama os mistérios de “as esperanças da morte”, e Aristófanes escreveu que aqueles que deles tomavam conhecimento levaram uma vida mais santa e mais pura. Recusava-se a admitir, ali, os conspiradores, os perjuros e os perversos.

Porfiro disse:

“Nossa alma deve estar, no momento da morte, como era durante os mistérios, quer dizer, isentos de paixão, de cólera, de desejo e de ódio”.

Plutarco afirma, nesses termos, quando se entretinha com as almas dos defuntos:

“Com frequência, espíritos excelentes intervinham nos mistérios, embora, às vezes, os perversos procurassem aí introduzir-se.”

A GRÉCIA

Proclus acrescenta:³²

“Em todos os mistérios, os deuses (essa palavra significa, aqui, todas as ordens de espíritos) mostram muitas formas deles próprios, aparecem numa grande variedade de figuras e revestem a forma humana.”

A doutrina esotérica era um elo entre o filósofo e o sacerdote. É isso que explica sua interpretação comum e o papel apagado do sacerdote na civilização helênica. Essa doutrina ensina aos homens a dominar suas paixões e a desenvolver, em si, a vontade e a intuição. Através de um treino gradual, os adeptos do grau superior chegavam a penetrar em certos segredos da Natureza, a dirigir, ao seu bom grado, as forças em ação no mundo, a produzir fenômenos, aparentemente sobrenaturais, mas que eram simplesmente a manifestação de leis físicas, desconhecidas do vulgo.

Sócrates e, depois dele, Platão continuaram, na Ática, a obra de Pitágoras. Sócrates, querendo ter a liberdade de ensinar a todos as verdades que a razão lhe havia feito descobrir, não se fez jamais iniciar. Depois da sua morte, Platão passou pelo Egito e, aí, foi admitido nos mistérios. Ele voltou a entrar em contato com os pitagóricos e fundou sua academia. Mas sua qualidade de iniciado não lhe permitia mais falar livremente, e, nas suas obras, a grande doutrina aparecia um pouco velada. Entretanto, a teoria das migrações da alma e das reencarnações, a das relações entre os vivos e os mortos, encontram-se em *Fedra*, *Fedon* e *Timeia*:

“É certo que os vivos nascem dos mortos, e que as almas dos mortos renascem ainda.” (*Fedra*)

Conhece-se, igualmente, a cena alegórica que Platão colocou no fim de a *República*. Um gênio toma sobre os

³² Comentários da *República*, de Platão. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

joelhos de Parcas os destinos e as diversas condições humanas, e clama:

“Almas divinas! Voltem aos corpos mortais, vocês irão começar uma nova carreira. Aqui estão os destinos da vida. Escolham livremente; a escolha é irrevogável. Se ela for má, não acusem Deus por isso.”

Essas crenças penetravam no mundo romano. Assim como Cícero no *Sonho de Cipião* (cap. III), Ovídio fala delas nas suas *Metamorfoses* (cap. XV). No sexto livro de a *Eneida*, de Virgílio, Enéas reencontra seu pai Anchise nos Campos Elíseos e aprende com ele a lei dos renascimentos. Todos os grandes autores latinos dizem que gênios familiares assistem e inspiram os homens de talento.³³ Lucano, Tácito, Apulée, assim como o grego Filostrato, falam frequentemente, nas suas obras, de sonhos, de aparições e de evocações dos mortos.

*

* *

Em resumo, a doutrina secreta, mãe das religiões e das filosofias, reveste-se com aparências diversas no decorrer das idades, mas em toda parte a base permanece imutável. Nascida na Índia e no Egito, ela passa daí para o Ocidente com a onda das migrações. Nós a encontraremos em todos os países ocupados pelos celtas. Escondida na Grécia nos mistérios, revela-se no ensino dos sacerdotes tais como Pitágoras e Platão, sob formas cheias de sedução e de poesia. Os mitos pagãos são como um véu dourado que dispõe nas suas pregas as linhas puras da sabedoria délfica. A escola de

³³ Cícero, *Universo*, 2, Maury 87; Apulée, *O Gênio Socrático*; Ammien Marcellin, *Hist.*, 1, 20, c. 6. (N.A.)

A GRÉCIA

Alexandria daí recolhe os princípios e os infunde no sangue jovem e impetuoso do Cristianismo.

O Evangelho já tinha sido iluminado pela ciência esotérica dos essênios, outro ramo dos iniciados. A palavra do Cristo tinha haurido nessa fonte, como uma água viva e inesgotável, suas imagens variadas e seus arrebatamentos poderosos. Assim, por toda parte, através da sucessão dos tempos e as agitações dos povos, afirmam a existência e a perpetuidade de um ensino secreto, que se encontra, idêntico, no fundo de todas as grandes concepções religiosas ou filosóficas. Os sábios, os pensadores e os profetas dos tempos e dos países mais diversos encontraram, nele, a inspiração, a energia que faz efetuarem-se grandes coisas e transforma almas e sociedades empurrando-as para adiante na via da evolução progressiva.

Há, nele, uma grande corrente espiritual que se desenvolve nas profundezas da História. Parece sair desse mundo invisível que nos domina, nos envolve, e onde vivem e agem ainda os espíritos de gênio que serviram de guias à Humanidade e nunca cessaram de se comunicar com ela.



V

A GÁLIA

A Gália conheceu a grande doutrina. Possuiu-a sob uma forma original e poderosa e soube daí retirar consequências que escaparam aos outros países. “Há três unidades primitivas, diziam os druidas: Deus, a Luz e a Liberdade.” Enquanto a Índia já era organizada em castas imóveis, com limites intransponíveis, as instituições gaulesas tinham por base a igualdade de todos, a comunhão dos bens e o direito eleitoral. Nenhum outro povo da Europa teve, no mesmo grau de nossos pais, o sentimento profundo da imortalidade, da justiça e da liberdade.

É com veneração que devemos estudar as tendências filosóficas da Gália, pois a Gália é nosso grande antepassado, e nela reencontraremos, fortemente reveladas, todas as qualidades e, também, todos os defeitos de nossa raça. Nada, entretanto, é mais digno de atenção e de respeito do que a doutrina dos druidas, os quais não eram bárbaros, como se acreditou, erradamente, durante séculos.

DEPOIS DA MORTE

Durante longo tempo, conhecemos os gauleses apenas através dos autores latinos e escritores católicos, que devem, a justo título, nos serem suspeitos. Esses autores tinham um interesse direto em denegrir nossos antepassados, em mascarar suas crenças. César escreveu seus *Comentários* com a intenção evidente de realçar-se aos olhos da posteridade: essa obra ferve de inexactidões, de erros voluntários; Polião e Suetônio o constata. Os cristãos viam nos druidas apenas homens sanguinários e supersticiosos, tanto no seu culto quanto nas práticas grosseiras. Todavia, certos Pais da Igreja, Cirilo, Clemente de Alexandria, Orígenes, distinguem, com cuidado, os druidas da multidão de idólatras e lhes concedem o título de filósofos. Entre os autores antigos, Lucano, Horácio, Florus consideravam a raça gaulesa como depositária dos mistérios do nascimento e da morte.

O progresso dos estudos célticos,³⁴ a publicação das Tríades e dos cantos bárdicos³⁵ permitem-nos uma apreciação mais justa das crenças de nossos pais. A filosofia dos druidas, reconstituída em toda sua amplitude, foi encontrada conforme a doutrina secreta do Oriente e as aspirações dos espiritualistas modernos. Como estes, ela afirmava as existências progressivas da alma através dos mundos. Essa doutrina viril inspirava aos gauleses uma coragem indomável, uma intrepidez tal que caminhavam para a morte como para uma festa. Enquanto os romanos cobriam-se de bronze e de ferro, nossos pais despojavam-se de suas vestimentas e combatiam de peito nu. Orgulhavam-se de seus ferimentos

³⁴ Ver Gatién Arnoult, *Filosofia Gaulesa*, t. 1º; Henri Martin, t. 1º da *História da França*; Adolphe Pictet, *Biblioteca de Genebra*; Alfred Dumesnil, *A Imortalidade*; Jean Reynaud, *O Espírito da Gália*. (N.A.)

³⁵ *Cyfrinach Beirdd Inys Prydain* (Mistérios dos Bardos da Ilha da Bretanha), tradução de Edward Williams, 1794. (N.A.)

A GÁLIA

e consideravam como uma covardia empregar esperteza na guerra: daí, suas derrotas reiteradas e sua queda final.

Eles acreditavam na reencarnação:³⁶ sua certeza era tão grande que emprestavam dinheiro para serem pagos nas vidas vindouras. Confiavam aos agonizantes mensagens para seus amigos falecidos. Os despojos dos guerreiros mortos, diziam, são apenas “invólucros rasgados”. Para grande surpresa de seus inimigos, eles os abandonavam nos campos de batalha como indignos de sua atenção.

Os gauleses não conheciam o inferno. É o que Lucano os louva nesses termos, no 1º canto da *Pharsale*:

Para vós, as sombras não sepultam os sombrios reinos de Érebe, mas a alma passa, rapidamente, a animar outros corpos em mundos novos. A morte é somente o meio de uma longa vida. São felizes, esses povos que não conhecem o temor supremo do desenlace! Daí seu heroísmo no meio de sangrentos combates e seu desprezo pela morte.

Nossos pais eram castos, hospitaleiros, fiéis à fé jurada.

Encontramos na instituição dos druidas a mais alta expressão do gênio da Gália. Ela não constituía um corpo sacerdotal. O título de druida equivalia ao de sábio e dava àqueles que os possuíam a liberdade de escolher sua tarefa. Alguns, sob o nome de *eubages*, presidiam as cerimônias do culto, mas a maioria consagrava-se à educação dos jovens, ao exercício da justiça e ao estudo das Ciências e da poesia. A influência política dos druidas era grande e tendiam a realizar a unificação da Gália. Eles instituíram, na região dos

³⁶ Ver César, *Comentários*, 1. VI, cap. XIV: “Os Druidas querem, primeiro, convencer de que as almas não morrem, mas, depois da morte, passam para outros corpos humanos”. (Non interire animas, sed ab aliis post mortem transire ad alios). (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

carnutos, uma assembleia anual onde se reuniam os deputados das repúblicas gaulesas e onde se discutiam questões importantes, os graves interesses do país. Os druidas eram escolhidos através de eleição. Era necessário vinte anos de estudos para se prepararem para a iniciação.

O culto se realizava sob a copa dos bosques. Todos os símbolos eram tomados da Natureza. O templo, era a floresta secular, com colunas inumeráveis, com cúpulas de verdura que os raios do Sol atravessavam com suas flechas douradas, para se divertir sobre a grama em mil redes de sombra e de luz. Os murmúrios do vento, os frêmitos das folhas enchiam de sotaques misteriosos que impressionavam a alma e a levavam à fantasia. A árvore sagrada, o carvalho, era o emblema do poder divino; o visco, sempre verde, era o da imortalidade. Como altar, blocos de pedra bruta amontoados. “Toda pedra talhada é uma pedra profanada”, diziam esses pensadores austeros. Nenhum objeto saído da mão do homem desornava seus santuários. Os gauleses tinham horror aos ídolos e às formas pueris do culto romano.

Para que seus princípios não fossem desnaturados nem materializados pelas imagens, os druidas proscravam as artes plásticas e até o ensino da escrita. Confiavam apenas à memória dos bardos e dos iniciados o segredo da sua doutrina. Daí, a penúria de documentos relativos a essa época.

Os sacrifícios humanos, tão reprovados nos gauleses, eram na maioria, apenas execuções da justiça. Os Druidas, ao mesmo tempo magistrados e justiceiros, ofereciam os criminosos em holocausto ao poder supremo. Cinco anos separavam a sentença da execução. Nos tempos de calamidade, vítimas voluntárias entregavam-se, também, em expiação. Impacientes para se reunirem aos seus antepassados nos mundos felizes, de se elevarem em direção aos círculos

A GÁLIA

de felicidade, os gauleses subiam alegremente na pedra do sacrifício e recebiam a morte no meio de um cântico de alegria. Mas, no tempo de César, essas imolações já haviam caído em desuso.

Teutatès, Esus, Gwyon eram, no Panteão Gaulês, apenas a personificação da força, da luz e do espírito. Acima de todas as coisas, pairava a potência infinita que nossos pais adoravam junto das pedras sagradas, no majestoso silêncio das florestas. Os druidas ensinavam a unidade de Deus.

Segundo as Tríades, a alma se forma no seio do abismo, *anoufn*. Aí reveste aspectos rudimentares da vida e só adquire a consciência e a liberdade depois de ter estado longo tempo presa aos baixos instintos. Eis o que diz o cântico do bardo Taliésin, célebre em toda a Gália:

Existente, desde toda Antiguidade, no seio dos vastos oceanos, não nasci, absolutamente, de um pai e de uma mãe, mas de formas elementares da Natureza, dos ramos da bétula, do fruto das florestas, das flores da montanha. Brinquei na noite, dormi na aurora; fui víbora no lago, águia nos cumes, lince na floresta. Depois, marcado por Gwyon (espírito divino), pelo sábio dos sábios, adquiri a imortalidade. Muito tempo se passou desde que era pastor. Errei longo tempo sobre a Terra antes de me tornar hábil em Ciência. Enfim, brilhei entre os chefes superiores. Revestido de hábitos sagrados, detive a taça dos sacrifícios. Vivi em cem mundos. Agitei-me em cem círculos.³⁷

A alma, na sua trajetória imensa, diziam os druidas, percorre três círculos aos quais correspondem três estados sucessivos. No *anoufn*, ela se submete ao jogo da matéria, é o período animal. Depois, ela penetra no *abred*, círculo das

³⁷ *Barddas*, cad. Goddeu. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

migrações, que povoam os mundos de expiação e de provas, a Terra é um desses mundos.

A alma encarna-se muitas vezes na sua superfície. Ao preço de uma luta incessante, ela se desprende das influências corporais e deixa o círculo das encarnações para chegar ao *gwynfid*, círculo dos mundos felizes ou da felicidade. Aí se abrem os horizontes encantadores da espiritualidade. Mais alto ainda desdobram-se as profundezas de *ceugant*, círculo do infinito, que encerra todos os outros e só a Deus pertence. Longe de se aproximar do panteísmo, como a maior parte das doutrinas orientais, o druidismo afasta-se dele por uma concepção completamente diferente da Divindade. Sua concepção da vida não é menos notável.

Segundo as Tríades, o ser não é nem o joguete da fatalidade nem o favorito de uma graça caprichosa. Ele prepara, edifica, ele próprio, seus destinos. Seu objetivo não é a busca das satisfações efêmeras, mas a elevação pelo sacrifício e pelo dever cumprido. A existência é um campo de batalha onde o bravo conquista seus postos. Uma tal doutrina exaltava as qualidades heroicas e depurava os costumes. Ela estava tão afastada das puerilidades místicas quanto das securas enganosas da teoria do nada; entretanto, parece ter-se afastado da verdade num ponto: foi estabelecendo³⁸ que a alma culpada, perseverando no mal, pode perder o fruto de seus trabalhos e recair nos graus inferiores da vida, descer de novo aos germens, de onde ser-lhe-á necessário recomeçar sua penosa e dolorosa ascensão.

Todavia, acrescentam as Tríades, a perda da memória permite-lhe retomar a luta sem ser impedida pelos remorsos

³⁸ Triade 26, *Triades Bárdicas*, publicadas pela Escola Céltica de Glamorgan. (N.A.)

A GÁLIA

e as irritações do passado. No *Gwynfid*, ela reencontra, com todas as suas lembranças, a unidade da sua vida; reata os fragmentos esparsos na sucessão dos tempos.

Os druidas possuíam conhecimentos cosmológicos muito extensos. Sabiam que o nosso globo rola no Espaço, levado no seu curso em torno do Sol. É o que ressalta desse outro cântico de Taliésin, chamado de “O canto do Mundo”:³⁹

Perguntarei aos bardos, e por que os bardos não responderiam? Eu lhes perguntarei o que é que sustenta o mundo, para que, privado de apoio, não caia. Mas o que poderia servir-lhe de apoio? Grande viajor é o mundo! Enquanto desliza sem-reposo, permanece sempre no seu caminho, e como a forma desse caminho é admirável, para que o mundo dele não saia nunca!

O próprio César, tão pouco versado nessas matérias, nos diz nos seus *Comentários* que os druidas ensinavam muitas coisas sobre a forma e a dimensão da Terra, sobre o movimento dos astros, sobre as montanhas e os abismos da lua. Diziam que o Universo, eterno, imutável no seu conjunto, transforma-se, incessantemente, nas suas partes; que a vida, através de uma circulação sem-fim, o anima e se espalha sobre todos os seus pontos. Pergunta-se, de onde nossos pais, desprovidos dos meios de observação dos quais dispõe a ciência moderna, podiam haurir tais noções?

Os druidas comunicavam-se com o mundo invisível, mil testemunhos o atestam. Evocavam-se os mortos nos recintos de pedra. As druidisas e os bardos proferiam oráculos. Vários autores contam que Vercingétorix entretinha-se,

³⁹ *Barddas*, cad. Goddeu. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

debaixo das sombrias ramagens dos bosques, com as almas dos heróis mortos pela pátria. Antes de sublevar a Gália contra César, ele seguiu para a ilha de Sein, antiga morada das druidisas. Ali, no meio dos raios,⁴⁰ apareceu-lhe um gênio e lhe predisse sua derrota e seu martírio.

A comemoração dos mortos é uma iniciativa gaulesa. No dia 1º de novembro, celebrava-se a festa dos espíritos, não nos cemitérios, — os gauleses não honravam os cadáveres, — mas em cada moradia, onde os bardos e os videntes evocavam as almas dos defuntos. Nossos pais povoavam as terras e os bosques com espíritos errantes. Os Duz e os Korrigans eram almas à procura de uma nova encarnação.

O ensino dos druidas se traduzia na ordem política e social, em instituições conformes à justiça. Os gauleses, sabendo-se animados por um único princípio, todos chamados aos mesmos destinos, sentiam-se iguais e livres.

Em cada república gaulesa, os chefes eram eleitos pelo povo em assembleia. A lei celta punia com o suplício do fogo os ambiciosos, os pretendentes à coroa. As mulheres faziam parte dos conselhos, exerciam as funções sacerdotais, eram videntes e profetisas. Dispunham de si mesmas e escolhiam seus esposos. A propriedade era coletiva, a terra pertencia à república. De maneira alguma, o direito hereditário foi reconhecido por eles; a eleição decidia tudo.

A longa ocupação romana, depois a invasão dos francos e a introdução do feudalismo fizeram-nos esquecer das nossas verdadeiras tradições nacionais. Mas, um dia, o velho sangue gaulês agitou-se nas veias do povo. A revolução arrastou no seu turbilhão essas duas importações estrangeiras: a teocra-

⁴⁰ Bosc e Bonnemère, *História Nacional dos Gauleses*. (N.A.)

A GÁLIA

cia, vinda de Roma, e a monarquia, implantada pelos francos; a velha Gália encontrou-se, inteira, na França de 1789.

Entretanto, faltava-lhe uma coisa capital: a ideia de solidariedade. O druidismo fortificava bem nas almas o sentimento do direito e da liberdade; mas se os gauleses sabiam-se iguais, não se sentiam bastante irmãos. Daí, a falta de unidade que perdeu a Gália. Curvada sob uma opressão de vinte séculos, purificada pela desgraça, esclarecida por novas luzes, ela se tornou a nação única, indivisível. A lei de caridade e de amor, a única que o Cristianismo fez conhecer, veio completar o ensino dos druidas e formar uma síntese filosófica e moral cheia de grandeza.

*

* *

Do seio da Idade Média, como uma ressurreição do espírito da Gália, ergue-se uma figura brilhante. Desde os primeiros séculos da nossa era, Joana d'Arc fora anunciada por uma profecia do bardo Myrdwin ou Merlin. Foi sob o carvalho das fadas, perto da mesa de pedra que ela ouve, com frequência, “suas vozes”. Ela é cristã e piedosa, mas acima da Igreja terrestre, coloca a Igreja eterna, “aquela do alto”, a única a que se submete em todas as coisas.⁴¹

Nenhum testemunho de intervenção dos espíritos na vida dos povos é comparável à história tocante da virgem de Domrémy. No início do século XV, a França agonizava sob o pé de ferro dos ingleses. Com a ajuda de uma jovem, de uma criança de dezoito anos, as potências invisíveis reanimam um povo desmoralizado, despertam o patriotismo extinto, inflamam a resistência e salvam a França da morte.

⁴¹ *Processo de Reabilitação da Pucela* (Segundo os documentos da Escola de Chartres). Ver, também, meu livro *Joana d'Arc, médium*, cap. XVI. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Joana nunca agiu sem consultar “suas vozes”, e, seja nos campos de batalha, seja diante de seus juizes, aquelas sempre inspiraram suas palavras e seus atos. Um único instante, na sua prisão em Rouen, suas vozes parecem tê-la abandonado. Foi, então, que desgastada pelo sofrimento, consentiu em abjurar. Quando os espíritos se afastam, ela volta a ser mulher, enfraquecida, submete-se. Depois, as vozes se fazem ouvir de novo e ela levanta logo a cabeça diante dos seus juizes.

“A voz me disse que era traição abjurar. A verdade é que Deus me enviou; o que eu fiz está benfeito.”

Sagrada pela sua dolorosa paixão, Joana tornou-se um exemplo sublime de sacrifício, objeto de admiração, um ensino profundo para todos os homens.



VI

O CRISTIANISMO

Foi no deserto que apareceu ostensivamente, na História, a crença do Deus único, a ideia mãe de onde devia sair o Cristianismo. Através das pedregosas solidões do Sinai, Moisés, o iniciado do Egito, guiava para a Terra Prometida, o povo para quem o pensamento monoteísta, até então confinado nos Mistérios, ia entrar no grande movimento religioso e se espalhar pelo mundo.

O papel do povo de Israel é considerável. Sua história é como o traço de união que religa o Oriente ao Ocidente, a ciência secreta dos templos à religião vulgarizada. Apesar de suas desordens e de suas máculas, a despeito do sombrio exclusivismo que é um dos lados do seu caráter, ele mereceu ter adotado, até encarnar ele próprio, esse dogma da unidade de Deus, cujas conseqüências ultrapassarão suas vistas e prepararão a fusão dos povos numa família universal, sob um mesmo Pai, sob uma única Lei.

DEPOIS DA MORTE

Esse objetivo grandioso e distante, apenas os profetas, até a vinda do Cristo, conheceram-no ou pressentiram-no. Mas esse ideal, oculto aos olhos do vulgo, retomado e transformado pelo filho de Maria, recebeu dele seu esplendor radiante. Seus discípulos comunicaram-no às nações pagãs e a dispersão dos judeus ajudou ainda na sua difusão. Perseguindo sua marcha entre as civilizações decaídas e as vicissitudes dos tempos, permanecerá gravado em traços indelévels na consciência da Humanidade.

Um pouco antes da nossa era, ao mesmo tempo em que a potência romana cresce e se estende vê-se a doutrina secreta recuar, perder sua autoridade. Os verdadeiros iniciados tornam-se raros. O pensamento se materializa; os espíritos se corrompem. A Índia está como adormecida no seu sonho: a lâmpada dos santuários egípcios apagou-se; a Grécia, abandonada aos retóricos e aos sofistas, insulta os sábios, proscree os filósofos, profana os mistérios. Os oráculos emudecem; a superstição e a idolatria invadiu os templos. A orgia romana desencadeia-se sobre o mundo, com suas saturnais, sua luxúria desenfreada, suas embriagações bestiais. Do alto do Capitólio, a loba, saciada, domina povos e reis. César, imperador e deus, entroniza-se numa apoteose ensanguentada.

Entretanto, às margens do Mar Morto, homens conservam, no recesso, a tradição dos profetas e o segredo da pura doutrina.

Os essênios, grupos de iniciados, cujas colônias se estendem até o vale do Nilo, abandonam-se, abertamente, ao exercício da Medicina, mas seu objetivo real é mais elevado. Consiste em ensinar a um pequeno número de adeptos as leis superiores do Universo e da vida. Sua doutrina é quase

O CRISTIANISMO

idêntica a de Pitágoras. Admitem a preexistência e as vidas sucessivas da alma, e rendem a Deus o culto do espírito.

Neles, como entre os sacerdotes de Mênfis, a iniciação é graduada e necessita de vários anos de preparação. Seus costumes são irrepreensíveis; suas vidas se desenrolam no estudo e na contemplação, longe das agitações políticas, longe do rastro de um sacerdócio ávido e ciumento.⁴²

Foi, evidentemente, entre eles, que Jesus passou os anos que precederam seu apostolado, anos sobre os quais os evangelhos guardam um silêncio absoluto. Tudo o indica: a identidade dos seus objetivos com os dos essênios, a ajuda que eles lhe prestam em várias circunstâncias, a hospitalidade gratuita que recebia como adepto e a fusão final de ordem com os primeiros cristãos, fusão que deu origem ao cristianismo esotérico.

Todavia, na falta de iniciação superior, o Cristo possuía uma alma bastante vasta, bastante transbordante de luz e de amor, para nela haurir os elementos de sua missão. A Terra jamais viu passar um espírito maior. Uma serenidade celeste envolvia sua fronte. Todas as perfeições uniam-se nele para formar um tipo de pureza ideal, de infável bondade. No seu coração há uma imensa piedade pelos humildes, os deserdados. Todas as dores humanas, todos os lamentos e misérias nele encontram um eco. Para acalmar esses males, secar essas lágrimas, para consolar, para curar, para salvar, ele irá até ao sacrifício de sua vida; irá oferecer-se em holocausto para reerguer a Humanidade. Quando, pálido, ergue-se no Calvário, preso ao madeiro infamante, encontra ainda na sua

⁴² Ver Josèphe, *Guerra dos Judeus*, vol. II e Philon, *Da Vida Contemplativa*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

agonia, a força de suplicar pelos seus carrascos e de pronunciar essas palavras, que nenhum acento, nenhum impulso de ternura ultrapassará mais: “Meu Pai, perdoai-lhes, pois eles não sabem o que fazem!”

Entre os grandes missionários, Cristo, o primeiro de todos, comunicou às massas as verdades que tinham sido, até então, o privilégio de um pequeno número. Através dele, o ensino oculto tornou-se acessível aos mais humildes, senão pela inteligência, ao menos pelo coração; e esse ensino, ele lhes oferecia sob formas que o mundo não conhecera, com um poder de amor, uma doçura penetrante, uma fé comunicativa, que faziam derreter os gelos do ceticismo, maravilhar seus ouvintes e arrastá-los em consequência.

O que ele chamava de “pregar o Evangelho do reino dos céus aos simples”, era colocar ao alcance de todos o conhecimento da imortalidade e o do Pai comum. Os tesouros intelectuais que os adeptos avaros distribuíram somente com prudência, o Cristo espalhava-os sobre a grande família humana, sobre milhões de seres voltados para a Terra, que nada sabiam sobre o destino e esperavam, na incerteza e no sofrimento, a palavra nova que devia consolá-los e reanimá-los. Essa palavra, esse ensino, ele lhes distribuiu sem contar, e lhes deu a consecução do seu suplício e de sua morte. A cruz, esse símbolo antigo dos iniciados, que se encontra em todos os templos do Egito e da Índia, tornou-se, pelo sacrifício de Jesus, o sinal de elevação da Humanidade, arrancada do abismo de sombras e de paixões inferiores, e tendo, afinal, acesso à vida eterna, à vida das almas regeneradas.

O sermão sobre a montanha condensa e resume o ensino popular de Jesus. A lei moral aí se mostra com todas as consequências; os homens aí aprendem a encontrar sua elevação e sua felicidade, não nas qualidades brilhantes, mas

O CRISTIANISMO

nas virtudes humildes e ocultas: a humildade, a caridade, a bondade.

Felizes os pobres de espírito,⁴³ pois o reino dos céus lhes pertence. Felizes aqueles que choram, pois serão consolados. — Felizes aqueles que são os sequiosos de justiça, pois serão saciados. — Felizes aqueles que são misericordiosos, pois obterão misericórdia. — Felizes os que têm puro o coração, pois verão Deus.⁴⁴

Assim se exprime Jesus. Suas palavras abrem para o homem perspectivas inesperadas. É nas profundezas da alma que está a fonte das alegrias vindouras. “O reino dos céus está dentro de vós!” E qualquer um pode realizá-lo pelo domínio dos sentidos, o perdão das injúrias e o amor do próximo.

Amar, para Jesus, é toda a religião e toda a filosofia:

Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos perseguem e vos caluniam, para que sejam filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz erguer seu Sol sobre os bons e sobre os maus e faz chover sobre os justos e os injustos. Pois se só amardes aqueles que vos amam, qual será a vossa recompensa?⁴⁵

Esse amor, o próprio Deus nos dá o exemplo, pois seus braços estão sempre abertos para o arrependido. É o que se depreende das parábolas do Filho Pródigo e da Ovelha Desgarrada:

“Assim, vosso Pai que está nos céus não quer que um único de seus filhos pereça.”

Não se encontra aí a negação do inferno eterno, ao qual atribuiu-se, falsamente, a ideia a Jesus?

⁴³ Deve-se entender por esta expressão os espíritos simples e retos. (N.A.)

⁴⁴ Mateus, I:12; Lucas, VI: 20 a 26. (N.A.)

⁴⁵ Mateus, 44 e seguintes. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

Se o Cristo mostra algum rigor e fala com veemência, é aos fariseus hipócritas que se abandonam a práticas minuciosas de devoção e desprezam a lei moral. O samaritano cismático é mais louvável aos seus olhos que o levita que desdenhou socorrer um ferido. Ele desaprova as manifestações do culto exterior e se levanta contra esses sacerdotes:

“Cegos, condutores de cegos, homens de rapina e de corrupção que, sob pretexto de longas preces, devoram os bens das viúvas e dos órfãos.”

Aos devotos que creem poder se salvar através do jejum e da abstinência, ele diz:

“Não é o que entra na boca que suja o homem, mas o que dela sai.”

Aos partidários das longas orações, ele responde:

“Vosso Pai sabe do que necessitais antes que lhes peçaís.”

Jesus condenava a hierarquia sacerdotal recomendando aos seus discípulos não escolher nenhum chefe, nenhum senhor. Seu culto era o culto interior, o único digno de espíritos elevados. É o que ele exprime nesses termos:

“Virá o tempo em que os crentes verdadeiros adorarão o Pai em espírito e em verdade, pois são esses os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é preciso que aqueles que o adoram, adorem-no em espírito e em verdade.”

Ele apenas impõe a prática do bem e da fraternidade:

“Amai o vosso próximo como a vós mesmos, e sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito. Aí está toda a lei e os profetas.”

Na sua simplicidade eloquente, esse preceito revela o objetivo mais elevado da iniciação, a busca da perfeição que é ao mesmo tempo a do poder e da felicidade. Ao lado desses ensinamentos de Jesus que se dirigem aos simples, há outros

O CRISTIANISMO

nos quais a doutrina oculta dos essênios é reproduzida em traços de luz.⁴⁶ Nem todos podiam subir nessas alturas; foi por isso que os tradutores e os intérpretes do Evangelho alteraram a forma e corromperam o sentido, através dos séculos. Apesar dessas alterações, é fácil reconstituir esse ensino, se se separa da superstição da letra para ver as coisas através da razão e do espírito. É, sobretudo, no Evangelho de João, que encontraremos os traços ainda visíveis:

“Há muitas moradas na casa de meu Pai. Eu me vou para vos preparar o lugar, e depois que tiver ido e vos tiver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que, lá onde eu estiver, vós estejais também...”⁴⁷

A casa do Pai é o céu infinito com os mundos, que o povoam e a vida, que se espalha na sua superfície. São as estações inumeráveis da nossa jornada, estações que somos chamados a conhecer se seguimos os preceitos de Jesus. Ele voltará até nós para nos arrastar pelo exemplo na direção desses mundos superiores à Terra.

Nós aí vemos também a afirmação das vidas sucessivas da alma.

“Em verdade, se um homem não nasce de novo, não pode entrar no reino de Deus.”⁴⁸

“O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito.”

“Não vos espanteis do que vos disse, que seria necessário que nascesseis de novo.”

⁴⁶ Lê-se em Marcos (IV: 10-13): Ele lhes diz: E vos foi dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas para aqueles que são de fora, tudo se trata por parábolas. — O mesmo pensamento é expresso por Mateus, XIII: 11 a 13. (N.A.)

⁴⁷ João, XIV: 2 e 3. (N.A.)

⁴⁸ João, III: 3. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

“O espírito sopra onde ele quer, e vós ouvis bem sua voz, mas não sabeis de onde ele vem, nem para onde vai; acontece também com todo aquele que nasceu do espírito.”⁴⁹

Quando os discípulos do Cristo o interrogam e lhe pedem: “Por que os escribas dizem que é necessário que primeiro venha Elias?” Ele responde: “Elias já veio, mas eles absolutamente não o reconheceram.” E eles compreendem que é de João Batista que ele quer falar.

Jesus lhes diz ainda, numa outra circunstância:

“Em verdade, entre todos os filhos de mulheres, não há nenhum maior que João Batista. E, se quereis ouvir, é ele mesmo Elias que devia vir. Que ouçam aqueles que têm ouvidos para ouvir.”⁵⁰

O objetivo a seguir por cada um de nós e pela sociedade inteira é claramente indicado. É o reino do “Filho do Homem”, do Cristo social, ou em outras palavras, o reino da verdade, da justiça e do amor. As vistas de Jesus dirigem-se para o futuro, para esses tempos que nos foram anunciados.

“Eu vos enviarei o consolador — Eu teria ainda muitas coisas a vos dizer, mas vós não poderíeis compreender, presentemente.

— Quando esse Espírito de Verdade vier, ele vos ensinará toda verdade, etc.”⁵¹

Às vezes, ele resumia em imagens grandiosas, em traços inflamados, as verdades eternas. Seus apóstolos nem sempre o compreendiam, mas ele deixava aos séculos e aos

⁴⁹ João, III: 13. (N.A.)

⁵⁰ Mateus, XI: 11 a 15; XVII: 11 e 12. Ver, também, Marcos, IX: 10 e 11, etc. (N.A.)

⁵¹ João, XVI: 12 e 13. A Igreja vê apenas nessas palavras o anúncio do Espírito Santo que desceu alguns meses mais tarde sobre os apóstolos; mas se a Humanidade (pois é a ela que se dirige essa profecia) não era capaz então de compreender a verdade, como tê-la-ia podido cinquenta dias mais tarde? (N.A.)

O CRISTIANISMO

acontecimentos o cuidado de fazer germinar esses princípios na consciência da Humanidade, como a chuva e o Sol fazem germinar o grão confiado à terra. É nesse sentido que endereçava aos seus essas palavras corajosas: “O céu e a Terra passarão, mas minhas palavras, não.”

Jesus dirigia-se, então, simultaneamente, ao coração e ao espírito. Aqueles que não puderam compreender Pitágoras e Platão sentiam suas almas comoverem-se aos apelos eloquentes do Nazareno. É por isso que a doutrina cristã domina todas as outras. Para atingir a sabedoria, era necessário, nos Santuários do Egito e da Grécia, franquear os degraus de uma longa e penosa iniciação, enquanto que pela caridade, todos podiam tornar-se bons cristãos e irmãos em Jesus.

Mas, com o tempo, as verdades transcendentais se velaram. Aqueles que as possuíam foram suplantados por aqueles que acreditavam saber, e o dogma material substituiu a pura doutrina. Na sua expansão, o Cristianismo perdeu em valor o que ganhava em extensão.

À ciência profunda de Jesus, vinha juntar-se a potência fluídica de iniciado superior, da alma livre do jugo das paixões, cuja vontade domina a matéria e comanda as forças sutis da Natureza. O Cristo possuía a dupla vista: seu olhar sondava os pensamentos e as consciências, ele curava com uma palavra, com um gesto, impondo as mãos ou até pela simples presença. Eflúvios benéficos escapavam do seu ser e, sob seu comando, os maus espíritos afastavam-se. Ele se comunicava à vontade com as potências celestes e, nas horas de prova, hauria nesse intercâmbio a força moral que o sustentava na sua via dolorosa. No Tabor, seus discípulos deslumbrados o veem entreter-se com Moisés e Elias. É desse modo que, mais tarde, eles o verão aparecer, depois da crucificação, na irradiação do seu corpo fluídico, etéreo, desse corpo ao qual Paulo se refere nesses

DEPOIS DA MORTE

termos: “Há em cada homem um corpo animal e um corpo espiritual”⁵² e cujas experiências da psicologia moderna demonstram, aliás, a existência.

As aparições de Jesus depois da sua morte não podem ser colocadas em dúvida, pois elas, sozinhas, explicam a persistência da ideia cristã. Depois do suplício do Mestre e a dispersão dos discípulos, o Cristianismo estava moralmente morto. Somente as aparições e as conversas com Jesus, é que devolveram aos apóstolos sua energia e sua fé.

*
* *

Certos autores negaram a existência do Cristo e atribuíram às tradições anteriores ou à imaginação oriental, tudo o que foi escrito a esse respeito. Um movimento de opinião produziu-se nesse sentido, tendendo reduzir às proporções de uma lenda, as origens do Cristianismo.

É verdade que o Novo Testamento contém muitos erros. Vários acontecimentos que ele relata, encontram-se na História de outros povos antigos, e certos fatos atribuídos ao Cristo, figuram igualmente na vida de Krishna e na de Horus. Mas, por outro lado, existem numerosas provas da existência de Jesus de Nazaré, e essas provas são tanto mais peremptórias que nos são oferecidas pelos próprios adversários do Cristianismo. Todos os rabinos israelitas reconhecem essa existência. O Talmud fala dele nesses termos:

“Na véspera da Páscoa, Jesus foi crucificado por ter-se abandonado à magia e aos sortilégios.”

⁵² I Cor.: Nessa mesma epístola (XV: 5 a 8), Paulo enumera as aparições do Cristo, depois da sua morte. Ele conta seis, entre outras, uma aos Quinhentos “dos quais vários ainda estão vivos”. A última é a do caminho de Damasco, que fez com que Paulo, inimigo encarnado dos cristãos, se tornasse o mais ardente dos apóstolos. (N.A.)

O CRISTIANISMO

Tácito e Suetônio mencionam, também, o suplício de Jesus e o desenvolvimento das ideias cristãs.⁵³ Plínio, o Jovem governador da Bitínia, conta esse movimento a Trajano, cinquenta anos mais tarde, num relatório que foi conservado.

Como admitir, por outro lado, que a crença num mito haja sido suficiente para inspirar aos primeiros cristãos tanto entusiasmo, tanta coragem, tanta firmeza diante da morte, que lhes haja dado os meios de reverter o paganismo, de se aposarem do Império Romano e, de século em século, invadir todas as nações civilizadas? Não é, com certeza, sobre uma ficção que se funda uma religião que dura há vinte séculos e revoluciona a metade do mundo. Se remontamos à grandeza dos efeitos à potência das causas que as produziram, podemos dizer, com certeza, que sempre há uma personalidade eminente na origem de uma grande ideia.

Quanto às teorias que fazem de Jesus, ora uma das três pessoas da Trindade, ora um ser puramente fluídico, elas parecem, também, tanto uma quanto a outra, pouco fundadas. Pronunciando essas palavras: “Afasta de mim esse cálice!” Jesus revelou-se homem, sujeito ao temor e aos desfalecimentos. Ele próprio se chama, frequentemente, de “filho do homem”, expressão que se encontra vinte e cinco vezes em Mateus. Jesus, como nós, sofreu, chorou, e essa fraqueza tão humana, nos reaproximando dele, o faz ainda mais nosso irmão, e torna seu exemplo e suas virtudes mais admiráveis ainda.

O surgimento do Cristianismo teve resultados incalculáveis. Trouxe ao mundo a ideia de humanidade que a Antiguidade não conheceu no seu sentido extenso. Essa ideia, encarnada na pessoa de Jesus, penetrou pouco a pouco nos

⁵³ Tácito, *Anais*, XV, 44; Suetônio: *Vida*; Claud., 25; Neron, 16. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

espíritos, e, hoje, ela se manifesta no Ocidente com se todas as consequências sociais que se lhe prendem. A essa ideia, ele juntava as da lei moral e da vida eterna, que fora, até aí, do conhecimento somente dos sábios e dos pensadores. Desde então, o dever do homem será o de preparar através de todas as suas obras, de todos os seus atos da vida individual e social, o reino de Deus, quer dizer, o do Bem, o da Justiça: “Venha a nós o vosso reino assim na Terra como nos céus”.

Todavia, esse reino só pode se realizar com o aperfeiçoamento de todos, pelo melhoramento constante das almas e das instituições. Essas noções encerram em si, então, uma potência de desenvolvimento ilimitada. Não é de se espantar que depois de vinte séculos de incubação, de trabalho obscuro, elas apenas comecem a produzir seus efeitos na ordem social. O Cristianismo continha, em estado virtual, todos os elementos do verdadeiro progresso; mas, desde os primeiros séculos, desviou-se, e seus verdadeiros princípios, desprezados pelos seus representantes oficiais, passaram para a consciência dos povos, alma daqueles mesmos que, não se acreditando ou não se dizendo mais cristãos, trazem em si, inconscientemente, o ideal sonhado por Jesus.

Não é, então, nem na Igreja, nem nas instituições do pretense direito divino, que não é outra coisa, senão, o reinado da Força, que é preciso procurar a herança do Cristo. Ali se encontram, na realidade, instituições pagãs ou bárbaras. O pensamento de Jesus vive apenas na alma do povo. É através dos seus esforços para se elevar, através de suas aspirações constantes na direção de um estado social mais conforme à justiça e à solidariedade, que se revela a grande corrente humanitária, cuja fonte está no cume do Calvário, e cujas ondas nos trazem para um futuro que não conhecerá mais as vergonhas do pauperismo, da ignorância e da guerra.

O CRISTIANISMO

O Catolicismo desnaturou as belas e puras doutrinas do Evangelho pelas suas concepções de salvação pela graça, de pecado original, de inferno e de redenção. Numerosos concílios edificaram, em todos os séculos, novos dogmas, afastando-se cada vez mais dos preceitos do Cristo. O fausto e a simonia invadiram o culto. A Igreja dominou o mundo pelo pavor, pela ameaça dos suplícios, enquanto que Jesus queria reinar pelo amor e a caridade. Ela armou os povos uns contra os outros, elevou a perseguição à altura de um sistema e fez correr ondas de sangue.

Em vão a Ciência, na sua marcha progressiva, assinalou as contradições que existem entre o ensino católico e a ordem real das coisas; a Igreja chegou a amaldiçoá-la como uma invenção de Satã. Um abismo separa agora as doutrinas romanas da antiga sabedoria dos iniciados, que foi a mãe do Cristianismo. O materialismo aproveitou-se desse estado de coisas e implantou, em toda parte, suas raízes vivazes.

Por outro lado, o sentimento religioso enfraqueceu-se sensivelmente. O dogma não exerce mais nenhuma influência na vida das sociedades. A alma humana, cansada dos entraves nos quais a encerraram, lançou-se para a luz; partiu esses laços frouxos para unir-se aos grandes espíritos que não são nem de uma seita nem de uma raça, mas cujo pensamento esclarece e consola a Humanidade inteira. Liberta de qualquer tutela sacerdotal, ela quer, entretanto, pensar, agir e viver por si mesma.

Só queremos falar do Catolicismo com imparcialidade. Essa crença, não a esquecemos, foi a de nossos pais; ela embalou numerosas gerações. Mas a moderação não exclui o exame. Ora, de todo exame sério resulta isto: a Igreja enfraquecida enganou-se, tanto na sua concepção física do Universo, quanto na sua concepção moral da vida humana. A

DEPOIS DA MORTE

Terra não é mais o corpo central mais importante do Universo, que a vida presente não é o único teatro de nossas lutas e de nossos progressos. O trabalho não é um castigo, mas muito mais o meio regenerador pelo qual a Humanidade se fortifica e se eleva. Sua falsa ideia da vida conduziu o Catolicismo ao ódio do progresso e da civilização, e esse sentimento foi expresso, sem-reserva, no último artigo dos *Syllabus*:

“Anátema a quem disser: O pontífice romano pode e deve se reconciliar e se colocar em harmonia com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna.”

O Catolicismo atribui ao Ser Supremo todas as fraquezas. Dele faz uma espécie de carrasco espiritual que vota aos últimos suplícios os seres débeis, obra de suas mãos. Os homens criados para sua felicidade, sucumbem em massa às tentações do mal e vão povoar os infernos.

Assim, sua impotência iguala-se à sua imprevidência, e Satã é mais hábil que Deus!

É esse, então, o Pai que Jesus nos fez conhecer, quando nos recomenda, em seu nome, o esquecimento das ofensas, quando nos diz para retribuir o mal com o bem e nos prega a piedade, o amor, o perdão? O homem compassivo e bom seria superior a Deus?

É verdade que, para tentar salvar o mundo, Deus sacrifica seu próprio filho, membro da Trindade e parte de si mesmo, mas ainda aí cai-se num erro monstruoso, e se justifica pela palavra de Diderot: “Deus matou Deus para apaziguar Deus!”

O Catolicismo obscureceu as consciências pela superstição, perturbou as inteligências pela ideia sombria e terrível de um Deus vingador. Desabitou o homem de pensar; ensinou-lhe a abafar suas dúvidas, a aniquilar sua razão e suas mais belas faculdades, a se afastar de todos aqueles

O CRISTIANISMO

que procuravam livre e sinceramente a verdade, a estimar somente aqueles que carregavam o mesmo jugo que ele.

Depois, ao lado do ensino errôneo, os abusos sem conta, as preces e as cerimônias tarifadas, a taxa dos pecados, a confissão, as relíquias, o purgatório e o resgate das almas; enfim, os dogmas da Imaculada Conceição e da infalibilidade do papa; o poder temporal, violação flagrante desse preceito do Deuteronômio (XVIII: 1 e 2) que permite aos sacerdotes “possuir os bens da Terra e ter parte de alguma herança, porque o Senhor é ele próprio sua herança”, tudo isso mostra qual a distância que separa as concepções católicas dos verdadeiros ensinamentos dos livros sagrados.

Entretanto, a Igreja fez uma obra útil. Teve suas épocas de grandeza; opôs obstáculos à barbárie; cobriu o globo de instituições de benemerência. Mas, petrificada nos seus dogmas, imobiliza-se, enquanto que à sua volta tudo caminha e avança; a cada dia, a Ciência cresce e a razão humana toma seu impulso.

Nada escapa à lei do progresso, as religiões não menos que o resto. Elas puderam responder às necessidades de um tempo e de um estado social atrasados, mas chega o momento em que essas religiões, aprisionadas nas suas fórmulas como num círculo de ferro, devem mudar ou morrer. Tendo dado à História tudo o que podia lhe oferecer, o Catolicismo tornou-se impotente para fecundar o espírito humano; este o abandona, e, na sua caminhada incessante, avança para concepções mais vastas e mais elevadas. A ideia cristã não morrerá por isso; ela se transformará apenas para reaparecer sob uma forma nova e depurada. Virá um tempo em que os dogmas e as práticas católicas serão somente uma vaga lembrança quase apagada da memória dos homens, como o é para nós o paganismo romano e escandinavo. Mas a grande figura do Crucificado

DEPOIS DA MORTE

dominará os séculos, e três coisas subsistirão do seu ensino, pois elas são a expressão da verdade eterna: a unidade de Deus, a imortalidade da alma e a fraternidade humana.

*

* *

Apesar das perseguições religiosas, a doutrina secreta perpetuou-se através dos tempos. Dela se encontra a marca em toda a Idade Média. Os iniciados judeus já a tinham, numa época recuada, consignada em duas obras célebres, o Zohar e o Sepher-Jésirah. Sua reunião forma a Kabala, uma das obras capitais da ciência esotérica.⁵⁴

O Cristianismo primitivo traz dela uma forte marca. Os primeiros cristãos acreditavam na preexistência e na sobrevivência da alma em outros corpos, como no caso acontecido com Jesus sobre João Batista e sobre Elias, e essa pergunta feita pelos apóstolos a propósito do cego de nascença, o qual parecia “ter sido atraído a essa punição pelos pecados cometidos antes de nascer.”⁵⁵ A ideia da reencarnação era tão disseminada entre o povo judeu, que o historiador Josèphe reprovava aos fariseus do seu tempo de só admitir a transmigração das almas em favor das pessoas de bem.⁵⁶ É o que chamavam de *Gilgul*, ou a circulação das almas.

Os cristãos abandonavam-se também às evocações e se comunicavam com os espíritos dos mortos. Encontram-se nos *Atos dos Apóstolos* numerosas indicações sobre esse ponto;⁵⁷ São Paulo, na sua primeira epístola aos Coríntios, descreve, sob o nome de dons espirituais, todos os gêneros

⁵⁴ Ver o belo volume de Ad. Franck, do Instituto, sobre a *Kabala*. (N.A.)

⁵⁵ João, IX: 2. (N.A.)

⁵⁶ Josèphe, *Guerras dos Judeus*, livro VIII, cap. VII. (N.A.)

⁵⁷ *Atos dos Apóstolos*, VIII: 26; XI: 27 e 28; XVI: 6, 7; XXI: 4. (N.A.)

O CRISTIANISMO

de mediunidade.⁵⁸ Ele se declara instruído diretamente pelo Espírito de Jesus na verdade evangélica.

Atribuíam-se, às vezes, essas inspirações aos maus espíritos, ao que alguns chamavam de Espírito de Python:

“Meus bem-amados, dizia João, o Evangelista, não creiam em todo espírito, mas verifiquem se os espíritos são de Deus.”⁵⁹

As práticas espíritas estiveram em uso durante vários séculos. Quase todos os filósofos de Alexandria, Philon, Ammonius Saccas, Plotino, Porfírio, Arnob se dizem inspirados por gênios superiores; São Gregório, taumaturgo, recebe os símbolos da fé do Espírito de São João.

A Escola de Alexandria resplandecia, então, com o brilho mais vivo. Todas as grandes correntes de pensamento humano pareciam ali se reunirem e se confundirem. Essa escola célebre produzira uma plêiade de espíritos brilhantes, que se esforçavam para fundir a filosofia de Pitágoras e de Platão com as tradições da cabala judia e os princípios do Cristianismo. Esperavam formar, assim, uma doutrina definitiva, com largas e poderosas visões, uma religião universal imperecível. Era o sonho de Philon. Como Sócrates, esse grande pensador tem seu espírito familiar, que o assiste, o inspira, o faz escrever durante o sono.⁶⁰

Da mesma forma que Ammonius e Plotino, os quais Porfírio diz que eram inspirados por um gênio, não daqueles

⁵⁸ XIV: 26 a 29; XV: 44. Os médiuns eram então chamados profetas. No texto grego dos Evangelhos encontra-se quase sempre isolada a palavra *espírito*. São Jerônimo, o primeiro, a ela acrescenta a palavra santo, e são os tradutores franceses da *Vulgata* que dela produzem Espírito Santo. (N.A.)

⁵⁹ Ep., I, IV: 1. (N.A.)

⁶⁰ Philon, *De Migrat. Abraham*. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

chamados demônios, mas daqueles que chamamos deuses.⁶¹ Plotino escreveu um livro sobre os espíritos familiares.

Como eles, Jâmblico era versado em teurgia e se comunicava com o invisível.

De todos os campeões do cristianismo esotérico, Orígenes é o mais conhecido. Esse homem de gênio, que foi um grande filósofo e um santo, estabeleceu nas suas obras⁶² que a desigualdade dos seres é a consequência de seus diversos méritos. As únicas penas conformes a bondade e a justiça divina são, diz ele, as penas *medicinais*, as que têm por efeito purificar, progressivamente, as almas nas séries de existências, antes da sua admissão no Céu. Entre os Pais da Igreja, muitos partilhavam suas visões⁶³ e se apoiavam sobre as revelações dos espíritos aos profetas ou médiuns.⁶⁴

Santo Agostinho, o grande sacerdote de Hipone, no seu tratado *De Cura pro Mortuis*, fala das manifestações ocultas e acrescenta:

“Por que não atribuir essas operações aos espíritos dos defuntos e deixar de acreditar que a Providência Divina faz bom uso de tudo para instruir os homens, consolá-los, assustá-los?”

Na sua *Cidade de Deus*,⁶⁵ a propósito do corpo claro, etéreo, perfumado, que é o invólucro da alma e que conserva a imagem do corpo carnal, esse Pai da Igreja fala das operações teúrgicas conhecidas sob o nome de Télètes, que o tornavam capaz de comunicar-se com os espíritos e os anjos e de ter visões admiráveis.

⁶¹ Bayle, *Diction. Phi. et Hist.*, art. Plotin. (N.A.)

⁶² *De Principiis*. (N.A.)

⁶³ Ver *História do Maniqueísmo*, por Beausobre, II. (N.A.)

⁶⁴ Orig., *Contrà Celse*, pp. 199 e 562. (N.A.)

⁶⁵ *De Civit. Dei*, livro X, cap. IX e XI. (N.A.)

O CRISTIANISMO

A propósito da pluralidade das vidas, afirmada por Orígenes, Agostinho assim se exprime nas suas *Confissões*.⁶⁶

“Minha infância, não se sucedeu a uma outra morte antes dela?...”

“Mesmo antes desse tempo, estive eu em algum lugar? Eu era alguém?”

Esta outra passagem de suas obras nos parece ainda mais significativa:

Tenho a certeza de encontrar nos platônicos muitas coisas que não repugnam aos nossos dogmas... Essa voz de Platão, a mais pura e a mais brilhante que tem havido na Filosofia, foi encontrada na boca de Plotino, tão semelhante a ele, que pareciam contemporâneos e, entretanto, bem afastados pelo tempo para que o primeiro dos dois pareça ter ressuscitado no outro.⁶⁷

São Clemente de Alexandria⁶⁸ e São Gregório de Nysse exprimiam-se no mesmo sentido. Esse último expõe⁶⁹ que “a alma imortal deve ser curada e purificada, e, se ela não o foi na sua vida terrestre, a cura se opera nas vidas futuras e subsequentes”.

Em muitos lugares, os espíritos combatiam o dogmatismo nascente da Igreja e sustentavam os heresiarcos. Lamentavam-se de que os ensinamentos tão simples do Evangelho fossem obscurecidos pelos dogmas inventados e impostos à crença, apesar das revoltas da razão. Levantavam-se contra o luxo, já escandaloso, dos sacerdotes.⁷⁰

Essas revelações tornaram-se outros tantos entraves para a Igreja oficial. Os heréticos hauriam, aí, seus argumentos e sua força; a autoridade do sacerdócio fora abalada

⁶⁶ *Confissões*, t. 1^a. (N.A.)

⁶⁷ *Agostini, Opera*, I. (N.A.)

⁶⁸ *Stromat*, livro VIII, Oxford, 1715. (N.A.)

⁶⁹ *Grande Discurso Catequético*, t. III, cap. VIII, ed. Morel. (N.A.)

⁷⁰ Le P. De Longueval, *História da Igreja Gálica*, I, 84. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

por isso. Com a reencarnação e as vidas sucessivas, com o resgate das faltas cometidas, pela prova e pelo trabalho, a morte não era mais um motivo de terror; cada um libertava-se a si mesmo do purgatório terrestre pelos seus esforços e seus progressos, e o sacerdote perdia a sua razão de ser. A Igreja, não podendo mais abrir, à sua vontade, as portas do paraíso e do inferno, via diminuir seu prestígio e seu poder.

Julgou, então, necessário impor silêncio aos partidários da doutrina secreta, fazendo-os renunciar a todo intercâmbio com os espíritos e a condenar seus ensinamentos como inspirados pelo demônio. É a partir desse dia que Satã tomou uma importância cada vez maior na religião cristã. A Igreja declarou ser a única profecia viva e permanente, a única intérprete de Deus. Orígenes e os gnósticos foram condenados pelo Concílio de Constantinopla (553); a doutrina secreta desapareceu com os profetas, e a Igreja pôde cumprir, à sua vontade, a obra de absolutismo e de imobilização.

Viu-se, então, os padres romanos perderem de vista a luz que Jesus trouxera a este mundo e recair na obscuridade. A noite que queriam para os outros, fêz-se neles próprios. O templo não foi mais, como nos tempos antigos, o asilo da verdade. Essa abandonou os altares para procurar um refúgio secreto. Desceu até as classes pobres; foi inspirar-se nos missionários humildes, nos apóstolos obscuros que, sob o nome do *Evangelho de São João*, procuraram restabelecer, em diferentes pontos da Europa, a simples e pura religião de Jesus, a religião da igualdade e do amor. Essas doutrinas foram abafadas pela fumaça das fogueiras ou afogadas nas ondas de sangue.

Toda História da Idade Média está repleta dessas tentativas do pensamento, desses despertamentos radiosos, seguidos das reações do despotismo religioso e monárquico e de períodos de morno silêncio.

O CRISTIANISMO

Todavia, a ciência sagrada estava guardada, sob aspectos diferentes, por várias ordens secretas. Os alquimistas, os Templários, os Rosa-Cruzes, etc. conservaram delas os princípios. Os Templários foram perseguidos com obstinação pela Igreja oficial. Esta temia no mais alto ponto as escolas secretas e o império que exerciam sobre as inteligências. Sob o pretexto de bruxaria, de pactos com o diabo, ela destruiu quase todas a ferro e fogo.

A Reforma conseguiu arrancar a metade da Europa do jugo de Roma. O Protestantismo distingue-se do Catolicismo pelo princípio em que repousa: o livre-exame. Sua moral é mais precisa. Ele tem o mérito de se aproximar mais da simplicidade evangélica. Mas a ortodoxia protestante não poderia ser considerada como a última palavra da renovação religiosa, em razão de seu apego exclusivo à “letra que mata” e à bagagem dogmática que conservou, em parte.

Apesar dos esforços da Teocracia, a doutrina secreta não se perdeu. Ela ficou durante muito tempo escondida de todos os olhares. Os concílios e os agentes inescrupulosos do Santo Ofício acreditaram tê-la sepultado para sempre; entretanto, sob a pedra chumbada sobre ela, essa doutrina vivia sempre, semelhante à lâmpada sepulcral que queima, solitária, na noite.

Mesmo no seio do clero, sempre houve partidários secretos dessas ideias de preexistência e de comunicação com o invisível. Alguns dentre eles ousavam elevar a voz.

Já em 1843, num de seus mandamentos, o Sr. de Montal, bispo de Chartres, falava nesses termos:

“Já que não é proibido crer na preexistência das almas, quem pode saber o que aconteceu no longínquo das idades entre as inteligências?”

DEPOIS DA MORTE

O cardeal Bona, o Fénelon da Itália, no seu tratado *Do Discernimento dos Espíritos*, exprimia-se assim:

“Temos nos espantado que se possa encontrar homens de bom senso que tenham ousado negar completamente as aparições e as comunicações das almas com os vivos, ou atribuir-lhes a uma imaginação enganada ou, então, à arte dos demônios.”

Enfim, muito recentemente, o Sr. Calderone, diretor da *Filosofia della Scienza*, de Palermo, publicava algumas cartas endereçadas por Mgr. Louis Passavalli, arcebispo, vigário da Basílica de São Pedro de Roma, ao Sr. Tancredi Canonico, senador e Guarda dos Sceaux, a propósito da reencarnação. Eis, aqui, uma das passagens principais:⁷¹

Parece-me que se se pudesse propagar a ideia da pluralidade das existências para o homem, tanto nesse mundo quanto nos outros, como um meio admirável de realizar os esboços misericordiosos de Deus, na expiação ou purificação do homem, no objetivo de torná-lo, enfim, digno Dele e da vida imortal dos Céus, já teríamos dado um grande passo, pois bastaria isso para resolver os problemas mais confusos e os mais árduos que agitam, atualmente, as inteligências humanas. Quanto mais penso nessa verdade, mais ela me parece grande e fecunda em consequências práticas para a religião e a sociedade.

Assinado: “ Louis, *arcebispo*”.



⁷¹ Ver *Anais das Ciências Psíquicas*, setembro de 1912, pág. 284. (N.A.)

VII

MATERIALISMO E POSITIVISMO

Como o oceano, o pensamento tem seu fluxo e seu refluxo. Quando a Humanidade penetra, num ponto de vista qualquer, no domínio do exagero, uma reação vigorosa se produz cedo ou tarde. Os excessos provocam excessos contrários. Após séculos de submissão e de fé cega, o mundo, cansado do sombrio ideal de Roma, lançou-se nas doutrinas do nada. As afirmações temerárias trouxeram negações furiosas. O combate engajou-se e a picareta do materialismo fez brecha no edifício católico.

As ideias materialistas ganham terreno. Rejeitando os dogmas da Igreja como inaceitáveis, um grande número de espíritos cultos desertaram, de uma só vez, da causa espiritualista e da crença em Deus. Afastando as concepções metafísicas, procuraram a verdade na observação direta dos fenômenos, no que convencionou-se chamar de método experimental.

DEPOIS DA MORTE

Pode-se resumir, assim, as doutrinas materialistas: Tudo é matéria. Cada molécula tem propriedades inerentes, em virtude das quais formou-se o Universo com os seres que ele contém. A ideia de um princípio espiritual é uma hipótese. A matéria governa a si mesma através de leis fatais, mecânicas; ela é eterna, mas só ela é eterna. Saídos do pó retornaremos ao pó. O que chamamos de alma, o conjunto das nossas faculdades intelectuais, a consciência é apenas uma função do organismo e dissipa-se com a morte. “O pensamento é uma secreção do cérebro,” disse Carl Vogt, e o mesmo autor acrescenta: “As leis da Natureza são forças inflexíveis. Não conhecem nem a moral, nem a benevolência.”

Se a matéria é tudo, o que é, então, a matéria? Os próprios materialistas não saberiam dizer, pois a matéria, desde que se analise, na sua essência íntima, esquiva-se, escapa e foge como uma miragem enganadora.

Os sólidos transformam-se em líquidos; os líquidos, em gases; além do estado gasoso vem o estado radiante, depois, através de refinamentos inumeráveis, cada vez mais sutis, a matéria passa ao estado imponderável. Ela se torna essa substância etérea que preenche o Espaço, tão tênue, que a tomaríamos como o vazio absoluto, se a luz não a fizesse vibrar, atravessando-a.

Assim, de grau em grau, a matéria se perde numa poeira invisível. Tudo se resume em força e em movimento.

Os corpos orgânicos ou inorgânicos, nos diz a Ciência, minerais, vegetais, animais, homens, mundos, astros, são apenas agregações de moléculas, e essas moléculas são elas próprias compostas de átomos, separados uns dos outros, num estado de movimento constante e renovação perpétua.

O átomo é invisível, mesmo com a ajuda dos mais poderosos aumentos. Podemos apenas concebê-lo pelo pensa-

MATERIALISMO E POSITIVISMO

mento, tamanha a sua pequenez extrema.⁷² E essas moléculas, esses átomos agitam-se, movem-se, circulam, evoluem em turbilhões incessantes, no meio dos quais a forma dos corpos apenas se mantém em virtude da lei de atração.

Pode-se, então, dizer que o mundo é composto de átomos invisíveis, regidos por forças imateriais. A matéria, desde que se examine de perto, dissipa-se como uma fumaça. Ela só tem uma realidade aparente e não pode nos oferecer nenhuma base de certeza. Não há realidade permanente, só há certeza no espírito. É apenas a ele que o mundo se revela na sua unidade viva e no seu eterno esplendor. Só ele pode prová-lo, compreender sua harmonia. É no espírito que o Universo se conhece, se reflete, se possui.

O espírito é mais ainda, ele é a força oculta, a vontade que governa e dirige a matéria — *Mens agitat molem* — e lhe dá a vida. Todas as moléculas, todos os átomos, temos dito, agitam-se e se renovam incessantemente. O corpo humano é como uma torrente vital em que as águas se sucedem às águas. Cada partícula é substituída por outras partículas. O próprio cérebro está submetido a essas mudanças e nosso corpo inteiro renova-se em alguns anos.

Não se pode dizer que o cérebro produz o pensamento. Ele é apenas um instrumento daquele. Através das modificações perpétuas da carne, nossa personalidade se mantém e,

⁷² A teoria do átomo indivisível e indestrutível que, há dois mil anos, servia de base à Física e à Química, acaba de ser abandonada pela Ciência, em consequência das descobertas de Curie, Bequerel, G. Le Bon, etc. Desde 1876, na *Síntese Química* (pág. 164), Berthelot já qualificava essa teoria de “romance engenhoso e sutil”. Vê-se por aí, diz Le Bon (*Revista Científica*, 31 de outubro de 1903), que certos dogmas científicos têm tanto mais consistência quanto as divindades das idades antigas. Antes deles, Sir W. Crookes, o grande físico inglês, declarara: “A matéria é apenas um modo de movimento” (*Proc. Roy. Soc.*, nº 205). Assim, desmorona-se o único ponto de apoio sobre o qual se construía toda a teoria materialista. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

com ela, nossa memória e nossa vontade. Há no ser humano uma força inteligente e consciente que regula o movimento harmonioso dos átomos materiais, segundo as necessidades da existência; um princípio que domina a matéria e lhe segue.

Da mesma forma, acontece com o conjunto das coisas. O mundo material é apenas o aspecto exterior, a aparência mutante, a manifestação de uma realidade substancial e espiritual que se encontra dentro de si. Da mesma forma que o *eu* humano não está na matéria variável, mas no espírito, o *eu* do Universo não está no conjunto dos globos e dos astros que o compõem, mas na Vontade oculta, na Potência invisível e imaterial que, daí, dirige os segredos resultantes e regula a evolução.

A ciência materialista vê apenas um lado das coisas. Na sua impotência para determinar as leis do Universo e da vida, depois de haver proscrito a hipótese, ela é obrigada a ela retornar para dar uma explicação das leis naturais. É o que fez, tomando por base do mundo físico o átomo, que não se percebe pelos sentidos.

J. Soury, um dos escritores materialistas mais autorizados, não hesita em confessar essa contradição na sua análise dos trabalhos de Haeckel: “Nada podemos conhecer, diz ele, da constituição da matéria.”

Se o mundo fosse apenas um composto de matéria governado pela força cega, quer dizer, pelo acaso, não se veria essa sucessão regular, contínua, dos mesmos fenômenos, produzindo-se segundo uma ordem estabelecida; não se veria essa adaptação inteligente dos meios ao objetivo, essa harmonia das leis, das forças, das proporções, que se manifesta em toda Natureza. A vida seria um acidente, um fato de exceção, e não, de ordem geral. Não se saberia explicar essa tendência, esse impulso que, em todas as idades do mundo,

MATERIALISMO E POSITIVISMO

desde o aparecimento dos seres elementares, dirige a corrente vital, através dos progressos sucessivos, para formas cada vez mais perfeitas. Cega, inconsciente, sem-objetivo, como a matéria poderia diversificar-se, desenvolver-se no plano grandioso cujas linhas aparecem para qualquer observador atento? Como poderia coordenar seus elementos, suas moléculas, de maneira a formar todas as maravilhas da Natureza, desde as esferas que povoam o Espaço até os órgãos tão delicados do corpo humano, até o inseto, o pássaro, a flor?

Os progressos da Geologia e da Antropologia pré-histórica lançaram vivas luzes sobre a História do mundo primitivo; mas foi em vão que os materialistas acreditaram encontrar na lei da evolução dos seres um ponto de apoio, um socorro para suas teorias. Uma coisa essencial destaca-se desses estudos: é a certeza de que a força cega não domina em parte alguma de maneira absoluta. Ao contrário, é a inteligência, a vontade, a razão que triunfam e reinam. A força bruta não foi suficiente para assegurar a conservação e o desenvolvimento das espécies. Entre os seres, aquele que tomou posse do globo e dominou a Natureza, não é o mais forte, o melhor armado fisicamente, mas o melhor dotado intelectualmente.

Desde sua origem, o mundo se encaminha para um estado de coisas cada vez mais elevado. A lei do progresso se afirma através dos tempos, nas transformações sucessivas do globo e nas etapas da Humanidade. Um objetivo se revela no Universo, objetivo para o qual tudo caminha, tudo evolui, os seres como as coisas; e esse objetivo é o bem, é o melhor. A História da Terra é a mais eloquente testemunha disso.

Censurar-nos-ão, sem dúvida, que a luta, o sofrimento e a morte estão no fundo de tudo. Responderemos que o esforço, a luta e o sofrimento são as condições próprias do progresso.

DEPOIS DA MORTE

Quanto à morte, ela não é o nada, como o provaremos mais adiante, mas a entrada do ser numa nova fase de evolução. Do estudo da Natureza e dos anais da História, um fato capital se destaca: há uma causa para tudo o que existe. Para conhecer esta causa, é preciso elevar-se acima da matéria, até o princípio intelectual, até a Lei viva e consciente que nos explica a ordem do Universo, como as experiências da Psicologia moderna nos explicam o problema da vida.

*

* *

Julga-se, sobretudo, uma doutrina filosófica por suas consequências morais, pelos efeitos que ela produz sobre a vida social. Consideradas por esse ponto de vista, as teorias materialistas, baseadas no fatalismo, são incapazes de servir de móvel à vida moral, de sanção às leis da consciência. A ideia, completamente mecânica, que elas dão do mundo e da vida destrói a noção de liberdade e, por conseguinte, a de responsabilidade.⁷³ Elas fazem da luta pela existência uma lei inexorável, em virtude da qual os fracos devem sucumbir sob os golpes dos fortes, uma lei que bane para sempre da Terra o reino da paz, da solidariedade e da fraternidade humana. Penetrando em seus espíritos, elas só podem trazer a indiferença e o egoísmo nos felizes, o desespero e a violência nos deserdados, a desmoralização em todos.

Sem dúvida, há materialistas honestos e ateus virtuosos, mas não é em consequência de uma aplicação rigorosa de suas doutrinas. Se assim são, é apesar das suas opiniões e não por causa delas; é por um impulso secreto da sua

⁷³ Büchner e sua escola não hesitam em afirmar: “O homem não é livre, dizem, ele vai onde seu cérebro o impulsiona.” (Ver Büchner, *Força e Matéria*). (N.A.)

MATERIALISMO E POSITIVISMO

Natureza, e porque sua consciência soube resistir a todos os sofismas. Daí resulta, logicamente, que suprimindo o livre-arbítrio, fazendo das faculdades intelectuais e das qualidades morais a resultante de combinações químicas, as secreções da substância cinza do cérebro, considerando o gênio como uma nevrose, o materialismo rebaixa a dignidade humana, retira da existência todo caráter elevado.

Com a convicção de que nada há além da vida presente, e nenhuma justiça que não a dos homens, cada um pode dizer a si mesmo: De que adianta lutar e sofrer? De que adianta a piedade, a coragem, a retidão? Por que constringer e domar seus apetites, seus desejos? Se a Humanidade está abandonada à própria sorte, se não há em lugar algum um poder inteligente, equitável, que a julga, que a guia, sustenta-a, que socorro ela pode esperar? Que ajuda lhe tornará menos penoso o peso das suas provas?

Se não há no Universo nem razão, nem justiça, nem amor; apenas a força cega, enlaçando os seres e os mundos sob o jugo de uma fatalidade sem-pensamento, sem-alma, sem-consciência; então, o ideal, o bem, a beleza moral, são outras tantas ilusões e mentiras. Não é mais neles, mas na realidade brutal; não é mais no dever, mas no prazer, que o homem deve ver o objetivo da vida, e, para realizá-lo, deve passar por cima de qualquer sentimentalismo vão.

Se viemos do nada para retornar ao nada, se a mesma sorte, o mesmo esquecimento espera o criminoso e o sábio, o egoísta e o homem devotado; se, segundo as combinações do acaso, uns devem votar-se exclusivamente à dor e outros à alegria e à honra, então, é preciso ousar proclamá-lo, a esperança é uma quimera; não há mais consolações para os aflitos, não há mais justiça para as vítimas do destino. A Humanidade rola, levada pelo movimento do globo, sem-objetivo,

DEPOIS DA MORTE

sem-clareza, sem a lei moral, renovando-se pelo nascimento e pela morte, dois fenômenos entre os quais o ser agita-se e passa, deixando apenas como traço uma centelha na noite.

Sob a influência de tais doutrinas, a consciência só tem que se calar e dar lugar ao instinto brutal; o espírito de cálculo deve suceder ao entusiasmo, e o amor ao prazer substituir as generosas aspirações da alma. Então, cada qual pensará apenas em si. O desgosto da vida, o pensamento do suicídio virão apavorar os infelizes. Os deserdados só terão ódio por aqueles que possuem e, na sua fúria, despedaçarão essa civilização grosseira e material.

Mas não! O pensamento, a razão se revoltam e protestam contra essas doutrinas desoladoras. O homem, dizem-nos elas, não terá lutado, trabalhado, sofrido, para chegar ao nada; a matéria não é tudo; há leis superiores a ela, leis de ordem e harmonia, e o Universo não é somente um mecanismo inconsciente.

Como a matéria cega poderia governar através das leis inteligentes e sábias? Como, desprovida de razão, de sentimento, poderia produzir seres razoáveis e sensíveis, capazes de discernir o bem do mal, o justo da injustiça? Qual! A alma humana é suscetível de amar até o sacrifício, o sentido do belo e do bem está gravado nela, e ela seria o resultado de um elemento que não possui essas qualidades em grau nenhum? Nós sentimos, amamos, sofremos, e emanaríamos de uma causa que é surda, inexorável e muda? Seríamos mais perfeitos e melhores que ela?

Um tal raciocínio é um ultraje à lógica. Não se poderia admitir que a parte possa ser superior ao todo, que a inteligência possa derivar de uma causa ininteligente, que, de uma natureza sem-objetivo, possam sair seres suscetíveis de perseguir um objetivo.

MATERIALISMO E POSITIVISMO

O senso comum nos diz, ao contrário, que, se a inteligência, o amor do bem e do belo estão em nós, é preciso que provenham de uma causa que os possui num grau superior. Se a ordem manifesta-se em todas as coisas, se um plano revela-se no mundo, é que um pensamento os elaborou, uma razão os concebeu.

Não insistamos nos problemas que teríamos que retomar o exame mais adiante, e cheguemos a uma outra doutrina, que tem com o materialismo numerosos pontos de contato. Queremos falar do Positivismo.

Esta filosofia, mais sutil ou menos franca que o materialismo, nada afirma, nada nega. Afastando qualquer estudo metafísico, qualquer pesquisa das causas primárias, ela estabelece que o homem nada pode saber do princípio das coisas; em consequência, o estudo das causas do mundo e da vida seria supérfluo. Todo seu método refere-se à observação dos fatos constatados pelos sentidos e leis que os regem. Admite apenas a experiência e o cálculo.

Todavia, o rigor desse método teve que se curvar diante das exigências da Ciência, e o Positivismo, como o materialismo, apesar do seu horror à hipótese, foi constrangido a admitir teorias não verificáveis pelos sentidos. É assim que ele raciocina sobre a matéria e a força, cuja natureza íntima lhe é desconhecida; que não admite a lei de atração, o sistema astronômico de Laplace, a correlação das forças, todas as coisas impossíveis de demonstrar, experimentalmente.

Mais ainda, vimos o fundador do Positivismo, Augusto Comte, depois de ter eliminado todos os problemas religiosos e metafísicos, retornar às qualidades ocultas e misteriosas das coisas⁷⁴ e terminar sua obra fundando o culto da Terra. Esse

⁷⁴ Ver, sobre esse assunto, *Ontologia*, de Durand de Gros (1871) obra notável que refuta as doutrinas positivistas. (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

culto tinha suas cerimônias, seus sacerdotes assalariados. É verdade que os positivistas renegaram essas aberrações. Não insistiremos nesse ponto, não mais sobre o fato de que Littré, o sábio eminente, o chefe venerado do ateísmo moderno fez-se batizar no seu leito de morte, depois de ter aceito as visitas frequentes de um sacerdote católico. Um tal desmentido infligido aos princípios de toda uma vida deve, entretanto, ser assinalado.

Esses dois exemplos, dados pelos mestres do Positivismo, demonstram a impotência de doutrinas que se desinteressam das aspirações do ser moral e religioso. Eles provam que nada se cria com negações nem com a indiferença; que, apesar de todos os sofismas, chega a hora em que o pensamento do Além se ergue diante dos cétricos mais endurecidos.

Contudo, não se pode desconhecer que o Positivismo não tenha tido sua razão de ser e não tenha prestado incontestáveis serviços ao espírito humano, constringindo este a seguir de mais perto ainda seus argumentos, a precisar suas teorias, a fazer mais ampla demonstração. Cansados das abstrações metafísicas e das vãs discussões de escola, seus fundadores quiseram colocar a Ciência num terreno sólido; mas a base escolhida por eles era tão estreita que seu edifício deixou de ter, ao mesmo tempo, amplidão e solidez. Querendo restringir o domínio do pensamento, anularam as mais belas faculdades da alma; rejeitando as ideias de Espaço, de Infinito, de absoluto, tiraram de certas Ciências, da Matemática, da Geometria, da Astronomia, qualquer possibilidade de se desenvolver e de progredir. Vimos esse fato significativo: é no campo da Astronomia Estelar, Ciência proscrita por Augusto Comte como sendo do domínio do incognoscível, que as mais belas descobertas foram realizadas.

MATERIALISMO E POSITIVISMO

O Positivismo está impossibilitado de fornecer uma base moral à consciência. O homem, desse lado, tem apenas direitos a exercer, há, também, deveres a realizar; é a condição essencial de qualquer ordem social. Ora, para realizar seus deveres, é preciso conhecê-los, e como conhecê-los, se se desinteressa do objetivo da vida, das origens e dos fins do ser? Como nos conformar com a regra das coisas, segundo a própria expressão de Littré, se nós nos impedimos de explorar o domínio do mundo moral e o estudo dos fatos da consciência?

Num objetivo louvável, certos pensadores, materialistas e positivistas quiseram fundar o que chamavam de moral independente, quer dizer, a moral separada de qualquer concepção teológica, de qualquer influência religiosa. Eles acreditavam, ali, encontrar um terreno neutro, onde todos os bons espíritos pudessem se reunir. Mas os materialistas não refletiram que negando a liberdade, tornavam toda moral impotente e vã. Sem liberdade, o homem é apenas uma máquina, e uma máquina não tem o que fazer com a moral. Teria sido necessário também que a noção do dever fosse aceita por todos para ser eficaz; e sobre o que pode se apoiar a noção do dever numa teoria mecânica do mundo e da vida?

A moral não pode ser tomada como base, como ponto de partida. Ela é uma consequência de princípio, o coroa-mento de uma concepção filosófica. É por isso que a moral independente tornou-se uma teoria estéril, uma ilusão generosa, sem-influência sobre os costumes.

No seu estudo atento e minucioso da matéria, as escolas positivistas contribuíram para enriquecer certos ramos dos conhecimentos humanos, mas perderam de vista seu domínio exclusivo, imitaram o mineiro que se afunda cada vez mais nas entranhas do solo, descobre, aí, os tesouros ocultos e não

DEPOIS DA MORTE

vê mais o grande espetáculo da Natureza, despojando-se sob os raios do Sol.

Essas escolas não foram fiéis nem mesmo a seu programa; pois, depois de ter proclamado o método experimental como o único meio de chegar à verdade, nós as vimos desmentirem-se, negando, *a priori*, toda uma série de fenômenos, de manifestações psíquicas, que teremos que examinar. Coisa digna de nota, a ciência positiva mostrou tanta incredulidade desdenhosa diante desses fatos, que acabara tumultuando suas teorias, quanto, deliberadamente, os homens da igreja mais intolerantes.

O Positivismo não pode ser considerado como a última etapa da Ciência. Esta é progressiva em essência e saberá completar-se. O Positivismo é apenas uma das formas temporárias da evolução filosófica. Os séculos não se sucederam aos séculos, as obras dos sábios e dos filósofos não se acumularam para atingir a teoria do *inatingível ao conhecimento*? O pensamento evolui, desenvolve-se e, cada dia, penetra mais adiante. O que era ontem desconhecido, será conhecido amanhã. A marcha do espírito humano não tem fim. Fixar-lhe um, é negar a lei do progresso; é desprezar a verdade.



VIII

A CRISE MORAL

Do exame precedente resulta que dois sistemas contraditórios e opostos partilham o mundo do pensamento. Nosso tempo é, nesse ponto de vista, um tempo de perturbação e de transição. A fé religiosa esmoreceu e as grandes linhas da filosofia do futuro só aparecem, ainda, para uma minoria de pesquisadores.

Certamente, a época em que vivemos é grande pela soma dos progressos realizados. A civilização moderna, extremamente utilitária, transformou a face da Terra; reproximou os povos, suprimindo-lhes as distâncias. A instrução foi estendida; as instituições foram melhoradas. O direito substitui o privilégio, e a liberdade triunfa do espírito de rotina e do princípio de autoridade. Uma grande batalha se trava entre o passado, que não quer morrer, e o futuro, que se esforça para nascer para a vida. Em favor dessa luta, o mundo se agita e caminha; uma impulsão irresistível o arrasta; e o caminho percorrido, os resultados adquiridos nos fazem pressagiar conquistas ainda mais maravilhosas.

DEPOIS DA MORTE

Todavia, se os progressos de ordem material e de ordem intelectual são notáveis, por outro lado, o avanço moral é nulo. Nesse ponto, o mundo parece recuar muito mais; as sociedades humanas, febrilmente absorvidas pelas questões políticas, pelas empresas industriais e financeiras, sacrificam ao bem-estar seus interesses morais.

Se a obra da civilização nos aparece sob aspectos magníficos, ela tem também, como todas as coisas humanas, sombras escondidas. Sem dúvida, ela melhorou numa certa medida as condições da existência, mas multiplicou as necessidades de tanto satisfazê-las; aguçando os apetites, os desejos, favoreceu tanto o sensualismo que aumentou a depravação. O amor ao prazer, ao luxo, às riquezas tornou-se cada vez mais ardente. Quer-se adquirir, quer-se possuir a qualquer preço.

Daí, essas especulações desavergonhadas que se instalam em plena luz. Daí, esse abatimento dos caracteres e das consciências, esse culto fervoroso que se rende à fortuna, verdadeiro ídolo cujos altares substituíram os das divindades decaídas.

A ciência e a indústria centuplicaram as riquezas da Humanidade, mas dessas riquezas apenas uma pequena parte dos seus membros aproveitaram diretamente. A sorte dos pequenos tornou-se precária, e a fraternidade ocupou mais lugar nos discursos do que nos corações. No meio das cidades opulentas, pode-se ainda morrer de fome. As usinas, as aglomerações operárias, focos de corrupção física e moral, tornaram-se como que infernos do trabalho.

A embriaguez, a prostituição, a libertinagem, espalham-se por toda a parte seus venenos, empobrecendo as gerações e secam a vida na sua fonte, enquanto que as páginas públicas semeiam, à porfia, a injúria, a mentira, e uma literatura malsã excita os cérebros e debilita as almas.

A CRISE MORAL

Cada dia, a desesperança causa novamente devastações: o número de suicidas que, em 1820, era de mil e quinhentos, na França, é agora de mais de oito mil. Oito mil seres, a cada ano, desertam das lutas fecundas da vida por falta de energia e de senso moral e se refugiam no que acreditam ser o nada! O número dos crimes e delitos triplicou há cinquenta anos. Entre os condenados, a proporção dos adolescentes é considerável. É preciso ver nesse estado de coisas os efeitos do contágio do meio, dos maus exemplos recebidos desde a infância, a ausência de firmeza dos pais e a falta de educação na família? Há tudo isso, e mais ainda.

Nossos males provêm daquilo que o homem ignora de si mesmo, apesar dos progressos da Ciência e o desenvolvimento da instrução. Ele sabe pouca coisa das leis do Universo; ele nada sabe das forças que nele estão. O “Conhece-te a ti mesmo” do filósofo grego permaneceu, para a imensa maioria dos humanos, como um apelo estéril. Não há mais que vinte séculos, menos talvez, o homem de hoje não sabe o que ele é, de onde vem, para onde vai, qual é o seu objetivo real da existência. Nenhum ensinamento veio dar-lhe a noção exata do seu papel nesse mundo nem de seus destinos.

O espírito humano flutua, indeciso, entre as solicitações de duas potências.

De um lado, as religiões com seu cortejo de erros e de superstições, seu espírito de dominação e de intolerância; mas também, com as consolações das quais são a fonte e as fracas luzes que guardaram das verdades primordiais.

Do outro, a Ciência, materialista nos seus princípios como nos seus fins, com suas frias negações e sua tendência exagerada ao individualismo; mas também, com o prestígio das suas descobertas e de seus benefícios.

E esses dois colossos, a religião sem-provas e a Ciência sem-ideal, desafiam-se, exterminam-se, combatem-se sem

DEPOIS DA MORTE

poder vencer-se, pois cada uma delas responde a uma necessidade imperiosa do homem, uma, falando ao seu coração, a outra, dirigindo-se ao seu espírito e à sua razão. Em torno delas acumulam-se as ruínas de numerosas esperanças e de aspirações destruídas; os sentimentos generosos enfraquecem-se, a divisão e o ódio substituem a benevolência e a concórdia.

No meio dessa confusão de ideias, a consciência perdeu o seu caminho. Ela vai, ansiosa, ao acaso e, na incerteza que pesa sobre ela, o bem e o justo curvam-se. A situação moral de todos os infelizes que se dobram sob o fardo da vida tornou-se intolerável; entre duas doutrinas que apenas oferecem como perspectivas às suas dores, como termo aos seus males, uma, o nada, a outra, um paraíso quase inacessível ou uma eternidade de suplícios.

As consequências desse conflito se fazem sentir em toda a parte, na família, no ensino e na sociedade. A educação viril desapareceu. Nem a Ciência, nem a religião sabem mais fazer as almas fortes e bem armadas para os combates da vida. A Filosofia, ela própria, dirigindo-se somente a algumas inteligências abstratas, abdica dos seus direitos sobre a vida social e perde toda a influência.

Como a Humanidade sairá desse estado de crise? Só há um meio para isso: encontrar um terreno de conciliação onde as duas forças inimigas, o sentimento e a razão, possam unir-se para o bem e a salvação de todos. Pois todo ser humano traz em si essas duas forças, sob o império das quais ele pensa e age, alternadamente. Seu acordo obtém das suas faculdades o equilíbrio e a harmonia, centuplica seus meios de ação e dá à sua vida a retidão, a unidade de tendências e de vistas, enquanto que suas contradições e suas lutas causam-lhe a desordem. E o que se produz em cada um de nós, manifesta-se na sociedade inteira e causa a perturbação moral da qual ela sofre.

A CRISE MORAL

Para colocar um fim nisso, é preciso que a luz se faça aos olhos de todos, grandes e pequenos, ricos ou pobres, homens, mulheres e crianças; é preciso que um novo ensino popular venha esclarecer as almas sobre sua origem, seus deveres e seu destino.

Pois tudo está aí. Unicamente, as soluções formuladas por esse ensino podem servir de base a uma educação viril, tornar a Humanidade verdadeiramente forte e livre. Sua importância é capital, tanto para o indivíduo, que elas dirigirão na sua tarefa cotidiana, como para a sociedade, à qual regularão as instituições e as relações.

A ideia que o homem faz do Universo, de suas leis, do papel que lhe cabe nesse vasto teatro, recai sobre toda a sua vida e influi sobre suas determinações. É segundo ela que ele traça um plano de conduta, fixa para si um objetivo e caminha para ele. Procuraríamos também, em vão, evitar esses problemas. Eles se impõem ao nosso espírito; eles nos dominam, envolvem-nos nas suas profundezas; formam o eixo de qualquer civilização.

Cada vez que uma concepção nova do mundo e da vida penetra no espírito humano e infiltra-se, pouco a pouco, em todos os meios, a ordem social, as instituições e os costumes ressentem-se, imediatamente, disso.

As concepções católicas criaram a civilização da Idade Média e dividiram a sociedade feudal, monárquica, autoritária. Então, na Terra como no Céu, era o reino da graça e do bel-prazer. Essas concepções viveram; não encontram mais lugar no mundo moderno. Mas, abandonando as antigas crenças, o presente não soube substituí-las. O Positivismo materialista e ateu apenas vê na vida uma combinação passageira de matéria e de força, um mecanismo brutal nas leis do Universo. Nenhuma noção de justiça, de solidariedade,

DEPOIS DA MORTE

de responsabilidade. Daí, um relaxamento geral dos laços sociais, um ceticismo pessimista, um desprezo por qualquer lei e por qualquer autoridade, que poderiam nos conduzir aos abismos.

Essas doutrinas materialistas trouxeram para uns o desencorajamento, para outros, uma recrudescência da co-biça, por toda a parte elas arrastaram ao culto do ouro e da carne. Sob sua influência, uma geração educou-se, geração desprovida de ideal, sem-fé no futuro, duvidando dela mesma e de tudo.

As religiões dogmáticas nos conduziam ao arbítrio e ao despotismo; o materialismo atingiu, logicamente, inevitavelmente, à anarquia e ao nihilismo. É por isso que devemos considerá-lo como um perigo, como uma causa de decadência e de rebaixamento.

Talvez considerem essas apreciações excessivas e seremos taxados de exagero. Basta-nos, nesse caso, nos reportarmos às obras dos materialistas eminentes e citarmos suas próprias conclusões.

Eis, por exemplo, o que escrevia, entre tantos outros, o Sr. Jules Soury:⁷⁵

“Se há alguma coisa de vão e inútil no mundo, é o nascimento, a existência e a morte dos inumeráveis parasitas, faunas e floras, que vegetam como um bolor e se agitam na superfície desse ínfimo planeta. Indiferente em si mesma, necessária, em todo caso, já que ela é, essa existência que tem como condição a luta encarniçada de todos contra todos, a violência ou a astúcia, *o amor, mais amargo que a morte, parecerá, pelo menos para todos os seres verdadeiramente conscientes, um sonho sinistro, uma alucinação dolorosa, ao preço da qual o nada seria um bem*”.

⁷⁵ *Filosofia Natural. (N.A.)*

A CRISE MORAL

“Mas, se somos os filhos da Natureza, se ela nos criou e nos deu o ser, somos nós, por nossa vez, que a dotamos de todas as qualidades ideais que a ornamentam aos nossos olhos, que tecemos o véu luminoso sob o qual ela nos aparece. A eterna ilusão que encanta ou que atormenta o coração humano é, portanto, obra sua”.

“Nesse Universo onde tudo são sombras e silêncio, apenas ele vela e sofre nesse planeta, porque apenas ele talvez com seus irmãos inferiores, medite e pense. Ele apenas começa a compreender a fragilidade de tudo em que acreditou, de tudo o que amou, o nada da beleza, a mentira da bondade, *a ironia de toda ciência humana*. Depois de se ter, inocentemente adorado, os seus deuses e os seus heróis, quando não tem mais fé nem esperança, eis que sente que a própria Natureza se contradiz, que *ela era, como todo o resto, apenas aparência e velhacaria*”.

Uma outra escritora materialista, poetisa de grande talento, Sra. Ackermann, não hesitava em manter essa linguagem:

“Eu não direi à Humanidade: Progrida! Eu lhe direi: Morra! Pois nenhum progresso jamais te arrancará das misérias da condição terrestre”.

Essas visões não são somente partilhadas por alguns escritores. Graças a uma literatura que desonra o belo nome do naturalismo, por meio de romances, de folhetins sem conta, elas penetraram até nos meios mais obscuros.

Com essa opinião de que o nada é preferível à vida, pode-se espantar de que o homem tenha desgosto pela existência e pelo trabalho? Pode-se recusar a compreender por que o desencorajamento e a desmoralização se infiltram nos espíritos? Não, não é com tais doutrinas que se inspirará aos

DEPOIS DA MORTE

povos a grandeza da alma, a firmeza nos dias ruins, a coragem na adversidade!

Uma sociedade sem-esperança, sem-fé no futuro, é como um homem perdido no deserto, como uma folha morta que rola ao sabor dos ventos. É bom combater a ignorância e a superstição, mas é preciso substituí-las pelas crenças racionais. Para caminhar com passo firme na vida, para se preservar das falhas e das quedas, é necessária uma convicção robusta, uma fé que nos eleve acima do mundo material; é preciso ver o objetivo e atingi-lo, retamente. A arma mais segura no combate terrestre é uma consciência reta e esclarecida.

Mas se a ideia do nada nos domina, se cremos que a vida não tem amanhã e que com a morte tudo termina, então, para ser lógicos, o cuidado da existência material e o interesse pessoal deverão se sobrepôr a qualquer outro sentimento. Pouco nos importará um futuro que não deveremos conhecer! A que título nos falarão de progresso, de reformas, de sacrifícios? Se apenas há para nós uma existência efêmera, só nos resta aproveitar o momento presente, tomar as alegrias e abandonar os sofrimentos e os deveres! Tais são os raciocínios aos quais chegam, forçosamente, as teorias materialistas; raciocínios que ouvimos formular e que vemos aplicar todo dia em torno de nós.

Que estragos podemos esperar dessas doutrinas, no meio de uma civilização rica, já muito desenvolvida no sentido do luxo e prazeres físicos?

Entretanto, todo ideal não está morto. A alma humana tem, às vezes, o sentimento da sua miséria, da insuficiência da vida presente e da necessidade do Além. No pensamento do povo, uma espécie de intuição subsiste; enganado durante séculos, tornou-se incrédulo diante de qualquer dogma,

A CRISE MORAL

mas não é cético. Vagamente, confusamente, ele crê, aspira à justiça. E esse culto da lembrança, essas manifestações emocionantes do 2 de novembro, que levam as multidões aos túmulos dos mortos amados, denotam, também, um instinto confuso da imortalidade.

Não, o povo não é ateu, já que crê na justiça imanente, como crê na liberdade, pois todas duas existem por ordem de leis eternas e divinas. Esse sentimento, o maior, o mais belo que se possa encontrar no fundo da alma, esse sentimento nos salvará. Por isso, bastará fazer com que todos compreendam que essa noção, gravada em nós, é a própria lei do Universo, que ela rege todos os seres e todos os mundos e que, através dela, o bem deve, finalmente, triunfar do mal e a vida surgir da morte.

Enquanto aspira à justiça, o povo procura a realização desta. Ele a procura no terreno político como no terreno econômico, no princípio de associação. O poder popular começou a estender sobre o mundo uma vasta rede de associações operárias, um agrupamento socialista que envolve todas as nações e, sob uma única bandeira, faz ouvir, em toda a parte, os mesmos apelos, as mesmas reivindicações. Há, ali, não se enganem, ao mesmo tempo que um espetáculo cheio de ensinamentos para o pensador, uma obra cheia de consequências para o futuro.

Inspirada pelas teorias materialistas e ateias, ela se tornaria um instrumento de destruição, pois sua ação resultaria em violências, em revoluções dolorosas. Contida nos limites da sabedoria e da moderação, ela pode fazer muito pela felicidade da Humanidade. Que uma luz do alto, que um ideal elevado venham esclarecer essas multidões no trabalho, essas massas ávidas de progresso e veremos todas as velhas formas sociais se dissolverem e se fundirem num

DEPOIS DA MORTE

mundo novo, baseado no direito de todos, na justiça e na solidariedade.

*
* *

A hora presente é uma hora de crise e renovação. O mundo está em fermentação, a corrupção cresce, a sombra se estende, o perigo é grande; mas atrás da sombra, entrevemos a luz; atrás do perigo, vemos a salvação. A sociedade não pode perecer. Se ela traz em si mesma elementos de decomposição, traz, também, germens de transformação e de elevação. A decomposição anuncia a morte, mas precede, também, o renascimento; ela pode ser o prelúdio de uma outra vida.

De onde virão a luz, a salvação, e a elevação?

Não é da Igreja: ela é impotente para regenerar o espírito humano.

Não é da Ciência: ela não se ocupa nem dos caracteres, nem das consciências, mas somente do que atinge os sentidos; e tudo o que faz a vida moral, tudo o que faz grandes os corações, as sociedades fortes: o devotamento, a virtude, a paixão do bem, tudo isso não se percebe com os sentidos.

Para elevar o nível moral, para fazer parar essas duas correntes da superstição e do ceticismo, que atingem igualmente à esterilidade, o que é necessário ao homem é uma concepção nova do mundo e da vida que, apoiando-se no estudo da Natureza e da consciência, na observação dos fatos, nos princípios da razão, fixe o objetivo da existência e regule nossa marcha adiante. O que é necessário é um ensino de onde se extraia um móvel de aperfeiçoamento, uma sanção moral e uma certeza para o futuro.

Ora, essa concepção e esse ensino já existem e se vulgarizam todos os dias. No meio das disputas e das divagações das escolas, uma voz se faz ouvir: a dos Mortos. Do outro lado

A CRISE MORAL

da tumba, eles se revelaram mais vivos do que nunca; diante das suas instruções, o véu que nos escondia a vida futura caiu. O ensinamento que eles nos dão vai reconciliar todos os sistemas inimigos e, das cinzas do passado, fazer jorrar uma nova chama. Na filosofia dos espíritos, reencontramos a doutrina secreta que envolve todas as idades. Essa doutrina, fá-la reviver, nela reúne os fragmentos esparsos, religa-os com um cimento poderoso, para ali reconstituir um monumento capaz de abrigar todos os povos, todas as civilizações. Para assegurar sua duração, ela o assenta sobre a rocha da experiência direta, do fato renovado constantemente. Graças a ela, a certeza da vida imortal torna-se precisa aos olhos de todos, com as existências inumeráveis e os progressos incessantes que ela nos reserva na sucessão dos tempos.

Uma tal doutrina pode transformar povos e sociedades, levando a claridade a toda a parte onde há noite, fazendo fundir ao seu calor tudo o que há de gelo e de egoísmo nas almas, revelando a todos os homens as leis que os unem nos laços de uma estreita solidariedade. Ela fará a conciliação com a paz e a harmonia.

Através dela, aprenderemos a agir com um mesmo espírito e um mesmo coração. A Humanidade, consciente da sua força, avançará com um passo mais firme para seus magníficos destinos.

Desse ensino, exporemos os princípios essenciais na segunda parte dessa obra; depois do que, indicaremos as provas experimentais, os fatos de observação sobre os quais eles repousam.



SEGUNDA PARTE

OS GRANDES PROBLEMAS

IX

O UNIVERSO E DEUS

Acima dos problemas da vida e do destino, ergue-se a questão de Deus.

Se estudamos as leis da Natureza, se perseguimos a beleza ideal na qual todas as artes se inspiram, em toda parte e para sempre, acima e além de tudo, reencontramos a ideia de um ser superior, necessário e perfeito, fonte eterna do bem, do belo e do verdadeiro, a quem se identificam a lei, a justiça, a suprema razão.

O mundo, físico e moral, é governado por leis, e essas leis denotam uma inteligência profunda das coisas que regem. Elas não procedem de uma causa cega; o caos, o acaso não poderiam produzir a ordem e a harmonia. Elas não emanam dos homens: seres passageiros, limitados no tempo e no Espaço, não poderiam criar leis permanentes e universais. Para explicá-las, logicamente, é preciso remontar até o ser gerador de todas as coisas. Não se poderia conceber a inteligência sem personificá-la num ser, mas esse ser não vem se juntar à cadeia dos seres. Ele é o Pai de todos, a própria fonte da vida.

DEPOIS DA MORTE

Não se deve entender a personalidade aqui no sentido de um ser que possui uma forma, mas muito mais como o conjunto das faculdades que constituem um todo consciente. A personalidade, na mais alta acepção dessa palavra, é a consciência, e é nesse sentido que Deus é uma pessoa, ou melhor, a personalidade absoluta, e não um ser que tem uma forma e limites. Deus é infinito e não pode ser individualizado, quer dizer, separado do mundo, nem subsistir à parte.

Quanto a desinteressar-se do estudo da causa primária como inútil e incognoscível, segundo a expressão dos positivistas, nós nos perguntamos se é realmente possível a um espírito sério comprazer-se na ignorância das leis que regulam as condições da sua existência. A busca de Deus impõe-se. Ela é apenas o estudo da grande Alma, do princípio de vida que anima o Universo e se reflete em cada um de nós. Tudo se torna secundário quando se trata do princípio das coisas. A ideia de Deus é inseparável da ideia de lei e, sobretudo, de lei moral e nenhuma sociedade pode viver, nem se desenvolver, sem o conhecimento da lei moral. A crença num ideal superior de justiça fortifica a consciência e sustenta o homem nas suas provas. Ela é a consolação, a esperança daqueles que sofrem, o supremo refúgio dos aflitos, dos abandonados. Como uma aurora, ela clareia com suas suaves luzes a alma dos infelizes.

Sem dúvida, não se pode demonstrar a existência de Deus através de provas diretas e sensíveis. Deus não é percebido pelos sentidos. A Divindade ocultou-se sob um véu misterioso, talvez, para nos forçar a procurá-la, o que é bem o exercício mais nobre e o mais fecundo da nossa faculdade de pensar e, também, para nos deixar o mérito de descobri-la. Mas, há em nós uma força, um instinto seguro, que nos leva até ela e nos afirma sua existência com mais autoridade do que todas as demonstrações e todas as análises.

O UNIVERSO E DEUS

Em todos os tempos, sob todos os climas, — e é a razão de ser de todas as religiões, — o espírito humano sentiu a necessidade de se elevar acima de todas as coisas móveis, perecíveis, que constituem a vida material e que não podem lhe dar uma completa satisfação; quis prender-se ao que é fixo, permanente, imutável no Universo; compreendeu que a existência de um Ser absoluto e perfeito, no qual identifica todas as potências intelectuais e morais. Encontrou tudo isso em Deus, e nada além dele pode nos dar essa segurança, essa certeza, essa confiança no futuro, sem as quais flutuamos em todos os ventos da dúvida e da paixão.

Opor-se-á, talvez, o funesto uso que as religiões fizeram da ideia de Deus. Mas que importam as formas variadas que os homens emprestaram à divindade? São para nós apenas deuses quiméricos, criados pela razão débil da infância das sociedades, essas formas poéticas, graciosas ou terríveis, sendo apropriadas às inteligências que as conceberam. O pensamento humano, mais maduro, afastou-se dessas concepções envelhecidas; esqueceu-se desses fantasmas e os abusos cometidos em seu nome, para transportar-se com um impulso poderoso para a Razão Eterna, para Deus, Alma do Mundo, foco universal de vida e de amor, em quem nos sentimos viver como o pássaro vive no ar, como o peixe vive no oceano, e por quem nós estamos ligados a tudo o que é, foi e será.

A ideia que as religiões fizeram de Deus apoiava-se numa revelação pretensamente sobrenatural. Admitimos, ainda hoje, uma revelação das leis superiores, mas esta é racional e progressiva; ela se faz ao nosso pensamento pela lógica das coisas e pelo espetáculo do mundo. Está escrita em dois livros abertos permanentemente sob nossos olhos: o livro do Universo, onde as obras divinas aparecem em

DEPOIS DA MORTE

caracteres grandiosos, o livro da consciência, no qual estão gravados os preceitos da moral. As indicações dos espíritos, recolhidas em todos os pontos do globo através de processos simples e naturais, apenas a confirmaram. É por intermédio desse duplo ensinamento que a razão humana comunica-se com a razão divina no seio da natureza universal, que ela compreende, da qual aprecia as harmonias e as belezas.

*
* *

Na hora em que o silêncio e a noite se estendem sobre a Terra, quando tudo repousa nas moradas humanas, se dirigimos nosso olhar para o infinito dos céus, nós o veremos entremeado de luzes inumeráveis. Astros radiosos, sóis resplandecentes, seguidos pelos seus cortejos de planetas, evoluem aos milhares nas profundezas. Até as regiões mais recuadas, grupos estelares se desdobram como lenços luminosos. Em vão o telescópio sonda os céus, em parte alguma ele encontra limites para o Universo; em toda parte os mundos se sucedem aos mundos, os sóis aos sóis; em toda a parte legiões de astros se multiplicam a ponto de se confundir numa brilhante poeira nos abismos sem-fim do Espaço.

Que palavra humana poderia descrever-lhes, maravilhosos diamantes do escrínio celeste? Sirius, vinte vezes maior que o nosso Sol, ele próprio igual a mais de um milhão de globos terrestres reunidos; Aldebaran, Vega, Procyon, sóis cor-de-rosa, azuis, escarlates, astros de opala e safira, que derramam na imensidão seus raios multicores, raios que, apesar de uma velocidade de seiscentas mil léguas por segundo, só chegam até nós depois de centenas e de milhares de anos! E vós, nebulosas longínquas, gerais os sóis, universos em formação, trêmulas estrelas apenas perceptíveis, que sois focos gigantescos de calor, de luz, de eletricidade e

O UNIVERSO E DEUS

de vida, mundos cintilantes, esferas imensas! E vós, povos inumeráveis, raças, humanidades siderais que os habitais! Nossa voz fraca tenta em vão proclamar vosso esplendor, impotente, ela se cala, enquanto que nosso olhar fascinado contempla o desfile dos astros.

E, quando esse olhar abandona os vertiginosos Espaços para observar os mundos mais próximos, as esferas, filhas do Sol, que gravitam como nós em torno do foco comum, o que ele observa na sua superfície? Continentes e mares, montes e planícies, espessas nuvens empurradas pelos ventos, neves e bancos de gelo acumulados em volta dos polos. Aprendemos que esses mundos possuem ar, água, calor, luz, estações, climas, dias, noites, em uma palavra, todas as condições da vida terrestre, o que nos permite ver neles a morada de outras famílias humanas, crer, com a Ciência, que eles são habitados, já o foram ou o serão um dia. Tudo isso, astros flamejantes, planetas secundários, satélites, cometas vagabundos, tudo isso, suspenso no vazio, agita-se, afasta-se, aproxima-se, percorre órbitas determinadas, levado por velocidades assustadoras através das regiões sem-fim da imensidade. Em toda a parte o movimento, a atividade, a vida se manifesta no espetáculo do Universo, povoado de mundos inumeráveis, que rolam sem-reposou na profundidade dos Céus.

Uma lei regula essa circulação formidável, a lei universal de gravidade. Apenas ela sustenta, faz mover os corpos celestes, dirige em torno dos sóis luminosos os planetas obedientes. Essa lei rege tudo na Natureza, desde o átomo até o astro. A mesma força que, sob o nome de atração, retém os mundos nas suas órbitas, sob o de coesão, agrupa as moléculas e preside à formação dos corpos químicos.

Se, após esse olhar rápido lançado nos céus, comparássemos a Terra em que habitamos aos sóis poderosos que se

DEPOIS DA MORTE

balançam no éter, perto deles, ela nos pareceria apenas como um grão de areia, como um átomo que flutua no infinito. A Terra é um dos menores astros do Céu. E, entretanto, que harmonia na sua forma, que variedade na sua joia! Vejam seus continentes destacados, suas penínsulas delgadas e as guirlandas de ilhas que os envolvem; vejam seus mares imponentes, seus lagos, suas florestas, seus vegetais, desde o cedro que se eleva no flanco dos montes até a humilde flor semioculta na verdura; enumerem os seres vivos que a povoam: pássaros, insetos, plantas, e reconhecerão que cada um é uma obra admirável, uma maravilha de arte e de precisão.

E o corpo humano não é um laboratório vivo, um instrumento cujo mecanismo atinge a perfeição? Estudemos nele a circulação do sangue, esse conjunto de válvulas e válvulas semelhantes as de uma máquina a vapor. Examinemos a estrutura do olho, esse aparelho tão complicado que ultrapassa tudo o que a indústria do homem pode sonhar; a construção do ouvido, tão admiravelmente disposta para recolher as ondas sonoras; o cérebro, cujas circulações internas assemelham-se ao desabrochar de uma flor. Consideremos tudo isso; depois, deixando o mundo visível, desçamos mais abaixo na escala dos seres, penetremos nesses domínios que o microscópio nos revela; observemos esse formigamento de espécies e de raças que confunde o pensamento. Cada gota d'água, cada grão de poeira é um mundo, e os infinitamente pequenos que o povoam são governados por leis tão precisas quanto os gigantes do Espaço. Tudo está repleto de seres, de embriões, de germens. Milhões de infusórios agitam-se nas gotas do nosso sangue, nas células dos corpos organizados. A asa de uma mosca, a menor parcela de matéria, é povoada de legiões de parasitas. E todos esses animálculos estão providos de aparelhos de movimento, de sistemas nervosos,

O UNIVERSO E DEUS

de órgãos de sensibilidade que fazem deles seres completos, armados para a luta e as necessidades da existência. Até no seio do oceano, nas profundezas de oito mil metros, vivem seres débeis, delicados, fosforescentes, que fabricam luz e têm olhos para vê-la.

Assim, em todos os meios, uma fecundidade sem-limites preside a formação dos seres. A Natureza está numa criação perpétua. Assim como a espiga está em germen no grão, o carvalho na glande e a rosa no seu botão, assim, gêneses de mundos elaboram-se na profundidade dos céus estrelados. Em toda a parte a vida engendra a vida. De degrau em degrau, de espécies em espécies, por um encadeamento contínuo, ela eleva organismos mais simples, os mais rudimentares, até o ser pensante e consciente, em uma palavra, até o homem.

Uma poderosa unidade rege o mundo. Uma única substância, o éter ou fluido universal, constitui nas suas transformações infinitas a inumerável variedade dos corpos. Esse elemento vibra sob a ação das forças cósmicas. Segundo a rapidez e o número das suas vibrações, ele produz o calor, a luz, a eletricidade ou o fluido magnético. Se essas vibrações se condensam, logo aparecem os corpos.

E todas essas formas se religam, todas essas forças se equilibram, se casam em perpétuas trocas, numa estreita solidariedade. Do mineral à planta, da planta ao animal e ao homem, do homem aos seres superiores, afinamento da matéria, a ascensão da força e do pensamento se produzem num ritmo harmônico. Uma lei soberana regula num plano uniforme as manifestações da vida, enquanto que um elo invisível prende todos os universos e todas as almas.

Do trabalho dos seres e das coisas, uma aspiração se desprende, a aspiração para o infinito, para o perfeito. Todos

DEPOIS DA MORTE

os efeitos, divergentes na aparência, convergem, na realidade, para um mesmo centro; todos os fins se coordenam, formam um conjunto, evoluem para o mesmo objetivo: Deus! Deus, centro de toda atividade, finalidade última de todo pensamento e de todo amor.

O estudo da Natureza nos mostra, em todos os lugares, a ação de uma vontade oculta. Em toda parte a matéria obedece a uma força que a domina, a organiza e a dirige. Todas as forças cósmicas reconduzem ao movimento, e o movimento é o Ser, a Vida. O materialismo explica a formação do mundo pela dança cega e a aproximação fortuita dos átomos. Mas nunca se viu o arremesso das letras do alfabeto, ao acaso, produzir um poema! E que poema é esse da vida universal? Nunca se viu uma mistura de materiais produzir, ela própria, um edifício de proporções imponentes ou uma máquina de organizações numerosas e complicadas! Abandonada a si mesma, a matéria nada pode. Inconscientes e cegos, os átomos não saberiam dirigir-se para o objetivo. A harmonia do mundo só se explica através da intervenção de uma vontade. É pela ação das forças sobre a matéria, é pela existência de leis sábias e profundas que essa vontade se manifesta na ordem do Universo.

Censura-se frequentemente que nem tudo é harmônico na Natureza. Se ela produz maravilhas, diz-se, ela cria, também, monstros. O mal em toda a parte acotovela o bem. Se a lenta evolução das coisas parece preparar o mundo para se tornar o teatro da vida, é preciso não perder de vista o esbanjamento das existências e a luta ardente dos seres. É preciso não esquecer que tremores de terra, erupções de vulcões desolam, às vezes, nosso planeta e destroem, em alguns instantes, os trabalhos de várias gerações.

Sim, sem dúvida, há acidentes na obra da Natureza, mas esses acidentes não excluem a ideia de ordem, de fina-

O UNIVERSO E DEUS

lidade; ao contrário, eles vêm em apoio da nossa tese, pois poderíamos nos perguntar, por que não é tudo um acidente?

A apropriação das causas aos efeitos, dos meios à finalidade, a dos órgãos entre si, sua adaptação ao meio, às condições da vida, são manifestas. A indústria da Natureza, análoga em muitos pontos e superior a do homem, prova a existência de um plano e o emprego dos elementos que concorrem para sua realização denota uma causa oculta infinitamente sábia e poderosa.

Quanto à objeção dos monstros, ela provém de um defeito de observação. Os monstros são apenas germens desviados. Se um homem ao cair quebra a perna, far-se-á remontar a responsabilidade à Natureza ou a Deus? Da mesma forma, em consequência de acidentes, de desordens, sobrevindas durante a gestação, os germens podem sofrer desvios do seio da mãe. Estamos habituados a datar a vida do nascimento, da aparição do ser para luz, mas a vida tem seu ponto de partida muito mais distante.

O argumento fraco da existência dos flagelos tem como origem uma falsa interpretação do objetivo da vida. Esta não deve somente nos propiciar aprovações: é útil, é necessário que ela nos apresente, também, dificuldades. Todos nós nascemos para morrer, e nos espantamos que certos homens morram de acidente! Seres passageiros nesse mundo, do qual nada levaremos para o Além, lamentamo-nos pela perda de bens que se perderiam por si mesmos em virtude das leis naturais! Esses acontecimentos assustadores, essas catástrofes, esses flagelos trazem consigo um ensinamento. Eles nos lembram de que não devemos esperar da Natureza apenas coisas agradáveis, mas, sobretudo, coisas propícias à nossa educação e ao nosso avanço; que não estamos, aqui, para usufruir e adormecermos na quietude, mas para lutar,

DEPOIS DA MORTE

trabalhar, combater. Eles nos dizem que o homem não é feito unicamente para a Terra, que deve olhar mais alto, apenas se apegar às coisas materiais na medida justa e pensar que seu ser não é destruído pela morte.

A doutrina da evolução não exclui a das causas primárias e das causas finais. A ideia mais elevada, que se possa fazer de um ordenador, é de supô-lo formando um mundo capaz de se desenvolver através de suas próprias forças, e não por uma intervenção incessante e de contínuos milagres.

A Ciência, na medida em que avança no conhecimento da Natureza, pôde fazer Deus recuar, mas, recuando, Deus cresceu. O Ser eterno, do ponto de vista teórico da evolução, tornou-se tão majestoso quanto o Deus fantasioso da *Bíblia*. O que a Ciência arruinou para sempre é a noção de um Deus antropomórfico, feito à imagem do homem e exterior ao mundo físico. Uma noção mais elevada veio substituir esta: a de um Deus imanente, sempre presente ao acontecimento das coisas. A ideia de Deus, hoje, não exprime mais para nós a de um ser qualquer, mas a ideia do Ser, no qual estão contidos todos os seres.

O Universo não é mais essa criação,⁷⁶ essa obra tirada do nada, da qual falam as religiões. O Universo é um organismo imenso, animado por uma vida eterna. Assim como nosso próprio corpo é dirigido por uma vontade única que comanda seus atos e regula seus movimentos; assim como cada um de nós, através das modificações da sua carne, sente-se viver numa unidade permanente a que chamamos alma, a consciência, o eu, assim o Universo, sob suas formas

⁷⁶ Segundo Eugène Nus *Em Busca dos Destinos*, cap. XI), o verbo hebreu que traduzimos pela palavra *cria* significa *fazer passar do principio à essência*. (N.A.)

O UNIVERSO E DEUS

mutantes, variadas, múltiplas, se conhece, se reflete, se possui numa unidade viva, numa razão consciente que é Deus.

O Ser supremo não existe fora do mundo; ele é parte integrante deste, essencial. Ele é a unidade central, onde vêm ter êxito e se harmonizar todas as relações, o princípio de solidariedade e de amor pelo qual todos os seres são irmãos. Ele é o foco de onde irradiam e se espalham no Infinito todas as potências morais: a sabedoria, a justiça, a bondade!

Ele não é, portanto, criação espontânea, miraculosa; a criação é contínua, sem começo nem fim. O Universo sempre existiu; ele possui em si seu princípio de força, de movimento; traz consigo seu objetivo. O mundo se renova incessantemente em suas partes; no seu conjunto, ele é eterno.

Tudo se transforma e evolui pelo jogo contínuo da vida e da morte, mas nada perece. Enquanto que, nos céus sóis se tornam obscuros e se apagam, enquanto mundos envelhecidos se desagregam e se dissipam, em outros pontos, sistemas novos se elaboram, astros se acendem, mundos nascem para a luz. Ao lado da decrepitude e da morte, humanidades novas desabrocham num rejuvenescimento eterno.

A obra grandiosa segue através dos tempos sem-marcos e dos Espaços sem-limites, pelo trabalho de todos os seres, solidários uns aos outros e em proveito de cada um deles. O Universo nos oferece o espetáculo de uma evolução incessante, da qual todos participam. Um princípio imutável preside essa obra: é a unidade universal, unidade divina, a qual abraça, religa, dirige todas as individualidades, todas as atividades particulares, fazendo-as convergir para um objetivo comum, que é a perfeição na plenitude da existência.⁷⁷

⁷⁷ Ele é *um*, procriado de si mesmo, e desse *um* todas as coisas saíram, ele está nelas, e as envolve, e nenhum mortal o viu, mas ele próprio os vê a todos" ("*Hinos Órficos*"). (N.A.)

DEPOIS DA MORTE

*
* *

Enquanto as leis do mundo físico nos mostram a ação de um sublime ordenador, as leis morais, por intermédio da consciência e da razão, falam-nos eloquentemente de um princípio de justiça, de uma providência universal.

O espetáculo da Natureza, a visão dos céus, das montanhas, do mar apresentam ao nosso espírito a ideia de um Deus oculto no Universo.

A consciência mostra-o em nós, ou melhor, ela mostra em nós alguma coisa dele: é o sentimento do dever e do bem; é um ideal moral para o qual tendem as faculdades do espírito e os sentimentos do coração. O dever ordena imperiosamente; impõe-se; sua voz comanda todas as potências da alma. Há nele uma força que impulsiona os homens até o sacrifício. Apenas ele dá à existência sua grandeza, sua dignidade. A consciência é a manifestação em nós de uma potência superior à matéria, de uma realidade viva e agente.

A razão nos fala, igualmente, de Deus. Os sentidos fazem-nos conhecer o mundo material, o mundo dos efeitos; a razão nos revela o mundo das causas; ela é superior à experiência. Esta constata os fatos, a razão os agrupa e deles deduz as leis. Apenas ela nos demonstra que na origem do movimento e da vida encontra-se a inteligência, que o menor não pode conter o maior, nem o inconsciente produzir o consciente, o que resultaria, entretanto, da concepção de um Universo que se ignora a si mesmo. A razão descobriu as leis universais antes da experiência; esta apenas confirmou suas visões e dela forneceu a prova. Mas há graus na razão; essa faculdade não é igualmente desenvolvida em todos os homens. Daí, a desigualdade e a variedade de suas opiniões.

O UNIVERSO E DEUS

Se o homem soubesse se recolher e se estudar, se afastasse da sua alma toda a sombra que aí acumulam as paixões; se, rasgando o véu espesso nos quais os preconceitos, a ignorância, os sofismas o envolveram, descesse ao fundo da sua consciência e da sua razão, ele aí encontraria o princípio de uma vida interior completamente oposta à vida exterior. Através dela, ele poderia entrar em relação com a Natureza inteira, com o Universo e Deus, e essa vida lhe daria como um antegozo daquela que lhe reservam o futuro no Além e os mundos superiores. Ali também está o livro misterioso onde todos os seus atos, bons ou maus, inscrevem-se, onde todos os fatos da sua vida se gravam em caracteres indeléveis, para reaparecer numa resplandescente claridade na hora da morte.

Às vezes, uma voz poderosa, um canto grave e severo eleva-se dessas profundezas do ser, reprime-nos no meio das ocupações frívolas e dos cuidados da nossa vida, para nos chamar ao dever. Infeliz aquele que se recusa a ouvi-la! Um dia virá em que os remorsos lhe ensinarão que não se rechaça em vão as advertências da consciência.

Há, em cada um de nós, fontes ocultas de onde podem jorrar ondas de vida e de amor, virtudes, potências sem-conta. É aí, no santuário íntimo, que é preciso procurar Deus. Deus está em nós ou, pelo menos, há em nós um reflexo dele. Ora, o que não é não poderia ser refletido. As almas refletem Deus como as gotas do orvalho refletem as luzes do Sol, cada uma segundo o seu grau de pureza.

É através dessa percepção interior e não pela experiência dos sentidos, que os homens de gênio, os grandes missionários, os profetas conheceram Deus e suas leis e os revelaram aos povos da Terra.

DEPOIS DA MORTE

*
* *

Pode-se levar mais além do que fizemos a definição de Deus? Definir é limitar. Em face desse grande problema, a humana fraqueza aparece. Deus se impõe ao nosso espírito, mas escapa a qualquer análise. O Ser que preenche o tempo e o Espaço não será jamais medido por seres que o tempo e o Espaço limitam. Querer definir Deus, seria circunscrevê-lo e quase negá-lo.

As causas secundárias da vida universal se explicam, mas a causa primária permanece intocável na sua imensidade. Só chegaremos a compreendê-la depois de ter atravessado muitas vezes a morte.

Tudo o que podemos dizer para resumir é que Deus é a vida, a razão, a consciência, na sua plenitude. Ele é a causa eternamente ativa de tudo o que é, a comunhão universal onde cada ser vem haurir a existência para, em seguida, concorrer, na medida das suas faculdades crescentes e de sua elevação, à harmonia do conjunto.

Eis-nos bem distante do Deus das religiões, do Deus “forte e ciumento” que se rodeia de relâmpagos, reclama vítimas sangrentas e pune pela eternidade. Os deuses antropomórficos viveram. Fala-se muito ainda de um Deus ao qual se atribuem as fraquezas e as paixões humanas, mas esse Deus vê cada dia diminuir seu império.

Até aqui, o homem viu Deus apenas através de seu próprio ser e a ideia que dele se fez variou segundo o que contemplava com uma ou outra das suas faculdades. Considerado através do prisma dos sentidos, Deus é múltiplo; todas as forças da Natureza são deuses; assim nasceu o politeísmo. Visto pela inteligência, Deus é duplo, espírito e matéria, daí o dualismo. Para razão pura, ele parece triplo: alma, espírito

O UNIVERSO E DEUS

e corpo. Essa concepção fez nascer as religiões trinárias da Índia e o Cristianismo. Percebido pela vontade, captado pela percepção íntima, propriedade lentamente adquirida, como se adquiriram todas as faculdades do gênio, Deus é Único e Absoluto. Nele, os três princípios fundamentais do Universo se religam para constituir uma unidade viva.

Assim se explica a diversidade das religiões e dos sistemas, tanto mais elevados foram concebidos pelos espíritos, quanto mais puros e mais esclarecidos. Quando se considera do alto as coisas, as oposições de ideias, as religiões e os fatos históricos se explicam e se reconciliam numa síntese superior.

A ideia de Deus, sob as formas diversas de que se revestiu, evolui entre dois escolhos, sobre os quais fracassaram numerosos sistemas. Um deles, o panteísmo concluiu pela absorção final dos seres no Grande Todo. O outro é a noção de Infinito, que afasta tanto Deus do homem que parece suprimir qualquer relação entre eles.

A noção de Infinito foi combatida por certos filósofos. Embora incompreensível, não se saberia, entretanto, afastá-la, pois ela reaparece em todas as coisas. Por exemplo, o que há de mais sólido que o edifício das Ciências exatas? O número é a base delas; sem ele, não há mais Matemática. Ora, é impossível, levaríamos séculos para encontrar o número que exprimisse os números infinitos cujo raciocínio nos demonstra a existência. Acontece o mesmo com o tempo e o espaço. Além dos limites do mundo visível, o pensamento procura outros limites que, continuamente, furta-se ao seu golpe.

Uma única filosofia parece ter evitado esse duplo escolho e conseguiu religar princípios opostos na aparência. É a dos druidas gauleses. Eles se exprimiam assim na tríade 48.⁷⁸

⁷⁸ *Triades Bárdicas. Cyfrinach Beirdd Inys Prydain. (N.A.)*

DEPOIS DA MORTE

“Três necessidades de Deus: ser infinito em si mesmo, ser finito em relação ao finito e estar em relação com cada estado das existências no círculo dos mundos.”

Assim, de acordo com esse ensinamento, ao mesmo tempo simples e racional, o Ser infinito e absoluto por si mesmo se faz relativo e finito com suas criaturas, revelando-se continuamente sob aspectos novos, à medida do progresso e da elevação das almas. Deus está em relação com todos os seres. Penetra-os com seu espírito e envolve-os com seu amor, para uni-los num elo comum e ajudá-los a realizar suas aspirações.

Sua revelação, ou melhor, a educação que dá às humanidades, se faz gradual e progressiva, pelo ministério de seus grandes espíritos. A intervenção providencial manifesta-se na História pela aparição em tempos prescritos, no seio dessas humanidades, almas de elite encarregadas de ali introduzir as inovações, as descobertas que acelerarão seus progressos ou para ensinar os princípios de ordem moral necessárias à regeneração das sociedades.

Quanto à absorção final dos seres em Deus, o Druidismo dele escapava fazendo de Ceugant, círculo superior encerrando todos os outros círculos, a morada exclusiva do Ser divino. A evolução e o progresso das almas, perseguindo-se no sentido do Infinito, não podiam ter um fim.

*

* *

Retomemos o problema do mal, que preocupou tantos pensadores e dos quais falamos apenas incidentalmente.

Por que Deus, causa primária de tudo o que é, perguntam os cétricos, deixa subsistir o mal no Universo?

O UNIVERSO E DEUS

Vimos que o mal físico ou o que é considerado como tal, está, na realidade, na ordem dos fenômenos naturais. Seu caráter malfazejo é explicado, desde que se conheça a verdadeira razão das coisas. A erupção de um vulcão não é mais extraordinária do que a ebulição de um vaso cheio d'água. O raio que destrói os edifícios e as árvores é da mesma natureza que a centelha elétrica, veículo do nosso pensamento. É assim com todos os fenômenos violentos. A dor física permanece; mas sabe-se que ela é a consequência da sensibilidade e esta já é uma magnífica conquista que o ser só realizou depois de longos estágios passados nas formas inferiores da vida. A dor é uma advertência necessária, um estimulante para a atividade do homem. Ela nos obriga a voltarmos para dentro de nós mesmos e a refletirmos; ela nos ajuda a domar nossas paixões. A dor é o caminho do aperfeiçoamento.

Mas o mal moral, dir-se-á o vício, o crime, a ignorância, o triunfo dos maus e o infortúnio dos justos, como os explicariam?

Primeiro, de que ponto de vista nos colocamos para julgar as coisas? Se o homem vê somente o canto do mundo em que vive, se apenas vislumbra sua curta passagem pela Terra, como poderia conhecer a ordem eterna e universal? Para pesar o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, o justo e o injusto, é preciso elevar-se acima dos limites estreitos da vida atual e considerar o conjunto dos nossos destinos. Então, o mal aparece como um estado transitório, inerente ao nosso globo, como uma das fases inferiores da evolução dos seres para o bem. Não é no nosso mundo e no nosso tempo que é preciso procurar o ideal perfeito, mas na imensidade dos mundos e na eternidade dos tempos.

Todavia, se observamos a lenta evolução das espécies e das raças através das idades; se consideramos o homem

DEPOIS DA MORTE

dos tempos pré-históricos, o antropoide das cavernas, de instintos ferozes, e as condições de sua vida miserável, e se comparamos, em seguida, esse ponto de partida com os resultados obtidos pela civilização atual, veremos claramente a tendência constante dos seres e das coisas para um ideal de perfeição. A própria evidência no-lo demonstra: a vida sempre melhora, transforma-se e se enriquece, a soma do bem aumenta sem parar e a soma dos males diminui.

E se percebemos tempos de pausa e, às vezes, até de recuos nessa progressão para o melhor, é preciso não esquecer que o homem é livre, que ele pode determinar-se à sua vontade num sentido ou no outro. Seu aperfeiçoamento só é possível quando sua vontade está de acordo com a Lei.

O mal, oposição à lei divina, não pode ser a obra de Deus; é, então, a obra do homem, a consequência da sua liberdade. Em princípio, o mal, como a sombra, não tem existência real: é mais um efeito de contraste. As trevas se dissipam diante da luz; assim como o mal se desvanece desde que o bem aparece. O mal, em uma palavra, é apenas a ausência do bem.

Ora, diz-se, às vezes, que Deus poderia ter criado almas perfeitas e poupar-lhes, assim, das vicissitudes da vida terrestre. Sem pesquisar se Deus teria podido formar seres semelhantes a ele, nós responderemos que, desse fato, a vida e a atividade universais, a variedade, o trabalho, o progresso não teriam tido um objetivo; o mundo seria congelado na sua imóvel perfeição. A magnífica evolução dos seres através dos tempos não é preferível a um morno e eterno repouso? Um bem que não se merece nem se conquistou seria um bem e aquele que se obteria sem-esforço poder-se-ia apreciar-lhe o valor?

O UNIVERSO E DEUS

Diante da vasta perspectiva das nossas existências das quais cada uma é um combate pela luz; diante dessa ascensão grandiosa do ser elevando-se de círculos em círculos para o perfeito, o problema do mal desaparece.

Sair das baixas regiões da matéria e gravitar todos os degraus da hierarquia dos espíritos, libertar-se do jugo das paixões e conquistar uma a uma todas as virtudes, todas as ciências, tal é o objetivo para o qual a Providência formou as almas e dispôs os mundos, teatros predestinados de nossas lutas e de nossos trabalhos.

Creiamos nela e bendigamo-la! Creiamos nessa Providência generosa que tudo fez pelo nosso bem; lembremo-nos de que se parece que a existência tem lacunas na sua obra, elas provêm apenas da nossa ignorância e da nossa insuficiente razão. Creiamos em Deus, grande Espírito da Natureza, que preside o triunfo definitivo da justiça no Universo. Tenhamos confiança na sua sabedoria, que reserva compensações a todos os sofrimentos, alegrias a todas as dores, e avancemos com um coração firme os destinos que ele nos escolheu.

É belo, consolador e doce poder caminhar na vida, a frente erguida para os céus, sabendo que, mesmo nas tormentas, no meio das provas mais cruéis, no fundo dos cárceres como na beira dos abismos, uma Providência, uma Lei Divina plana sobre nós, rege nossos atos; que de nossas lutas, de nossas torturas, de nossas lágrimas, ela faz sair nossa própria glória e nossa felicidade. É nesse pensamento que está toda a força do homem de bem.



X

A ALMA IMORTAL

O estudo do Universo nos conduz ao estudo da alma, à busca do princípio que nos anima e dirige nossos atos.

A Fisiologia nos ensina que as diferentes partes do corpo humano se renovam num período de alguns anos. Sob a ação de duas grandes correntes vitais, uma troca perpétua de moléculas se produz em nós; as que desaparecem do organismo são substituídas uma a uma por outras provenientes da alimentação. Desde as substâncias moles do cérebro até as partes mais duras da estrutura óssea, todo nosso ser físico está submetido a contínuas mudanças. Nosso corpo se desfaz e se reforma inúmeras vezes durante a vida. Todavia, apesar das transformações constantes, através das modificações do corpo material, permanecemos sempre a mesma pessoa. A matéria do nosso cérebro pode se renovar, mas nosso raciocínio subsiste e, com ele, nossa memória, a recordação de um passado do qual nosso corpo atual não participou, absolutamente. Há, então, em nós, um princípio distinto da

DEPOIS DA MORTE

matéria, uma força indivisível que persiste e se mantém no meio dessas perpétuas mudanças.

Sabemos que a matéria não pode organizar-se a si mesma e produzir a vida. Desprovida de unidade, desagrega-se e divide-se até o Infinito. Em nós, ao contrário, todas as faculdades, todas as potências intelectuais e morais se agrupam numa unidade central que as abraça, religa-as, esclarece-as; e essa unidade é a consciência, a personalidade, o eu, em uma palavra, a alma.

A alma é o princípio da vida, a causa da sensação; é a força invisível, indissolúvel, que rege nosso organismo e mantém o acordo entre todas as partes do nosso ser.⁷⁹ As faculdades da alma nada têm em comum com a matéria. A inteligência, a razão, o raciocínio e a vontade não poderiam ser confundidos com o sangue de nossas veias ou a carne de nossos músculos. Da mesma forma que a consciência, esse privilégio que possuímos de pesar nossos atos, para discernir o bem do mal. Essa linguagem íntima que se dirige a qualquer homem, do mais humilde ao mais elevado, essa voz, cujos murmúrios podem perturbar o brilho das maiores glórias, nada tem de material.

Correntes contrárias se agitam em nós. Os apetites, os desejos da paixão aí se chocam contra a razão e o sentimento do dever. Ora, se fôssemos apenas matéria, não conheceríamos essas lutas, esses combates; deixar-nos-íamos ir sem pesares, sem remorsos, para nossas tendências naturais. Ao contrário, nossa vontade está frequentemente em conflito

⁷⁹ Isto, com a ajuda de um fluido vital, que lhe serve de veículo para a transmissão das suas ordens aos órgãos. Nós retornaremos mais adiante a esse terceiro elemento, que constitui o corpo *sutil* ou *perispírito*; esse sobrevive à morte e, inseparável da alma, acompanha-a em todas as suas peregrinações. (N.A.)

A ALMA IMORTAL

com os nossos instintos. Através dela, podemos escapar das influências da matéria, domá-la, fazer dela um instrumento dócil.

Não se veem homens, nascidos nas condições mais difíceis, superar todos os obstáculos, a pobreza, a doença, as enfermidades e chegar ao primeiro plano através de seus enérgicos e perseverantes esforços? Não se vê a superioridade da alma sobre o corpo afirmar-se de uma maneira mais brilhante ainda no espetáculo dos grandes sacrifícios e dos desenlaces históricos? Ninguém ignora como os mártires do dever, da verdade revelada antes da hora, como todos os que, pelo bem da Humanidade, foram perseguidos, supliciados, presos à cruz, puderam, no meio das torturas, até o limiar da morte, dominar a matéria e, em nome de uma grande causa, impor silêncio às revoltas da carne!

Se houvesse em nós apenas matéria, não veríamos, enquanto nosso corpo mergulha no sono, o espírito continuar a viver e a agir sem a ajuda de nenhum dos cinco sentidos e nos mostrar, através disso, que uma atividade incessante é a própria condição da sua natureza. A lucidez magnética, a visão a distância sem o concurso dos olhos, a previsão dos fatos, a penetração do pensamento, são tantas provas evidentes da existência da alma.

Assim, pois, fraco ou poderoso, ignorante ou esclarecido, um espírito vive em nós, rege esse corpo que é, sob sua direção, apenas um servidor, um simples instrumento. Esse espírito é livre e perfectível, por conseguinte responsável. Ele pode, à sua vontade, melhorar-se, transformar-se, tender para o bem. Confuso nuns, luminoso noutros, um ideal clareia seu caminho. Quanto maior é esse ideal, tanto mais as obras que ele inspira são úteis e gloriosas. Feliz a alma que um nobre entusiasmo sustenta na sua marcha: o amor da verdade, da

DEPOIS DA MORTE

justiça, da pátria, da Humanidade! Sua ascensão será rápida, sua passagem nesse mundo deixará traços profundos, um campo de onde brotará uma colheita bendita.

*

* *

Estabelecida a existência da alma, impõe-se desde logo o problema da imortalidade. Aí está uma questão da maior importância, pois a imortalidade é a única sanção que se oferece à lei moral, a única concepção a satisfazer nossas ideias de justiça e responder às mais elevadas esperanças da raça humana.

Se nossa entidade espiritual se mantém e persiste através da perpétua renovação das moléculas e as transformações do nosso corpo material, suas dissociações, seu desaparecimento final não poderia atingi-lo mais na sua existência.

Vimos que nada se aniquila no Universo. Quando a Química e a Física nos demonstram que nenhum átomo se perde, que nenhuma força se desvanece, como acreditar que essa unidade na qual se resumem todas as potências intelectuais, chegue a se dissolver? Como acreditar que esse eu consciente, em que a vida se desprende das cadeias da fatalidade, possa aniquilar-se?

Não somente a lógica e a moral, mas também — assim como veremos mais adiante — os próprios fatos, fatos de ordem sensível, ao mesmo tempo fisiológicos e psíquicos, tudo concorre para provar a persistência do ser consciente: a alma encontra-se no Além tal qual ela própria se fez através dos seus atos e seus trabalhos no decorrer da sua existência terrestre.

Se a morte fosse a última palavra de todas as coisas, se nossos destinos se limitassem a essa vida fugidia, teríamos essas aspirações por um estado melhor, por um estado per-

A ALMA IMORTAL

feito, do qual nada na Terra pode nos dar a ideia? Teríamos essa sede de conhecer, de saber, que nada pode apaziguar? Se tudo cessasse no túmulo, por que essas necessidades, esses sonhos, essas tendências inexplicáveis? Esse grito poderoso do ser humano que ecoa através dos séculos, essas esperanças infinitas, esses impulsos irresistíveis para o progresso e a luz, seriam apenas os atributos de uma sombra passageira, de uma agregação de moléculas apenas formada, e logo desfeita? O que , então, a vida terrestre, tão curta que não nos permite nem mesmo, na sua maior duração, atingir os marcos da Ciência; tão cheia de impotência, de amargura, de desilusão, que nela nada nos satisfaz inteiramente; a tal ponto que depois de haver obtido o objeto dos nossos desejos, tornamo-nos insaciáveis e nos deixamos levar na direção de um objetivo sempre mais distante, mais inacessível? A persistência que pomos em perseguir, apesar das decepções, um ideal que não é desse mundo, uma felicidade que nos foge sempre, é uma indicação suficiente de que há mais alguma coisa além da vida presente. A Natureza não poderia dar ao ser aspirações, esperanças irrealizáveis. As necessidades ilimitadas da alma reclamam, forçosamente, uma vida sem-limites.



XI

A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Sob que forma se desenvolve a vida imortal e o que é, na realidade, a vida da alma? Para responder a essas questões, é preciso retornar à sua fonte e examinar no seu conjunto o problema das existências.

Sabemos que, no nosso globo, a vida aparece primeiramente sob os aspectos mais simples, mais elementares, para elevar-se, através de uma progressão constante, de formas em formas, de espécies em espécies, até o tipo humano, coroamento da criação terrestre. Gradualmente, os organismos se desenvolvem e se afinam, a sensibilidade aumenta. Lentamente, a vida se liberta dos liames da matéria; o instinto cego cede o lugar à inteligência e à razão.

Essa escala de evolução progressiva, cujos degraus inferiores mergulham num tenebroso abismo, cada alma a percorreu? Antes de adquirir a consciência e a liberdade, antes de se possuir, na plenitude da sua vontade, teve que animar os organismos rudimentares, revestir as formas inferiores

DEPOIS DA MORTE

da vida? O estudo do caráter humano, ainda impregnado de bestialidade, levar-nos-ia a crer nisso. Todavia, a questão permanece pendente.⁸⁰

O sentimento de justiça absoluta nos diz que o animal, tanto quanto o homem, não deve viver e sofrer para nada. Uma cadeia ascendente e contínua parece religar todas as criações, do mineral ao vegetal, do vegetal ao animal e desse ao homem. Ela pode religar duplamente ao material como ao espiritual. Essas duas formas de evolução seriam paralelas e solidárias, a vida sendo apenas uma manifestação do espírito.

Qualquer que seja, a alma, tendo chegado ao estado humano, e adquirido a consciência, não pode retrogradar. Em todos os graus, as formas que ela reveste são a expressão de seu próprio valor. Não se deve acusar Deus de ter criado formas hediondas e malfazejas. Os seres não podem ter outras aparências que não sejam aquelas resultantes das suas tendências e dos hábitos adquiridos. Acontece que almas humanas escolhem corpos débeis e sofredores, para comprimir suas paixões e adquirir as qualidades necessárias ao seu avanço; mas na natureza inferior, nenhuma escolha poderia exercer-se; o ser recai, forçosamente, sob o império das atrações que desenvolvem em si.

Esse desenvolvimento gradual pode ser constatado por qualquer observador atento. Nos animais domésticos, as diferenças de caráter são apreciáveis. Nas mesmas espécies, certos indivíduos parecem muito mais avançados que outros. Alguns possuem qualidades que os aproximam sensivelmente do homem, e são suscetíveis de afeto e de devotamento. Sendo a matéria incapaz de amar e de sentir, é preciso neles admitir a existência de uma alma em estado embrionário.

⁸⁰ Ver *O Problema do Ser e do Destino*, cap. IX. *Evolução e Finalidade da Alma*. (N.A.)

A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Nada há, aliás, maior, mais justo, mais conforme à lei do progresso, do que essa ascensão das almas operando-se através de etapas sucessivas, no decorrer das quais formam-se elas próprias, libertam-se, pouco a pouco, dos instintos grosseiros, rompem sua carapaça de egoísmo para despertarem-se para a razão, para o amor, para a liberdade. É soberanamente justo que um mesmo aprendizado seja experimentado por todos e que cada ser só atinja um estado superior, depois de ter adquirido novas atitudes.

No dia em que a alma, bem-sucedida no estado humano, tiver conquistado sua autonomia, sua responsabilidade moral e cumprido o dever, ela não terá por isso atingido seu objetivo, terminado sua evolução. Longe de terminar, sua obra real começa; novas tarefas a chamam. As lutas do passado são apenas o prelúdio daquelas que o futuro lhe reserva. Seus renascimentos em corpos carnis se sucederão nesse globo. Cada vez, ela retomará, com órgãos rejuvenescidos, a obra de aperfeiçoamento interrompida pela morte, para segui-la e ir mais adiante. Viajante eterna, a alma deve subir, assim, de esfera em esfera para o bem, para a razão infinita, adquirir novos graus, crescer em ciência, em sabedoria, em virtude.

Cada uma de nossas existências terrestres é apenas um episódio da nossa vida imortal. Nenhuma alma poderia, nesse curto espaço de tempo, despojar-se de seus vícios, seus erros, todos os apetites vulgares que são tantos vestígios de suas vidas desvanecidas, quanto provas de sua origem.

Medindo o tempo que foi necessário à Humanidade, desde sua aparição sobre o globo, para chegar ao estado de civilização, compreenderemos que, para realizar seus destinos, para ascender de claridades em claridades para o

DEPOIS DA MORTE

absoluto, para o divino, seria necessário para a alma períodos sem-limites, vidas sempre renascentes.⁸¹

A pluralidade das existências pode sozinha explicar a diversidade dos caracteres, a variedade das atitudes, a desproporção das qualidades morais, em uma palavra, todas as desigualdades que chamam nossa atenção.

Fora dessa lei, perguntar-se-ia, em vão, por que certos homens possuem o talento, nobres sentimentos, aspirações elevadas, enquanto tantos outros só têm em partilha a tolice, paixões vis e instintos grosseiros.

O que pensar de um Deus que, determinando para nós uma única vida corporal, nos teria feito partes tão desiguais e, do selvagem ao civilizado, teria reservado aos homens bens tão pouco adequados e um nível moral tão diferente? Sem a lei das reencarnações é a iniquidade que governa o mundo.

A influência dos meios, a hereditariedade, as diferenças na educação, tudo tendo a sua importância, não são mais suficientes para explicar essas anomalias. Vemos os membros de uma mesma família, semelhantes pela carne e pelo sangue, alimentados pelos mesmos ensinamentos, diferenciar sobre muitos pontos. Homens excelentes tiveram monstros como

⁸¹ A lei das reencarnações não é somente demonstrada pela razão; ela é também provada pelos fatos. As experiências do coronel de Rochas sobre a regressão de memória, estas, mais antigas, dos experimentadores espanhóis Fernandez Colavida e Esteve Marata, assinalados no Congresso Espiritualista de 1900, estabelecem que, nas pessoas em estado de desligamento no sono magnético, as camadas profundas da memória, obscuras e mudas no estado de vigília, podem entrar em vibração. O “sujeito” se recorda dos menores detalhes de sua infância, assim como as lembranças das suas existências anteriores. Por esses estudos, o feixe das provas estabelecendo a realidade das preexistências do ser se constitui, pouco a pouco, e a personalidade humana se revela sob aspectos inteiramente novos. (Ver, para o conjunto dessas experiências, nossa obra *O Problema do Ser e do Destino*, cap. XIV.) (N.A.)

A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

filhos, por exemplo, Marco Aurélio que produziu Cômodo; e personagens célebres e estimados saíram de pais obscuros, desprovidos de valor moral.

Se tudo começasse por nós com a vida atual, como explicar tanta diversidade nas inteligências, tantos graus na virtude ou no vício, tantos degraus nas situações humanas? Um mistério impenetrável pairaria sobre esses gênios precoces, sobre esses espíritos prodigiosos que, desde sua infância, lançaram-se com ímpeto nas veredas da arte e da Ciência, enquanto tantos jovens empalidecem no estudo e permanecem medíocres, apesar dos seus esforços.

Todas essas obscuridades se dissipam diante da doutrina das existências múltiplas. Os seres que se distinguem pelo seu poder intelectual ou suas virtudes, viveram mais, trabalharam mais, adquiriram uma experiência e aptidões mais vastas.

Os progressos e a elevação das almas dependem unicamente de seus trabalhos, da energia ostentada por elas no combate da vida. Umam lutam com coragem e franqueiam rapidamente os degraus que as separam da vida superior, enquanto outras se imobilizam durante séculos através de existências ociosas e estéreis. Mas essas desigualdades, resultado de ações do passado, podem ser resgatadas e niveladas através de nossas vidas futuras.

Em resumo, o ser se constrói através do desenvolvimento gradual das forças que nele estão. Inconsciente no início da sua carreira, sua vida torna-se mais inteligente e consciente, logo que chega à condição de humanidade e entra na posse de si mesma. Sua liberdade é ainda limitada pela ação das leis naturais que intervêm para assegurar sua conservação. Assim, o livre-arbítrio e o fatalismo equilibram-se

DEPOIS DA MORTE

e temperam um o outro. A liberdade e, conseqüentemente, a responsabilidade são sempre proporcionais ao adiantamento do ser.

Tal é a única solução racional do problema. Através da sucessão dos tempos, na superfície de milhares de mundos, nossas existências desenrolam-se, passam e se renovam: em cada uma delas um pouco do mal que está em nós desaparece, nossas almas se fortificam, se depuram, penetram mais adiante no nosso caminho sagrado, até que, livres das reencarnações dolorosas, tenham conquistado pelos seus méritos o acesso aos círculos superiores, onde irradiam, eternamente, beleza, sabedoria, poder, amor!



XII

O OBJETIVO DA VIDA

Por esses dados, a claridade se faz em nós e em torno de nós; nossa estrada se determina: sabemos o que somos e para onde vamos.

Desde então, não se trata mais de procurar satisfações materiais, mas de trabalhar com ardor pelo nosso adiantamento. O alvo supremo é a perfeição; o caminho, que a ele conduz, é o progresso; ele é longo e se percorre passo a passo. O objetivo, distante, parece recuar à medida que se avança, mas, a cada etapa vencida, o ser recolhe o fruto de seus trabalhos; enriquece sua experiência e desenvolve suas faculdades.

Nossos destinos são idênticos. Não há privilegiados nem malditos. Todos percorrem o mesmo caminho e, através de mil obstáculos, são chamados a realizar os mesmos fins. Somos livres, é verdade, para acelerar ou diminuir nossa marcha, para nos mergulhar nos gozos grosseiros, para nos retardar durante vidas inteiras no vício ou na ociosidade,

DEPOIS DA MORTE

mas cedo ou tarde o sentimento do dever se revela, a dor vem sacudir nossa apatia, e retomamos, forçosamente, nossa jornada.

Entre as almas só há diferenças de graus, diferenças que lhes é permitido transpor no futuro. Usando nosso livre-arbítrio, não caminhamos com o mesmo passo, e isso explica a desigualdade intelectual e moral dos homens; mas todos, filhos do mesmo Pai, devemos nos reaproximar dele na sucessão das nossas existências, para formar com nossos semelhantes uma só família, a grande família dos espíritos, que povoa todo o Universo.

Não há mais lugar nesse mundo para as ideias de paraíso e de inferno eterno. Vemos na imensidade apenas seres que perseguem sua própria educação e que se elevam pelos seus esforços no seio da harmonia universal. Cada um deles cria sua situação pelos seus atos, cujas consequências recaem sobre si mesmo, ligam-no e o prendem. Quando sua vida está entregue às paixões e fica estéril para o bem, o ser se avilta; sua situação se apequena. Para lavar suas manchas, deverá reencarnar em mundos de provas e, ali, purificar-se pelo sofrimento. Cumprida essa purificação, recomeça sua evolução. Não há provações eternas, mas uma reparação proporcional às faltas cometidas é necessária.

Não temos outro juiz nem outro carrasco que não seja nossa consciência. Mas esta, assim que se desprende das sombras materiais, torna-se imperiosa e obsessora. Na ordem moral, como na ordem física, só há causas e efeitos, que são regidos por uma lei soberana, imutável, infalível. O que, em nossa ignorância, chamamos injustiça da sorte é somente a reparação do passado. O destino humano é o pagamento da dívida contraída para conosco e para com a lei.

O OBJETIVO DA VIDA

A vida atual é, então, a consequência direta, inevitável de nossas vidas passadas, como nossa vida futura será a resultante de nossas ações presentes. Vindo animar um corpo novo, a alma traz com ela, a cada renascimento, a bagagem de suas qualidades e de seus defeitos, todos os bens e os males acumulados pela obra do passado. Assim, na sequência das nossas vidas, construímos com nossas próprias mãos nosso ser moral, edificamos nosso futuro, preparamos o meio onde devemos renascer, o lugar que devemos ocupar.

Com a lei da reencarnação, a soberana justiça reina sobre os mundos. Cada ser, tendo chegado a se possuir na sua razão e na sua consciência, torna-se o artesão de seus destinos e forja ou quebra, à vontade, as cadeias que o prendem à matéria. As situações dolorosas que certos homens suportam se explicam pela ação dessa lei. Toda vida culpada deve ser resgatada. Uma hora virá em que as almas orgulhosas renascerão em condições humildes e servis, em que o ocioso deverá aceitar penosos trabalhos. Em que aquele que fez sofrer, sofrerá a seu turno.

Todavia, a alma não está presa para sempre nessa Terra obscura. Depois de haver adquirido as qualidades necessárias, ela a deixa e parte para mundos mais esclarecidos. Percorre o campo semeado dos Espaços de esferas e de sóis. Um lugar ser-lhe-á dado no seio das humanidades que os povoam. Progredindo ainda nesses novos meios, aumentará continuamente sua riqueza moral e seu saber. Após um número incalculável de mortes e renascimentos, de quedas e de ascensões, liberta das reencarnações, gozará da vida celeste, da qual participará no governo dos seres e das coisas, contribuindo pelas suas obras com a harmonia universal e com a execução do plano divino.

DEPOIS DA MORTE

Assim é o mistério de Psyché, a alma humana. A alma traz, gravada em si mesma, a lei dos seus destinos. Aprender a soletrar os preceitos, a decifrar esse enigma, eis a verdadeira ciência da vida. Cada centelha arrancada do foco divino, cada conquista sobre si mesma, sobre suas paixões, sobre seus instintos egoístas, proporciona-lhe uma alegria íntima, tanto mais viva quanto mais lhe tenha custado essa conquista. E, aí, está o céu prometido aos nossos esforços. Esse céu não está longe de nós: ele está em nós. Felicidades ou remorsos, o homem traz, no mais profundo do seu ser, sua grandeza ou sua miséria, consequência de seus atos. As vozes, melodiosas ou severas, que dele se elevam, são as intérpretes fiéis da grande lei, tanto mais potentes quanto mais alto ele tenha subido na escala do aperfeiçoamento.

A alma é um mundo, um mundo onde se misturam ainda as sombras e as claridades e cujo estudo atento nos faz caminhar de surpresa em surpresa. Nos seus recônditos, todas as potências estão em gérmen, esperando a hora da fecundação para desabrochar em feixes de luz. À medida que se purifica, suas percepções aumentam. Tudo o que nos encanta, no seu estado presente, os dons do talento, os fulgores do gênio, tudo isso é pouco, comparado ao que um dia adquirirá, quando tiver chegado às supremas altitudes. Ela já possui imensos recursos ocultos, sentidos íntimos, variados e sutis, fontes de vivas impressões, os quais nosso invólucro grosseiro entrava, quase sempre, o exercício.

Apenas algumas almas de elite, desligadas por antecipação das coisas terrestres, depuradas pelo sacrifício, sentiram as primícias nesse mundo. Todavia, não encontraram,

O OBJETIVO DA VIDA

absolutamente, expressões para descrever as sensações que as embriagaram. E, na sua ignorância da verdadeira natureza da alma e dos tesouros que ela contém, os homens riram daquilo que chamaram de ilusões e quimeras.



XIII

AS PROVAS E A MORTE

Fixado o objetivo da existência, mais elevado que a fortuna, mais elevado que a felicidade, toda uma revolução se produz às nossas vistas. O Universo é uma arena onde a alma luta pela sua elevação; ela a obtém pelos seus trabalhos, pelos seus sacrifícios, pelos seus sofrimentos. O sofrimento, seja físico ou moral, é um dos elementos necessários da evolução, um poderoso meio de desenvolvimento e de progresso. Ele nos ensina a nos conhecermos melhor, a dominar nossas paixões e a amar melhor os outros. O que o ser deve procurar na sua jornada, é a ciência e o amor, simultaneamente. Quanto mais se sabe, mais se ama, mais se eleva. O sofrimento nos obriga a estudar para combater e vencer as causas que o fazem nascer, e o conhecimento dessas causas desperta em nós uma simpatia mais viva por aqueles que sofrem.

A dor é a purificação suprema, a escola onde se aprendem a paciência, a resignação, todos os deveres austeros. É a

DEPOIS DA MORTE

fornalha onde se funde o egoísmo, onde se dissolve o orgulho. Às vezes, nas horas sombrias, a alma submetida à prova se revolta, renega Deus e sua justiça; depois, quando passa a tormenta e que ela examina, vê que esse mal aparente era um bem; reconhece que a dor tornou-a melhor, mas acessível à piedade, mais caritativa com os infelizes.

Todos os males da vida concorrem para o nosso aperfeiçoamento. Pela humilhação, pelas enfermidades, pelos revezes, lentamente, o melhor se separa do pior. É por isso que nesse mundo há mais sofrimento que alegria. A prova tempera os caracteres, afina os sentimentos, doma as almas fogosas ou altivas.

A dor física tem também sua utilidade. Desata quimicamente, os laços que prendem o espírito à carne; separa-o dos fluidos grosseiros que o envolvem, mesmo depois da morte e o retém nas regiões inferiores.⁸²

Não maldigamos a dor; só ela nos arranca da indiferença, da volúpia. Esculpe nossa alma, dá-lhe sua forma mais pura, sua beleza mais pura.

A prova é um remédio infalível para nossa inexperiência. A Providência procede para conosco como uma mãe previdente para com seu filho indócil. Quando resistimos aos seus apelos, quando nos recusamos a seguir seus avisos, deixa-nos sofrer as decepções e os revezes, sabendo que a adversidade é a melhor escola onde se aprende a sabedoria.

Tal é o destino do maior número nesse mundo. Sob um céu sulcado de raios, às vezes, é preciso seguir o caminho árduo, os pés dilacerados pelas pedras e pelas sarças. Um

⁸² Essa ação explica, em certos casos, as curtas existências das crianças mortas em tenra idade. Essas almas puderam adquirir na Terra o saber e a virtude necessários para elevar-se mais alto. Como um resto de materialidade impedisse ainda seu voo, retornam para terminar pelo sofrimento sua completa depuração. (N.A.)

AS PROVAS E A MORTE

espírito vestido de negro guia nossos passos: é a dor, dor santa que devemos bendizer, pois só ela, sacudindo nosso ser, separa-o das futilidades vãs com as quais ele gosta de se enfeitar, torna-o apto a sentir o que é verdadeiramente nobre e belo.

*
* * *

Esses ensinamentos fazem com que a morte perca todo caráter medonho; ela é apenas uma transformação necessária, uma renovação. Na realidade, nada morre. A morte é apenas aparente. Só a forma exterior muda; o princípio da vida, a alma, mantém-se na sua unidade permanente, indestrutível. Ela se encontra além do túmulo, ela e seu corpo fluídico, na plenitude de suas faculdades, com todas as aquisições: luzes, aspirações, virtudes, poderes, dos quais enriqueceu-se durante suas existências terrestres. Eis os bens imperecíveis dos quais fala o Evangelho, quando ele diz: “Nem os vermes nem a ferrugem corroem, e os ladrões não os furtam.” São as únicas riquezas que nós podemos levar conosco, utilizar na vida futura.

A morte e a reencarnação, que se lhe segue num dado tempo, são duas formas essenciais do progresso. Rompendo os hábitos acanhados que havíamos contraído, elas nos obrigam a adaptar nosso espírito às mil faces da ordem social e universal.

Quando a noite da vida chega, quando nossa existência, semelhante à página de um livro, vai se virar para dar lugar a uma página em branco, uma nova página, o sensato passa em revista seus atos. Feliz aquele que, nessa hora, pode dizer: Meus dias foram plenos! Feliz aquele que aceitou com resignação, suportou com coragem suas provas! Estas,

DEPOIS DA MORTE

rasgando sua alma, deixaram extravasar tudo o que nelas havia de amargura e de fel. Repassando na consciência essa vida difícil, o sensato abençoará os sofrimentos experimentados. Estando em paz sua consciência, verá sem-temor aproximar-se o instante da partida.

Digamos adeus às teorias que fazem da morte o prelúdio do nada ou de castigos sem-fim. Adeus, sombrios fantasmas da Teologia, dogmas medonhos, sentenças inexoráveis, suplícios infernais! A vez da esperança! A vez da vida eterna! Não mais obscuras trevas, é a luz resplandecente que sai dos túmulos.

Vocês já viram a borboleta de asas matizadas despojar a informe crisálida onde se fechou a lagarta repugnante? Viram o inseto que, antes, arrastava-se pelo solo, agora livre, franquear, esvoaçar no ar ensolarado, no meio do perfume das flores? Não há imagem mais fiel do fenômeno da morte. O homem também é uma crisálida, que a morte decompõe. O corpo humano, vestimenta de carne, despojo miserável, retorna ao laboratório da Natureza; mas o espírito, depois de haver cumprido sua obra, lança-se numa vida mais elevada, nessa vida espiritual que sucede à existência corporal, como o dia sucede à noite e separa cada uma das nossas encarnações.

Compenetrados desses princípios, não temeremos mais a morte. Como nossos pais, os gauleses, ousaremos olhá-la de frente, sem-terror. Não mais temores nem lágrimas, não mais aparelhos sinistros nem cantos lúgubres. Nossos funerais tornar-se-ão uma festa, na qual celebraremos a libertação da alma, seu retorno à verdadeira pátria.

A morte é a grande reveladora. Nas horas de provação, quando a sombra nos envolve, às vezes nos perguntamos: Por que nasci? Por que não permaneci na noite profunda, lá, onde não se sente, onde não se sofre, onde se dorme o sono

AS PROVAS E A MORTE

eterno? E, nessas horas de dúvida, de angústia, de aflição, uma voz subia até nós, e essa voz dizia:

Sofre para te engrandeceres e para te depurares! Sabe que teu destino é grande. Essa terra fria não será teu sepulcro. Os mundos que brilham no fundo dos céus são tuas moradas do futuro, a herança que Deus te reserva. Tu és para sempre cidadão do Universo; pertences aos séculos futuros como aos séculos passados e, na hora presente, preparas tua elevação. Suporta, então, com calma os males por ti mesmo escolhidos. Semeia na dor e nas lágrimas o grão que brotará nas tuas próximas vidas; semeia também para os outros, como outros semearam por ti! espírito imortal, avança com passo firme na vereda escarpada para as alturas de onde o futuro te aparecerá sem-véu. A ascensão é rude e o suor inundará frequentemente teu rosto; mas, do cume, verás despontar a grande luz, verás brilhar no horizonte o Sol de verdade e justiça!

A voz que nos fala, assim, é a dos mortos, a das almas amadas que nos precederam no país da verdadeira vida. Bem longe de dormir sob a pedra, elas velam por nós. Do fundo do invisível, olham-nos e nos sorriem. Adorável e divino mistério! Comunicam-se conosco. Dizem-nos: Basta de dúvidas estéreis, trabalhem e amem. Um dia, preenchida sua tarefa, a morte nos reunirá!



XIV

OBJEÇÕES

Como se vê, muitas questões, insolúveis para um grande número de escolas, são resolvidas pela doutrina das vidas sucessivas. As terríveis objeções com a ajuda das quais o ceticismo e o materialismo fizeram brecha no edifício teológico; o mal, a dor, a desigualdade dos méritos e das condições humanas, a injustiça aparente da sorte, todas essas dificuldades se esvaem diante da filosofia dos espíritos.

Entretanto, uma dificuldade subsiste, uma objeção se ergue com força contra ela. Se já vivemos no passado, se outras vidas precederam o nascimento, por que perdemos a lembrança disso?

Esse obstáculo, de aparência terrível, é fácil de ser descartado. A memória das coisas vividas, de atos efetuados, não é uma condição necessária da existência.

Nenhum de nós se lembra do tempo passado no seio de sua mãe ou mesmo no berço. Poucos homens conservam a memória das impressões e dos atos da primeira infância. Entretanto, ali estão partes integrantes de nossa existência

DEPOIS DA MORTE

atual. Cada manhã, ao despertar, perdemos a lembrança da maior parte de nossos sonhos, embora esses sonhos nos tenham parecido, no momento, igualmente, realidades. Só nos restam sensações confusas experimentadas pelo espírito quando recai sob a influência material.

Nossos dias e nossas noites são como nossas vidas terrestres e espirituais, e o sono parece tão inexplicável quanto a morte. Todos dois nos transportam, alternadamente, para meios distintos e para condições diferentes, o que não impede nossa identidade de manifestar-se e de persistir através desses estados variados.

No sono magnético, o espírito, desprendido do corpo, lembra-se de coisas que esquecerá ao retornar à carne, mas das quais recobrará o encadeamento quando retornar ao estado de lucidez.

Esse estado de sono provocado desenvolve nos sonâmbulos aptidões especiais, que desaparecem no estado de vigília, abafadas, aniquiladas pelo invólucro corporal.

Nessas diversas condições, o ser psíquico parece atravessar dois estados de consciência, duas fases alternadas da existência, que se encadeiam e se envolvem uma na outra. O esquecimento, assim como uma espessa cortina, separa o sono do estado de vigília, como separa cada vida terrestre das existências anteriores e da vida do Espaço.

Se as impressões que a alma sente no decurso da vida atual, no estado de desprendimento completo, seja através do sono natural, seja através do sono provocado, não podem ser transmitidas ao cérebro, deve-se compreender que as recordações de uma vida anterior sê-lo-iam mais dificilmente ainda. O cérebro não pode receber e armazenar senão as impressões comunicadas pela alma no estado de cativo na matéria. A memória só poderia reproduzir o que ela registrou.

OBJEÇÕES

A cada renascimento, o organismo cerebral constitui, para nós, como um livro novo sobre o qual se gravam as sensações e as imagens. Retornando à carne, a alma perde a lembrança de tudo o que viu e realizou no estado de liberdade, e só tornará a lembrar-se quando abandonar de novo sua prisão temporária.

O esquecimento do passado é, para o homem, a condição indispensável de toda prova e de todo progresso terrestre. Esse passado de cada um de nós tem suas manchas e suas nódoas. Percorrendo a série dos tempos dissipados, atravessando as idades de brutalidade, devemos ter acumulado muitas faltas, muitas iniquidades. Escapados apenas ontem da barbárie, o fardo dessas lembranças seria acabrunhador para nós. A vida terrestre é, às vezes, difícil de suportar. Seria muito mais ainda se, no cortejo de nossos males presentes, viesse juntar-se a memória dos sofrimentos ou das vergonhas passadas.

A recordação das nossas vidas anteriores não estaria igualmente ligada à recordação do passado dos outros? Subindo a cadeia das nossas existências, a trama da nossa própria história, encontraríamos o vestígio das ações dos nossos semelhantes. As inimizades perpetuar-se-iam; as rivalidades, os ódios, a discórdia reavivar-se-iam de vidas em vidas, de século em século. Nossos inimigos, nossas vítimas de outrora reconhecer-nos-iam e nos perseguiriam com sua vingança.

É bom que o véu do esquecimento nos esconda uns dos outros e, fazendo desaparecer momentaneamente nosso passado recíproco, poupe-nos de lembranças penosas e, talvez, de incessantes remorsos. O conhecimento das nossas faltas e das consequências que arrastam, erguendo-se diante de nós como uma medonha e perpétua ameaça, paralisaria nossos esforços, tornaria nossa vida insuportável e estéril.

DEPOIS DA MORTE

Sem o esquecimento, os grandes culpados, os criminosos célebres estariam marcados pela eternidade. Vemos os condenados da justiça humana, depois de sofrida sua punição, perseguidos pela desconfiança universal, rechaçados com horror por uma sociedade que lhes recusa um lugar no seu seio e os atira, por isso mesmo no exército do mal. O que seria se os crimes do passado longínquo se traçassem de novo à vista de todos?

Quase todos temos necessidade de perdão e de olvido. A sombra que esconde nossas fraquezas e nossas misérias alivia nosso espírito, tornando-nos a reparação menos penosa. Depois de ter bebido as águas do Letes,⁸³ renascemos mais alegremente para uma vida nova. Os fantasmas do passado dissipam-se. Transportados para um meio diferente, nosso ser desperta para outras sensações, abre-se para outras influências, abandona com mais facilidade os erros e os hábitos que retardaram, outrora, sua marcha. A alma do culpado, renascendo sob a forma de uma criancinha, encontra à sua volta a ajuda e a ternura necessárias ao seu reerguimento. Nesse ser fraco e encantador, ninguém imagina reconhecer o espírito vicioso que vem resgatar um passado manchado.

Para certos homens, o passado não está, entretanto, absolutamente apagado. O sentimento confuso do que foram jaz no fundo de sua consciência. É a fonte das intuições, das ideias inatas, das vagas lembranças e dos misteriosos pressentimentos, como um eco enfraquecido dos tempos decorridos. Analisando essas impressões, estudando-se a si mesmo com atenção, não seria impossível reconstituir esse

⁸³ **Letes:** Um dos rios do Inferno, cujas águas traziam o esquecimento às almas dos mortos. (Nota da Tradutora segundo o *Dictionário Petit Larousse Illustré*, suas notas seguintes conterão apenas as iniciais N.T.)

OBJEÇÕES

passado, senão nos seus detalhes, pelo menos nos seus traços principais.

No final de cada existência, lembranças longínquas renascem, pouco a pouco, e saem da sombra. Avançamos passo a passo, tateando na vida. Vinda a morte, progressivamente tudo se esclarece. O passado explica o presente e o futuro ilumina-se com claridade nova.

A alma, voltando à vida espiritual, recobra a plenitude das suas faculdades. Começa, então, para ela um período de exame, de repouso, de recolhimento, durante o qual ela se julga e avalia o caminho percorrido. Recebe os avisos, os conselhos dos espíritos mais adiantados. Guiada por eles, tomará resoluções viris e, na ocasião certa, escolhendo um meio favorável, tornará a descer num novo corpo.

Voltando à carne, a alma perderá ainda a memória das vidas passadas, ao mesmo tempo que a recordação dessa vida espiritual, a única verdadeiramente livre e completa, perto da qual a morada terrestre lhe pareceria medonha. Longa será a luta, penosos os esforços necessários para tomar consciência de si mesma e recuperar suas potências ocultas; mas conservará sempre a intuição, o sentimento vago das resoluções tomadas antes de renascer; e, seguindo o curso das suas existências, melhorar-se-á pelo trabalho e o sofrimento.



